Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 7 DE MARÇO DE 1974 N.º 018390 ANO 53.º PREÇO 2$50

Assegurado o abastecimento de óleos alimentares

Os trabalhos de construção civil do parque industrial piloto de Braga-Guimarães começarão antes do final do ano, foi anunciado esta manhã numa reunião dos porta-vozes do Ministério da Economia com os representantes da imprensa.

A criação deste parque, cujos trabalhos de lançamento constituem, presentemente, a principal preocupação da Empresa Pública de Parques Industriais, visa o encorajamento da expansão das pequenas e médias empresas, procurando satisfazer, simultâneamente, os imperativos da política de desenvolvimento regional minhoto. Tal como a posterior criação de outros parques industriais, de acordo com a estratégia de ordenamento industrial contida no IV Plano de Fomento, corresponde à premente necessidade de descongestionar certas zonas do País, como meio de reduzir a pressão sobre os recursos e infra-estruturas, e à necessidade de reorganização dos espaços urbanos de outras áreas em crescimento desmedido. Além de numerosas outras vantagens, as empresas que se instalarem no parque industrial de Braga-Guimarães, beneficiarão de incentivos fiscais e financeiros.

Em resposta a outra pergunta do «Diário de Lisboa» (a reunião foi inteiramente ocupada com respostas a perguntas formuladas pelo nosso jornal), o sr. dr. Herlander Duarte afirmou que não haverá problemas quanto ao abastecimento do País em óleos vegetais alimentares.

Continua na pág. 20

QUEBRADO O IMPASSE

O presidente e o vice-presidente do sindicato dos mineiros britânicos, respectivamente Joe Gormeley e Mike MacGahey, à chegada ontem à sede da Junta Nacional do Carvão, onde decorreram as negociações que permitiram quebrar o impasse, após o regresso dos Trabalhistas ao Poder. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Os mineiros ingleses regressam ao trabalho na segunda-feira

LONDRES, 7 (R. e UPI-ANI) — O Governo trabalhista de Harold Wilson conseguiu ontem à noite chegar a um acordo com os dirigentes sindicais dos mineiros em greve, os quais aceitaram uma proposta de aumento que representa mais do dobro daquilo que o anterior Governo conservador estava disposto a autorizar.

Após doze horas de negociações, a comissão executiva do sindicato aprovou por 25 votos contra 2 a proposta governamental, que será no entanto submetida amanhã à ratificação directa dos trabalhadores, reunidos em vários pontos do país nas respectivas delegações sindicais.

O presidente do sindicato, Joe Gormley, no final das negociações declarou: «Estou bastante satisfeito. Não obtivemos tudo o que pretendiamos mas de qualquer forma é uma solução razoável».

Gormley acrescentou estar convencido de que os mineiros ratificarão o acordo por esmagadora maioria, o que permitirá o regresso ao trabalho já na próxima segunda-feira.

Entidades governamentais declaram por outro lado que o gabinete espera conseguir que a indústria regresse à semana de cinco dias.

DESAVENÇAS EM CENA

Assembleia de meia hora no Experimental do Porto

PORTO, 7 — Convocada por um anúncio publicado num jornal desta cidade para esclarecer os associados sobre as questões levantadas por um número de sócios, relativamente ao acto eleitoral do dia 28-12-1973», a assembleia-geral do Círculo de Cultura Teatral (Teatro Experimental do Porto), ontem realizada, acabou, ao fim de meia hora, por determinação do respectivo presidente, Olímpio Magalhães Pinto, para continuar, segundo disse, «de hoje a oito dias com a presença das autoridades a fim de manter o respeito pela mesa».

Com a presença de cerca de três dezenas de associados do T.E.P., uma vez constituída a mesa, o presidente da assembleia-geral saído dos corpos gerentes eleitos em 28 de Dezembro último, depois de referir que era a primeira vez que presidia a uma assembleia da colectividade e que não estava disposto a permitir que se repetisse o «panorama pouco edificante» evidenciado em anteriores assembleias («onde se chegava ao desrespeito pela própria mesa», concluiu), deu a conhecer os factos que levaram à sua convocação. Assim, referiu dois requerimentos, feitos por associados cuja lista era encabeçada por Maria Manuela Melo e por Manuel Domingos de Sousa Pereira e leu em seguida uma carta do anterior presidente da assembleia-geral (e que nessa qualidade dirigira a assembleia do último acto eleitoral) Egito Gonçalves. Aí se dizia da discordância do signatário pela convocação da assembleia de ontem, pois não via nela «qualquer vantagem para o Círculo de Cultura Teatral».

Concluiu o presidente da mesa, Olímpio Magalhães Pinto, que a carta lida vinha confirmar a sua posição no sentido que já havia referido: a assembleia só podia realizar-se com a presença da mesa que dirigira as eleições de Dezembro.

Afirmou, então, o presidente da mesa: «Antes de falar dos motivos que me trouxeram aqui (falarei como elemento dos

Continua na pág. 20

NIXON DISPOSTO A DEPÔR SOB JURAMENTO NO CASO WATERGATE

WASHINGTON, 7 — (R.) — O presidente Nixon anunciou estar disposto a depôr sob juramento perante membros da comissão do Congresso que prepara a sua impugnação mas ao mesmo tempo reafirmou a sua inocência no caso Watergate garantindo que nada soube do que se passava até 21 de Março do ano passado.

Falando numa conferência de Imprensa que convocou especialmente para o efeito ontem à noite, aparentemente numa última tentativa para dissipar as dúvidas a seu respeito e travar o processo da impugnação, Nixon garantiu não ter tomado parte em qualquer conspiração para abafar o escândalo, negou ter alguma vez oferecido medidas de clemência administrativa aos elementos envolvidos ou autorizado o pagamento de qualquer quantia para comprar o seu silêncio.

Em princípio o presidente anunciou apenas estar disposto a responder na Casa Branca às perguntas de dois dos principais elementos da Comissão Judicial da Câmara dos Representantes, mas deixou em aberto a possibilidade de, futuramente, aceitar ser interrogado publicamente em sessão plenária da comissão.

Falando sobre problemas económicos, o presidente Nixon declarou na conferência de Imprensa que em 1974 não haverá retrocesso no progresso económico.

Vaticinou também que os preços dos produtos alimentares — o segundo dos grandes factores que contribuem para a inflação na América — serão igualmente mantidos sob controlo.

Falando, do Médio Oriente, Nixon disse que os Estados Unidos utilizarão toda a sua influência para conseguirem, o mais cedo possível, um afastamento de forças entre israelitas e sírios.

Um jornalista segura num cartaz chamando a atenção do presidente Nixon para uma sua pergunta no decorrer da última conferência de Imprensa do chefe do Executivo norte-americano (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Manifestantes alvejados na Guatemala

CIDADE DA GUATEMALA, 7 (R) — A polícia disparou a noite passada sobre manifestantes protestando por causa de alegadas fraudes na eleição presidencial de domingo último na República da Guatemala, na América Central.

O antigo ministro da Defesa general Kjell Laugeraud, apoiado pelo presidente cessante Carlos Arana Osorio, foi proclamado vencedor após terem sido contados apenas 65 por cento dos votos.

"MOLIÈRE E O TEATRO PORTUGUÊS"

O dr. António Coimbra Martins, subdirector do Centro Cultural Português de Paris da Fundação Gulbenkian, profere hoje, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, às 18 e 30, uma conferência subordinada ao tema «Molière e o Teatro Português».

28 páginas incluindo Suplemento Literário

Aberto o caminho para importante diálogo na África do Sul

PRETORIA, 7 — (R.) — Uma cimeira sem precedentes entre o primeiro-ministro John Vorster e os chefes de oito regiões tribais semi-autónomas da Africa do Sul terminou com uma nota de saudável optimismo, pois as conversações poderão ter aberto o caminho para um importante diálogo a longo prazo entre os dois lados.

As discussões, que se travaram ontem nesta cidade durante nove horas, assinalaram a primeira vez que um primeiro-ministro sul-africano se sentou a uma mesa de conferência com todos os chefes de regiões tribais semi-autónomas e o próprio facto de os dois lados se irem reunir deu à cimeira importância mesmo antes dela começar.

Os assuntos discutidos incluíram os pedidos dos chefes das regiões tribais semi-autónomias de mais terra, pois os seus territórios constituem apenas 13 por cento do solo sul-africano, discriminação racial contra negros e a lacuna no que respeita a salários entre africanos e brancos.

A conferência tratou também da questão de eventual independência para os bântustões, que Pretória está a levar para um provável auto-Governo autónomo.

Vorster repetiu a opinião de que as regiões tribais semi-autónomas tinham a liberdade de pedir a independência quando a desejassem, mas nenhum dos ministros africanos que assistiu às conversações apresentou tal pedido.

DL/NACIONAL

ASSEMBLEIA DIA A DIA

TORQUATO DA LUZ

"SIM" A MARCELLO CAETANO

Apoio incondicional à política ultramarina do Governo, eis a nota dominante das intervenções ontem registadas na Assembleia Nacional, para discussão da moção apresentada pelo deputado Neto de Miranda e outros após o discurso de Marcello Caetano na terça-feira. Subiram à tribuna nove dos 125 parlamentares presentes e, sucessivamente, em declarações geralmente breves, foram exprimindo a sua total adesão às directrizes governamentais quanto ao Ultramar recordadas pelo Presidente do Conselho.

Logo o primeiro orador, Aníbal de Oliveira (Angola), diria não poderem **subsistir quaisquer dúvidas válidas, nem hesitações conscientes em qualquer dos presentes nem em qualquer português que queira que o seu nome continue a honrar a Pátria onde nasceu.** E, por sua vez, Roboredo e Silva, defendendo a urgência de se dotar as Forças Armadas **com armas e equipamentos modernos e sofisticados porque o armamento utilizado pelos movimentos terroristas já o é, ou melhor, já é, nalguns tipos, superior ao nosso**, preconizou, ainda, a reestruturação das indústrias militares nacionais. Disse, em certo passo: **Uma posição militar forte e um bom escudo de forças de segurança são fundamentais.**

Terceiro parlamentar a subir à tribuna, Viegas Carrascalão (Timor) disse que os **bons portugueses** deverão **condenar abertamente, veementemente, todos os críticos à política do Presidente Marcello Caetano, venham de onde vierem, venham de quem vierem.** E Linhares de Andrade (Horta) lembrou os **perigos inaceitáveis para uma nação em guerra de se discutir repetidamente os fundamentos dela**, exprimindo a certeza de que **venceremos por certo esta guerra porque a nossa causa é uma causa justa.** Este aspecto já tinha sido, aliás, sublinhado pelo deputado angolano Barreto de Lara numa breve interrupção ao discurso de Roboredo e Silva.

CASAL RIBEIRO

A intervenção seguinte pertenceu a Casal Ribeiro. Depois de lembrar três datas distintas relacionadas com a guerra no Ultramar (15 de Março de 1961, eclosão das guerrilhas em Angola; 13 de Abril do mesmo ano, discurso de Salazar ao assumir a pasta da Defesa Nacional cumulativamente com a Presidência do Conselho, e 24 de Maio de 1968, chegada a Bissau do governador e comandante-chefe general António de Spínola), o conhecido deputado lisboeta advertiu: **Nada de alimentar ambições, dando armas e argumentos aos maus portugueses que no Ultramar — e quem duvida que os há? — sonham com novas Rodésias ou outros Zaires...**

Mais adiante, afirmou Casal Ribeiro: **Podemos todos estar cansados da guerra que consome vidas e bens, mas só há um caminho a percorrer: nós, os políticos, e o povo que elegeu esta Câmara, continuando a apoiar e a seguir a política do Governo quanto ao que ao Ultramar se refere; as Forças Armadas, espelho da Nação e glória de todos nós, defendendo a unidade da Pátria de que é garantia suprema. Não será com agitação interna, hesitações suicidas, ou atitudes pouco claras, que podemos reforçar, como é nosso dever, o seu moral ou pagar a sua abnegada dedicação.**

Seguiu-se na tribuna o cabo-verdiano Tito Lívio Feijóo, autor da mais longa comunicação: Referiu, nomeadamente, ter chegado a hora de **todos os bons portugueses se considerarem combatentes, pois na retaguarda se está desenhando uma nova frente que corajosa e desassombradamente teremos de vencer.**

Por sua vez, Santos Xavier (Moçambique), depois de revelar estar convencido de não vir **dizer o que quer que seja de novo**, sublinhou ser **este o momento oportuno para dar testemunho de imensa gratidão ao Governo da Nação, ao Governo de Marcello Caetano.** E Gonçalves de Abreu (Porto): **Portugal, ao longo da sua história de mais de oito séculos, foi arauto do culto da honra, missionário da fé, obreiro incontestado da unidade e fraternidade entre os povos.**

O último orador foi o macaense Delfino Ribeiro. Salientou o imperativo de **render homenagem à acção governativa de quem, com inexcedível lucidez e extrema devoção, vem preservando e acentuando da melhor forma a coesão nacional na multiplicidade das terras e gentes.**

Hoje há sessão, à hora regimental, para continuação do debate do mesmo tema.

Necrologia

D. ANA MARIA MARQUES MONTEIRO

Faleceu a sr.ª D. Ana Maria Marques Monteiro, de 92 anos, natural de Lisboa, viúva, mãe do sr. Manuel Marques Teles, nosso companheiro de trabalho, e do sr. José da Silva Teles.

O funeral realizou-se hoje pelas 15 horas da Basílica da Estrela, para o jazigo, no cemitério dos Prazeres.

À família enlutada, em especial a Manuel Marques Teles, o «Diário de Lisboa», apresenta sentidas condolências.

um filme de Werner Herzog

AGUIRRE

O AVENTUREIRO

KLAUS KINSKI ✱ HELENA ROJO ✱ RUY GUERRA

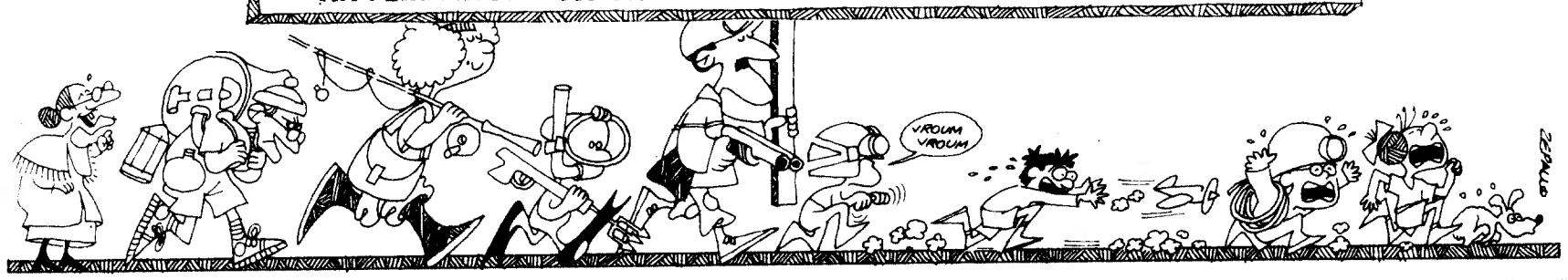
GRUPO C - 16 ANOS

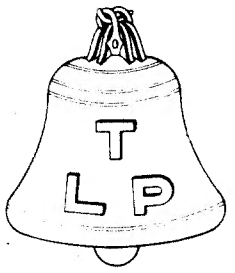
SATÉLITE

TALMA FILMES

NAUTICAMPO 8/17 MARÇO

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA





TELEFONES DE LISBOA E PORTO

INFORMA

ASSINANTES LIGADOS À CENTRAL DE CASCAIS

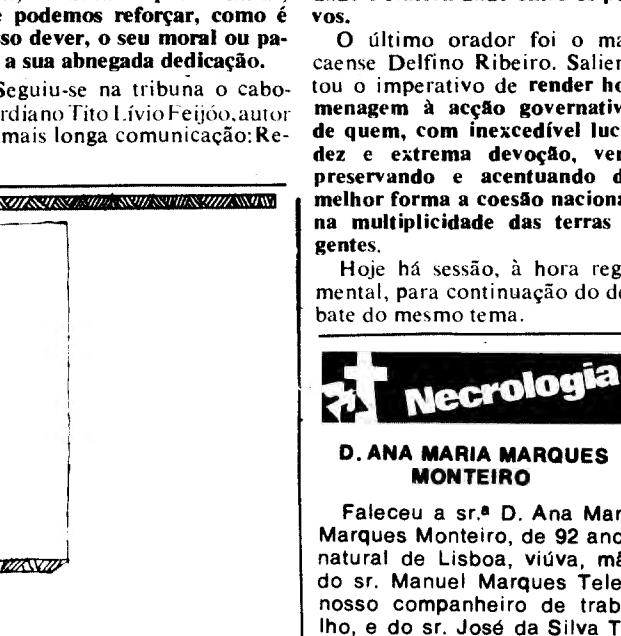
Na noite de 6 para 7 do corrente mês procedeu-se à alteração de prefixos numéricos dos telefones dos seguintes Assinantes:

Iniciados por «285» — alteraram para «2865»

As restantes linhas de rede mantêm a mesma numeração.

LEMBRE-SE DESTA ALTERAÇÃO

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta



O Ventre Negro da Aranha

"The Black Belly of the Tarantula"

com GIANCARLO GIANNINI · CLAUDINE AUGER

Argumento de LUCILE LAKS Realização de PAOLO CAVARA

Sensacional! ROXY AMANHÃ, ESTREIA

GRUPO D — 18 ANOS EASTMANCOLOR

INFORMAÇÃO ECONÓMICA

ARROZ E GÁZ PARA A GUINÉ

Os Serviços Provinciais de Economia da Guiné informam estar quase resolvido o problema do abastecimento de arroz neste território. Com efeito, acaba de sair de Lisboa um navio transportando 15 mil toneladas daquele produto. Acrescenta o jornal «Voz da Guiné» que, durante o mês de Março, serão descarregados em Bissau outros dois navios, um com 500 toneladas, outro com 5 mil. Em Abril haverá novos fornecimentos de arroz. Ficaria assim resolvido um dos problemas que mais tem preocupado a população de Bissau.

No que diz respeito ao abastecimento de gás, os seus distribuidores em Bissau também anunciam a normalização: chega dentro de dias o navio «Cabo Verde», com perto de 50 toneladas de butano.

BALANÇO

PONTO DE VISTA AMERICANO

A revista americana «Commerce Today», do Departamento de Comércio dos EUA, faz um balanço da economia de Moçambique nos primeiros meses de 1973 e das perspectivas económicas que se oferecem aos Estados Unidos: «A recuperação económica de Moçambique melhora as perspectivas das vendas americanas. O Consulado Geral em Lourenço Marques revela um acentuado aumento do interesse por mercadorias americanas». Depois de notar que a «agricultura continua a ser a espinha dorsal da economia de Moçambique», cobrindo 65 por cento das exportações, e que «cerca de metade da indústria continua ligada a produtos alimentícios», a revista sublinha que tem aumentado a produção mineira. No entanto, «a prospecção de petróleo está virtualmente parada, dado que companhias importantes como a Amoco e a Aquitaine abandonaram as concessões por falta de resultados. Existe ainda algum interesse nas explorações «off-shore», nos extremos norte e sul, onde ainda não começaram as explorações.»

O actual regime cambial incentiva a indústria local e o investimento estrangeiro, escreve a «Commerce Today», frisando que, embora as restrições à importação se devam manter por algum tempo, melhoraram as perspectivas para as exportações americanas, nomeadamente de bens de equipamento, perspectivas reforçadas desde 1971, altura em que «as mercadorias da Metrópole deixaram de ter preferência na importação».

Em 1972, os Estados Unidos compraram a Moçambique castanha de cajú, sisal e chá, tendo vendido sobretudo material aéreo e equipamento para construção.

NEGÓCIOS DO PETRÓLEO

A par de uma campanha internacional que tem denunciado a sua actividade, nomeadamente a sua responsabilidade na chamada crise energética (rarafacção deliberada dos abestecimentos, especulação com os preços, super-lucros, suborno de entidades oficiais de vários países etc.) as multinacionais do petróleo continuam a celebrar contratos com os mais diversos países, e assim, assegurar a sua perenidade. Nos acordos mais recentes, nota-se a preocupação de muitos Estados em garantir o seu abastecimento futuro, o que os leva a atribuir novas concessões e, simultâneamente, a estabelecer cláusulas de defesa. Pode servir de exemplo o contrato recentemente celebrado entre a Mobil Oil e a Malásia para exploração dos poços da Malásia Ocidental. Assim, 40 por cento da produção será destinada à Mobil, enquanto os outros 60 por cento serão repartidos entre o Governo e aquela sociedade, numa relação de 65/35. No caso da produção da sociedade ultrapassar 75.000 barris/dia, o Governo receberá uma parte mais importante, ou seja 67,5 por cento.

A Movil Oil deverá com efeito, no âmbito do acordo, reservar uma parte da sua produção para as necessidades da Malásia e pagar, por outro lado, ao Governo 7,2 milhões de ringgits, quando a produção atingir 50 000 barris/dias e um outro suplemento de 7,2 milhões de dólares quando esta for de 100 000 barris/dia.

BRASIL

O Japão continua a investir no Brasil. Entre as mais recentes operações, destaca-se a participação de onze firmas japonesas na construção dum complexo petrolífero no nordeste brasileiro, com uma capacidade de produção anual na ordem das 420 mil toneladas de etileno, e um investimento de 600 milhões de dólares num importante projecto de exploraçãp florestal. Este acordo, concluído entre a empresa pública brasileira Vale Rio Doce e a firma nipónica Japan Brazil Pulp Resources Development, especialmente constituída para o efeito por diversas empresas nipónicas, incluí nomeadamente a aquisição de 40.000 hectares de terrenos no Estado de Espírito Santo, onde se procederá à plantação de eucaliptos, e a construção de uma fábrica de pasta de papel, com a capacidade de 250 000 toneladas, no Estado de Minas Gerais.

U.R.S.S.

A companhia francesa «Creusot-Loire» e a central soviética «Machinoimport» assinaram um contrato no valor de 26 milhões de francos, para o fornecimento de 20 compressores centrìtugos ao Ministério do Petróleo da URSS. Este material destina-se a uma instalação de separação de gás de petróleo, na região de Tioumen, na Sibéria, com uma capacidade anual de 2000 metros cúbicos por ano.

Por outro lado, as autoridades soviéticas estabeleceram um acordo de cooperação com a sociedade americana «Control Data», para a construção de ordenadores, equipamentos periféricos, sistemas de tratamento e gestão de informações.

Escritores

Os representantes mais destacados das associações de escritores oficiais de dez países comunistas iniciaram em Praga, uma reunião de três dias destinada ao estudo do trabalho efectuado durante o ano findo e das perspectivas para os próximos dois anos.

Ao anunciar a notícia, a agência checoslovaca «Ceteka» acrescenta que os países representados são, além da Checoslováquia, a União Soviética, a Bulgária, Cuba, Hungria, Mongólia, Alemanha Oriental, Polónia, Roménia e Vietname do Norte. A Imprensa local revela que durante a conferência serão concluídos vários protocolos de cooperação mútua.

A sessão foi aberta pelo presidente da Associação dos Escritores Checoslovacos, Jan Kozak.

Na semana passada, o «presidium» do Pen Club Internacional, que agrupa os escritores ocidentais, dirigiu um apelo à conferência de Praga a fim de que examine as intoleráveis medidas tomadas contra os artistas e escritores checoslovacos e escute o que têm a dizer os autores, pintores, académicos e intelectuais proscritos dentro do seu próprio país.

Banco

O xá do Irão aludiu a um plano visando a criação de um «Banco do Terceiro Mundo», destinado a atraír os proventos do petróleo e a conceder empréstimos de juro baixo aos países em vias de desenvolvimento que não dispõem de petróleo — soube-se no Ministério das Finanças japonês.

O soberano iraniano falou deste plano a Robert McNamara, presidente do Banco Mundial, e a Johannes Witteven, director do Fundo Monetário Internacional (FMI) quando da sua visita a Teerão em 21 do corrente, precisa-se da mesma fonte.

Esse banco seria dirigido pelo FMI e pelo Banco Mundial, sob o controlo de 12 países industrializados, 12 países exportadores de petróleo e de países em vias de desenvolvimento. Os países industrializados e os países exportadores de petróleo forneceriam ao todo 300 milhões de dólares por ano a este banco, que concederia empréstimos a um juro inferior ao do Banco Mundial, que é de 6,55 a 7 por cento.

População

Daqui ao ano 2075 a população mundial triplicará, situando-se em 12.300 milhões de seres humanos — afirma uma informação apresentada à comissão de população das Nações Unidas, que começou uma sessão de doze dias.

Esta sessão está destinada a preparar a Conferência Mundial de População, que terá lugar em Agosto deste ano, considerado «Ano da População».

O secretário-geral da conferência, o mexicano Antonio Carrillo Flores, declarou na sessão de abertura ser necessário um equilíbrio de população nos países em desenvolvimento e que a conferência mundial deve ter como um dos seus objectivos definir as políticas a seguir para lograr tal equilíbrio.

Alcoolismo

Todos os dados indicam que a luta do Governo contra a embriaguês, que se processa já há dois anos, constitui um falhanço.

O alcoolismo, a maldição existente na Rússia desde os tempos do Czar, é tão elevado como sempre.

O comentário é de A. Sergeyev escritor no jornal soviético «Literaturdaya Russiya», que sugere que a doença social número um da nação, seja reconhecida e tratada como qualquer outra doença.

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

A Carta, o Portador e Garcia

A propósito de um inquérito que corre há semanas num vespertino lisboeta debatia-se à roda de mesa próxima o tema da difusão do livro. À medida que o diálogo subia de tom media-se já com paixão o maior ou menor número de dispositivos postos a funcionar para esse legítimo fim: o colocar um livro entre as mãos do público comprador.

Porque conhecia quase todos os intervenientes, e concordava com algumas vozes, fácil me foi seguir o impulso de meter o bedelho. fácil lhes foi desafiarem-me a opinar.

Falarei só destes aspectos imediatos e visíveis que se discutem assim, de mesa para mesa (não redonda), na beira do passeio, nas pequenas reuniões ou nos pequenos artigos. Nada mais, creio, esperam vocês de mim.

Levar o livro junto do leitor comum continua — injustamente — a ter, neste tempo português, flagrante semelhança com «levar a carta a Garcia». O mesmo risco e o mesmo labor, os mesmos fogachos de entusiasmo e de esperança, as mesmas inabilidades, erros e abatimentos, a mesma incerteza. Até ao fim.

O que é pena. Escrita «a carta», nossa responsabilidade e assunção, ela passa a contar com o «portador», que a fará chegar a «Garcia».

Ocupemo-nos pois do portador-editor. e de Garcia.

O editor percebeu enfim que deve tomar o livro como uma mercadoria. Há é uma grande diferença no modo como maneja a mercadoria estrangeira e a nacional. E não é por eu, na minha pequenez, me poder considerar uma privilegiada nas relações com os editores, que me sinto obrigada a escamotear essa diferença de trato. Talvez por isso mesmo me sinta sempre completamente à vontade para, quando vem a propósito, o bramar publicamente.

Ao contrário de outros autores não creio que o livro se venda, pelo menos no meu país, como um detergente. A prova é que já nenhum produto se vende ao público sem que quem o lança haja mandado efectuar a prospecção do meio a que ele se destina, e reserve uma verba avultada para a sua publicidade — que, segundo as informações colhidas nos resultados da prospecção, será feita e distribuída pelos mais adequados **mass media** pequenos desdobráveis na caixa do correio (**mailing**), ou Imprensa, ou Rádio, ou Televisão, ou posters, ou cartazes de rua. Ou tudo junto. Segundo a soma prevista. Destas somas, chamadas «contas», vivem as agências de publicidade.

Pergunto: quantas terão por cliente uma Editora? Note-se: *para lançamento de edições normais, de escritores portugueses, que é o ponto focado.* Quem poderá responder-me?

Neste momento os editores receberam uma circular do seu Grémio Nacional pedindo-lhes um exemplar dos contratos que costumem firmar com os autores nacionais, com vista a elaboração de um **contrato-tipo**, unificando-se assim o documento que passará a presidir (compulsivamente?) às relações entre autor e editor. Pergunto a mim mesma que medida terá o Grémio dos Editores aconselhado a tomar para com os editados gentios. Nada poderá, de certo, fazer-se que se equipare a esta «frente única», rígida e imponente muralha a erguer **contra** os pobres escritores nacionais, tidos, ao que parece, por perigo ou flagelo!

Voltemos ao siso. E a factos objectivos. O público que detém hoje um novo poder de compra, a classe dita em ascensão, «em promoção» (horrível palavra), esse, compra tudo. Está pronto a comprar, a consumir, a deixar-se convencer. Mas antes de mais é preciso abordá-lo, c'os diabos! E o público habituado a ler, que já lia em pequeno os livros das estantes dos pais, a burguesia das classes liberais ou do alto funcionalismo, esse chegou a uma altura em que, na escassez do tempo, tem de optar por leituras da especialidade, ou por releituras dos clássicos, que lhe estão em casa, e lhe confirmam o bom gosto e erudição. Capazes de reconhecer com simplicidade o seu desfasamento com a literatura nacional, nenhuma iniciativa tomarão para o vencer, mas serão permeáveis a uma fórmula que os espevite sem lhes dar muito trabalho — tal como, por exemplo, o grande anúncio no jornal diário ou na revista semanal, persistente *rappel* na rádio. Bem fixados título e autor, de tanto se lhe meterem pelos olhos e ouvidos dentro, acabam uns e outros por se sentirem obrigados a comprar a obra. Entram então ali na Sá da Costa e pedem-na com toda a segurança. E já está.

Um exemplo: os «Novos Contos do Gin-Tonic», do Mário Henrique Leiria. Não são, garanto-vos, de maneira nenhuma melhores do que os primeiros, «Os Contos do Gin-Tonic», que também teriam merecido profusa divulgação. Mas para estes a editora (Estampa) decidiu recorrer ao auxílio da publicidade. A rádio tem-no anunciado noites a fio, e mais do que uma vez na mesma madrugada. Resultado: grande percentagem de pessoas que não conhecem nem ouviram falar do volume dos «Contos», comprou já «Novos Contos...»

Deixemo-nos de pudores mal colocados: então, vale ou não vale a pena anunciar? Vê-se, ou não, o editor compensado da soma investida na edição? Transforma-se ou não o livro português, de «peso-morto» por que o tinham, em produto não só consumível como rentável?

Deste modo, **postos em igualdade de circunstâncias** um autor português e um autor

Continuação da pág. 5

MARIA JUDITE DE CARVALHO

A voz do "sorriso"

Conhecíamos-lhe o sorriso, a serenidade e a beleza. Mas acima de tudo o sorriso, o mais célebre, o mais imortal, o mais reverenciado dos sorrisos. Porque as sorridentes rainhas envelhecem como todas as mulheres e de resto, nem sempre são belas (mesmo quando morrem jovens e rainhas) e as «estrelas» de cinema apagam-se muito cedo. Ela, porém, continua bela e amada aos 474 anos, e talvez, quem sabe, sobreviva mesmo a esta nossa ameaçada civilização.

Conhecamos-lhe pois o sorriso, mas, um dia destes, vamos talvez conhecer-lhe a voz, à venda no mercado em disco, em cassette... A notícia, chegada há dias de Tóquio e publicada num jornal da manhã, diz-nos que «os engenheiros japoneses anunciaram que vão reproduzir a voz de Mona Lisa de Leonardo da Vince, para a fazerem ouvir ao público que visitará o quadro exposto em Tóquio, de 19 de Abril a fins de Junho. Porque a Gioconda, espécie de embaixatriz da França, faz continuas viagens e é recebida em toda a parte com honras de chefe de Estado. Agora foi a vez do Japão. Ei-la pois falando aos japoneses. Em italiano. «Nasci em Florença e tinha 28 anos quando o meu retrato foi pintado», eis as suas palavras. A voz de Mona Lisa terá sido «sintetizada por um computador, segundo a forma dos lábios, do nariz, das faces e do crâneo, tudo isto traduzido em frequências e integrado nos circuitos electrónicos».

«Quem não admirará os progressos deste século?» Mas que desilusão se a voz não corresponder ao sorriso! Porque o sorriso pintou-o Leonardo, e a voz, que será reproduzida por máquinas, até pode ser autêntica e detestável.

DL/GERAL

Poluição e avanço tecnológico

Atingirá o "limite do progresso" a terra do século XXI?

A convite das autoridades académicas, alguns representantes do pensamento universitário português estão a realizar um ciclo de conferências sobre o tema genérico de **O Homem e a Problemática do Nosso Tempo**. O primeiro palestrante foi o ex-ministro e ex-reitor prof. Paulo Cunha. O ultimo será o director da Faculdade de Letras escritor filosófico prof. Délio Nobre Santos, que se pronunciará sobre **O Homem e o Sentido da Vida.**

O prof. José Pinto Teixeira, da Faculdade de Ciências, apresentou uma problemática do progresso científico e do equilíbrio ecológico durante as duas horas da sessão de ontem, numa sala anexa à Aula Magna da Reitoria, onde compareceram umas duas centenas de pessoas, docentes universitários na sua maioria. O tema era «O Homem e o Ambiente».

Exemplos tecnológicos e considerações morais dominaram o texto da palestra, em que o processo de produção industrial e a direcção do progresso científico apareceram confundidos na mesma generalidade. **A poluição não conhece fronteiras,** disse o prof. Peixoto, **e castiga pobres e ricos, mais os pobres que os ricos.** Mas para concluir que **só a ciência poderá resolver os males inerentes à ciência** afirmando-se, nesse sentido, **optimista.**

O prof. Peixoto forneceu índices químicos e físicos da poluição do meio ambiente, em especial da atmosfera, descrevendo depois os trabalhos dos investigadores no sentido de eliminarem os efeitos lesivos do progresso sem abdicar das suas conquistas.

Enunciando **duas linhas** clássicas de pensamento em relação à problemática o conferencista apresentou uma delas como «humanista» e tendente à posição «romântica, se não fútil» de julgar possível combater a poluição sem a ciência, por julgar a ciência responsável pela poluição». Colocando-se definidamente ao lado dos que, na questão concreta, projectam a linha do **pensamento quantitativo** (uma linha «cientista», dir-se-ia), o prof. Peixoto sumariou as últimas tentativas para quantificar — definir matematicamente — o que se entende por **qualidade de vida,** afastando, por outro lado, as teses que **ignoram que o homem pode modificar o seu comportamento ao longo do tempo.**

Assim, o prof. Peixoto transcreveu algumas conclusões baseadas em investigações realizadas com computadores, segundo as quais o nosso planeta atingiria dentro de cem anos o seu **limite de progresso** a manter-se um ritmo de crescimento equiparável ao dos Estados Unidos da América, nos nossos dias. A partir desse limite, assistir-se-ia a uma **quebra populacional** e a uma **queda da capacidade produtiva** à escala planetária.

Só nos resta uma escolha, diria a concluir: **temos de caminhar para um nível cada vez mais alto de compreensão na aplicação da ciência para bem da Humanidade, sabendo, como diz o Ecclesiastes, que todo aquele que aumenta a sua ciência aumenta a sua dor.**

PRÓXIMAS CONFERÊNCIAS

No dia 13 de Março, às 18 horas, o prof. Albano Pereira falará sobre **O Homem e o Medicamento.** No dia 20: **O Homem Doente e o Médico,** pelo prof. Fernando Madeira. Dia 27: **O Homem como Ser Perturbável,** pelo prof. Barahona Fernandes. Dia 3 de Abril: **O Homem e o Sentido da Vida** pelo prof. Délio Santos.

DEZASSEIS DETIDOS EM DUAS RUSGAS

A secção de Justiça da PSP levou a cabo mais duas rusgas na cidade, durante a passada noite: uma, a um bar da Quinta da Charquinha, onde foram detidas oito mulheres com idade entre os dezasseis e vinte e dois anos, havendo entre estas uma muito mais jovem: a segunda rusga deu-se no Bairro Alto, e teve como resultado a detenção de cinco mulheres e três homens. Entraram todos no Governo Civil para averiguações.

DUZENTOS CONTOS (DINHEIRO E JÓIAS) ROUBADOS NO PORTO

PORTO, 7 — Apresentou queixa às autoridades, Amadeu de Jesus Almeida, residente na Rua de Câmara Pestana, 3, vivenda Madressilva, no Estoril, e acidentalmente hospedado no Hotel Infante de Sagres, juntamente com a esposa, de que entre as 17 e as 18 e 20 de anteontem alguém entrou na ausência de ambos nos aposentos onde estavam instalados e furtou a quantia de 30 contos e jóias avaliadas em 170 mil escudos.

Ao local deslocaram-se elementos da Polícia Judiciária.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

27.540 — 3.150.000$00
46.501 — 350.000$00
1.362 — 175.000$00

APROXIMAÇOES AOS 1.ºs PRÉMIOS

27.539 — 13.335$00
27.541 — 13.335$00

PRÉMIOS DE 14 CONTOS

1.277; 2.227; 6.608; 10.282; 12.111; 16.250; 16.713; 16.881; 18.183; 18.732; 18.805; 21.079; 21.329; 26.495; 27.396; 27.545; 33.741; 33.850; 35.856; 36.512; 37.194; 37.597; 39.214; 39.282; 40.338; 46.236 e 52.593

PRÉMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

1.301 a 1.400; 27.501 a 27.600 e 46.502 a 46.600

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 240 são premiados com 770$00, no bilhete de cada uma das duas séries da emissão e os terminados em 013, 276, 593, 725 ou 964 são premiados com 560$00. Por sua vez os números cujos dois algarismos finais sejam 27, 66 ou 68 são contemplados com 350$00 Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 0, têm direito a 210$00, de prémio, também no bilhete de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 700 contos dos dois segundos Prémios e os 350 contos dos dois terceiros Prémios foram distribuídos aos balcões da CASA DA SORTE

Auxílio Holandês às guerrilhas africanas : mil milhões de dólares

DAR ES SALAAM, MAR, 6 — (R.) — A Holanda aumentará o seu orçamento de auxílio ao desenvolvimento para 1,2 por cento do produto nacional bruto, a partir de 1976 — anunciou hoje em Dar-Es-Salaam o ministro para a Cooperação e Fomento Johannes Pronk.

O ministro holandês disse numa conferência de Imprensa que esse aumento elevará o total anual de auxílio à Africa para 1000 milhões de dólares.

Pronk repetiu a sua promessa de concessão de auxílio de quatro a cinco milhões de dólares às organizações de guerrilhas africanas que combatem na Africa Austral.

Johannes Pronk falava a Imprensa no fim de uma visita oficial de quatro dias à Tanzânia, que incluiu uma reunião com o presidente Julius Nyerere e organizações a respeito da maneira como devem receber e empregar o auxílio holandês.

FRANCISCO THOMÉ FETEIRA

Com 88 anos, faleceu na cidade brasileira de Niteroil onde residia desde 1950, o escritor Francisco Thomé Feteira. O extinto era irmão de Raúl Thomé Feteira, fundador e director do Jornal de Oeste, e dos industriais João, Albano e Lúcio Thomé Feteira. Tendo viajado muito, Francisco Thomé Feteira escreveu, aos 70 anos, «O Mundo é bem pequeno» e, depois, «À luz da minha candeia»; o seu último escrito intitula-se «Na senda do passado».

Jornadas sobre Sociedade Moderna e População

O aborto em Portugal

O aborto no Mundo; o aborto em Portugal; os primeiros perigos para a vida humana e as consequências do aborto, foram os temas das conferências pronunciadas ontem. O objectivo das jornadas é o estudo do aborto e das suas implicações humanas e sociais procurando assim, segundo uma declaração de um dos responsáveis das Jornadas, um reforço na fundamentação da doutrina tradicional da Igreja Católica, que se opõe à legalização do aborto e tenta dissuadir crentes e não crentes ao abandono da sua prática clandestina.

Apesar disso, segundo foi revelado a prática do aborto em Portugal cresce gradualmente. De acordo com dados recolhidos pela equipa ter-se-iam praticado na região de Lisboa em 1971 6664 abortos e 6753 em 1972. Os conferencistas revelaram depois a taxa de abortos por mil mulheres também apurada para a região de Lisboa, que seria a seguinte: em 1967, 202,7; em 1968, 216,7; em 1969, 228,0; em 1971, 233,1; em 1972, 241,6. Os conferencistas apresentaram estes números com muitas reservas dado que, como se sabe, o aborto em Portugal não está legalizado o que dificulta a recolha de dados estatísticos. De acordo com os cálculos por eles efectuados, em Portugal verificaram-se dez casos de morte por cada 100 mil mulheres que recorrem à prática do aborto.

Com uma sessão presidida pelo Cardeal Patriarca de Lisboa encerraram esta tarde as Jornadas sobre Sociedade Moderna e População. Durante o dia os participantes escutaram conferências da autoria do prof. Jerôme, Mme Poullot, dr.ª Michèle Guy, casal Willke e Pe. Heckel.

Ainda a morte de Atticus

De Panos-Nicolai Djelepy, irmão de Atticus, nosso colaborador político de muitos e muitos anos, recebemos uma carta de agradecimento pela notícia que demos da morte daquele notável articulista, que tantos admiradores contava entre os numerosos leitores do «DL».

Djelepy, arquitecto radicado em Atenas, ao longo do agradecimento que nos tece pelas considerações tidas (até porque justíssimas) para com Atticus, afirma que o nosso jornal é de «reputação mundial».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria Leonor Penhasco Pardo Miranda — CASTELO DE VIDE

Publicações Europa-América
«Autores Brasileiros Contemporâneos»

O FORTE
ADONIAS FILHO
90$
o autor de
Luanda Beira Bahia
um romance necessário

À venda em todas as livrarias ou enviando-nos o seguinte cupão de encomenda:

Enviem-me contra reembolso ..... exemp.(s) de *O Forte*.
Nome: _____
Morada: _____
Profissão: _____

Publicações Europa-América
Apartado 8 — Mem Martins

GRANDE PRÉMIO DO CINEMA FRANCÊS: REAL.: FRANÇOIS LETERRIER

UM REALIZADOR DE TALENTO... A HISTÓRIA DA SUA VIDA PRIVADA... A DO SEU FILME... QUAL A AUTÊNTICA? EASTMANCOLOR GRUPO D - 18 ANOS

AMANHÃ ESTREIA

CINEMA CASTIL

TV DL/ESPECTÁCULOS

SE... SE... SE...
(NOTA:
AO CONTRÁRIO DO "IF",
ISTO NÃO É
PARA ENCAIXILHAR)

Se tu sabes que uma criança mongoloide
é uma criança igual às outras
só que tem
um cromossoma a mais,

__ e se além disso tu sabes que ela
pode ser uma criança como as outras
desde que redobrem de amor
amigos e pais;

Se tu sabes que em Portugal há milhares
de mongoloides à espera de oportunidade
que pode não chegar,

__ e se tu sabes que há uma Associação
em Lisboa, feita de Pais e de Amigos
que precisam de tudo, incluindo um lar

Se tu sabes que na Associação se inscreveram
mil crianças mongoloides que podem recuperar-se
mas que, está claro, etc., é manifesto...

__ e se tu sabes que os obstáculos se amontoam

Se tu sabes que são precisos médicos
e enfermeiros e mestres e organizadores
que levem a obra a cabo,

__ e se tu sabes que a gente da Associação
dá o tempo, o esforço, a devoção, o sacrifício
sem receber um chavo,
Se tu sabes isso depois de teres ouvido
ontem o depoimento dos obreiros da Associação
que partem do zero

Se tu sabes isso e não te espantas da falta de apoio
Cá onde o apoio oficial seria mais que natural: obrigatório,
se tu sabes isso e não sofres e ficas alheado
é porque és muito menos que um homem
porque és um telespectador resignado

II

Se fores capaz de guardar a calma
Quando todos à tua volta a desperdiçam

Se os jornais te acusam em caixa alta
e se os vizinhos te largam a sua piadinha
se sentes a hostilidade à tua volta
e mesmo assim tomas a tua chávena de cidreira
Se tu puderes manter a confiança em ti própria
quando já nem o gato em ti confia
e guardar no frigorífico a tua alma
quando todos proclamam a tua cobardia

Se fores capaz de dar a vida por algo
tão pouco como prender um ladrão de supermercados
e continuares a dar bons-dias ao leiteiro
que de manhã nos deixa uma garrafa mansa

Se fores capaz de convencer meia-dúzia de jovens
que este mundo foi criado à imagem deles
e acabas por lhes provar que não querias senão
levar a água ao teu moinho da investigação

Se mantiveres absoluta fé na repressão
e lhe dedicares toda a tua vida
então poderás chegar a herói da televisão
e ser um digno par de Chad Smith

III

Se entenderes que a inteligência ainda vale a pena
e se entenderes que um tipo inteligente
Tem mais respeito por si próprio
mesmo quando os outros não lhe ligam nenhuma.

Se pensares que a arte, não

transformando a vida,
ajuda muito a transformá-la

Se pensares que só os papagaios de papel
e os *provo* acham que a arte
é um entretenimento burguês
e que, para estar ao serviço das classes produtoras
um tipo só tem que recitar «slogans»

Se te lembrares que a arte é sempre um passo
em frente no conhecimento do homem
numa sociedade
e que portanto a arte só pertence
a quem pertence o futuro.

Se souberes olhar à tua volta
e, na vertigem da informação

não esfacelares o entendimento
nem te esfacelares nem te perderes:
se puderes encontrar o que te procuram esconder,
em suma...
Se chegares à conclusão que produzir
as cançonetas com que te enleiam
de manhã à noite
sai mais dispendioso à Gerência
do que manter uma data de Sinfónicas e Filarmónicas
com Beethoven, Mozart e outros tipos
que acreditavam na arte como serviço
contra a estupidez dominante

Se te recordares, por exemplo,
que o Festival desta noite
gasta energia e técnicas e dinheiro
que não estão positivamente
a servir a cultura, a arte, a inteligência.

Se souberes isto, meu filho,
Se ao menos hoje tiveres pensado um pouco nestas coisas,
então o esforço de Vitorino de Almeida
não foi em vão
então pode ser que ainda não sejas um Homem
mas já estarás a caminho de o ser
e olha que não é nada fácil
e olha que às vezes não é nada cómodo
mas também se um tipo desiste disso
o melhor que tem a fazer
é sorrir e dizer: Bem, muito obrigado.

«DIÁRIO DO GOVERNO»

PREÇOS

Os preços da carne de vaca sobem, também nos Açores. Segundo a Portaria n.º 188/74, da Secretaria de Estado do Comércio, são elevados os preços de venda no distrito autónomo da Horta: enquanto o lombo tem preço livre, a carne de 1.ª sem osso custa 62 escudos, a de 2.ª 50$40, a de 3.ª 29$00. A língua limpa vale 50 escudos o quilo, o rim 30.

ESTATUTOS

Por despacho do Secretário de Estado da Instrução e Cultura, foram aprovados os estatutos da Associação Cultural e Recreativa Convívio, com sede na vila de Fafe.

A Carta, o Portador e Garcia

Continuação da pág. 3

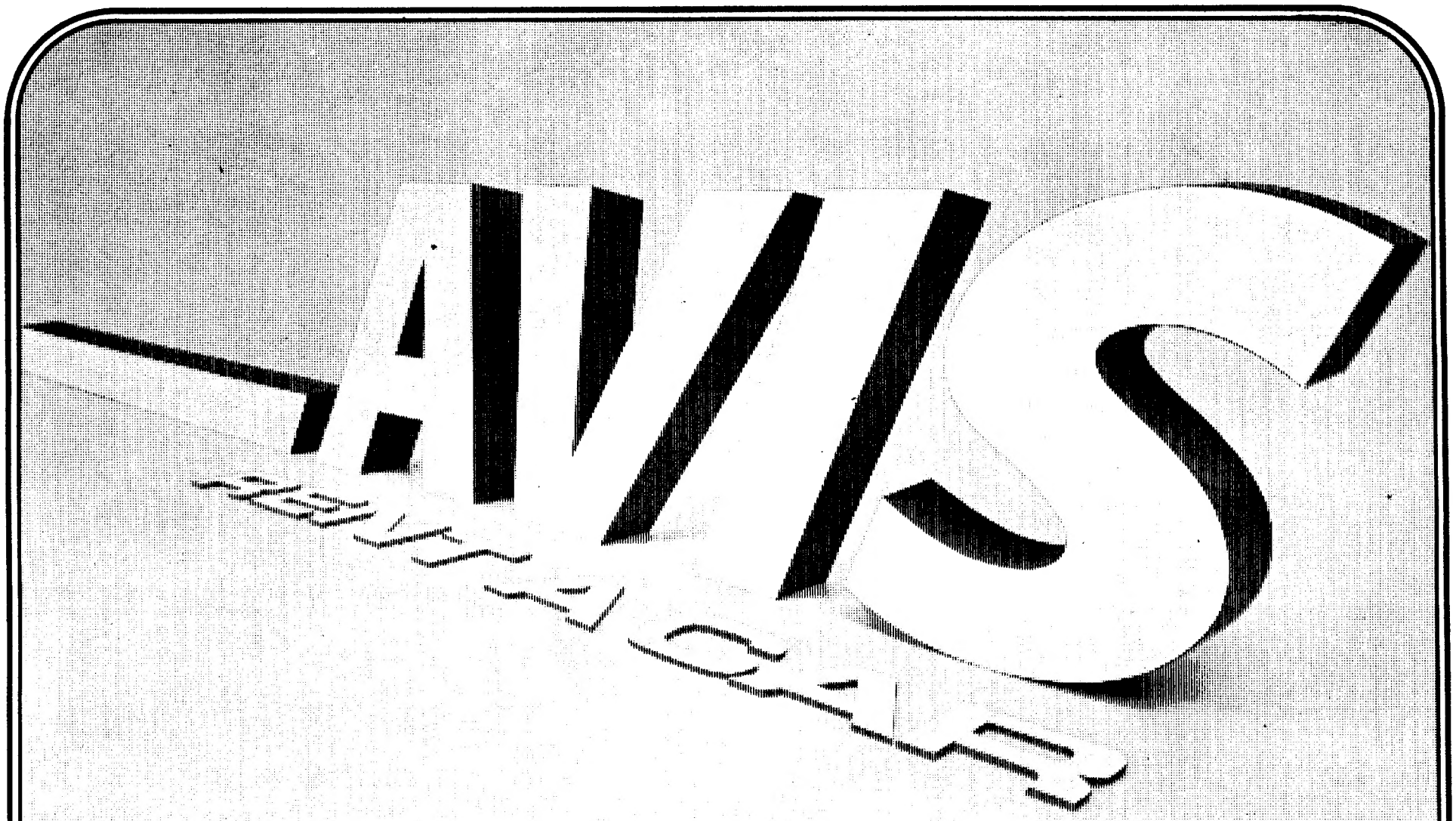
estrangeiro, desafio os editores a fazerem as contas em duas colunas: numa, a soma despendida na deslocação e visita à Feira de Franckfurt para, segundo o faro, o conhecimento, os conhecimentos, ou a sorte, elementos perfeitamente aleatórios, colher uns tantos títulos com pedido de opção; efectivados eles, o que implica imediato envio de dinheiro líquido, passa-se às somas exigidas como direitos, e às vezes a uma imposição do número mínimo da tiragem. Segue-se o pagamento ao tradutor, e quando não o pagamento ao revisor de um livro traduzido. Por último, os anúncios que a tempo se lhe fará. Na segunda coluna, apenas a quantia a pagar em direitos ao escritor português. Cuja grande maioria aceitava humildemente — et pour cause! — até há pouco tempo, modestíssimas percentagens. (Torno a ressalvar: nunca foi esse o meu caso, nem os que as pagavam meus editores). Acrescente-se escassos anúncios na Imprensa, raramente isolados, não colectivos. Depois compare-se uma coluna a outra e tire-se a conclusão.

Não se vende **bem** o autor português? Ora! Trate-o o editor em pé de igualdade com **os outros**, use para com ele dos mesmos cuidados, não o deixando «cair» meses e meses seguidos, desse jeito provocando até o adiamento de possíveis reedições, e nem necessitará «esgotar» todos os recursos à primeira vista calculados, para comunicar — entregar — ao público a obra.

Desculpem lá, disse-lhes por fim. Mas continuo convencida de que bastava um pequeno esforço. E enquanto vocês se obstinam ou se recusam, Garcia continua à espera.

21ª SEMANA
BERNARD LECOQ
(LE CONCIERGE)
O PORTEIRO
MAIS POPULAR DE LISBOA
continua no estúdio 444
EASTMANCOLOR
GRUPO D-18 ANOS
DOPERFILME

em complemento: HOMENS E TOIROS
realização de FRANCISCO SAALFELD colorido
O EXTRAORDINÁRIO DOCUMENTÁRIO QUE O PÚBLICO APLAUDE DIARIAMENTE!



TAL COMO EM 1972
FOMOS
DE NOVO
ELEITOS
OS MELHORES
EM 1973
SOMOS
MAIORES
AO SERVIÇO
DO PÚBLICO
E DO TURISMO

alugamos automóveis oferecemos qualidade

HOJE HÁ FESTIVAL

«Sempre gostei de música. E de ciclismo também. Tanto assim que a primeira canção que compus foi a «Marcha da Segunda Volta ao Algarve em Bicicleta» (Andrade e Silva).

Vai esta noite realizar-se o undécimo Grande Prémio TV da Canção Portuguesa. Espera-se sempre (apesar de tudo) que alguma coisa aconteça, que surja o rasgo, como aconteceu com a «Tourada» ou com a «Carta de Longe», por exemplo, canções apresentadas ao concurso do ano passado, da dupla Tordo-Ary, que este ano não apareceu nem sequer concorreu. Espera-se, sei lá, uma coisa qualquer. Uma coisa nova.

«Optámos por procurar uma cara nova, uma voz nova, em detrimento da nossa «praça» habitual» (Rui Ressurreição, referindo-se a Helena Isabel).

Mas o que é regra é não acontecer nada disto, não haver nada de novo em 99 por cento das cantigas apresentadas ao maior certame português. Será que este ano isso pode acontecer?

Comecemos pelo princípio: que o júri escolheu as 10 cantigas da final? O dr. **Oliveira Martins**, o tenente-coronel **Baptista Rosa**, o dr. **Peres Rodrigues, Feijó Teixeira, José Manuel Santana, Manuel Ivo Cruz, Mello Pereira, Luís Andrade, Henrique Mendes** e **António Andrade** formam uma equipa onde, infelizmente, se notam ausências lamentáveis e alguns nomes que nada têm a ver com música, com poesia e com actualidade.

A propósito de actualidade, a continuidade de uma «actualidade» que já era actual há 10 anos ou vinte, é flagrante.

«Tenho composto para artistas como António Calvário, Luís Miguel, Artur Garcia, Milú, Jorge Baião, etc.. Não são provas mais que suficientes?» (Verónica).

«Uma canção madrigalesca, muito simples, com uma pontinha de erudita» (Caetano Teixeira de Aragão).

Voltemos à novidade:

«A Rosa Que Te Dei» é muito semelhante aos «Vinte Anos» (José Cid).

Ora «Vinte Anos», melodicamente, já era muito semelhante a «Amanhã», que o mesmo Cid compusera para José Cheta cantar.

Quanto à «Bailia dos Trovadores», de Rita Olivaes, o título indica uma coisa que a gente não consegue ver enquadrada no estilo habitual do duo «Ouro Negro».

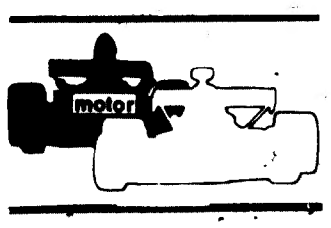
«A sua raíz bem portuguesa afasta-a um pouco da média do nosso reportório habitual. De qualquer forma, como profissionais que somos, sentimo-nos habilitados a interpretá-la».

Que resultará desta mistura afro-trovadoresca?

Será melhor esperarmos um pouco. Esperemos, por exemplo, que a canção de Niza/Calvário não desmereça de «Festa da Vida» mais do que de «Gente» ou de «A Rapariga e o Poeta».

E por aqui me fico. Adeus. «E Depois do Adeus» não costuma dizer-se mais nada...

NUNO GOMES DOS SANTOS



DL/ESPECTÁCULOS

XI GRANDE PREMIO TV DA CANÇÃO '74

MERECIMENTO OU MEDIOCRIDADE?

Paulo de Carvalho com José Niza e José Calvário, autores de «E Depois do Adeus»

José Cid e os «Green Windows»

. Esgotaram-se os lugares-comuns normalmente consumidos nestas épocas prefestivalescas. O décimo primeiro «Grande Prémio Tv da Canção», aí está para apreciação do público telespectador. O que ele (Festival) pode conseguir em favor da música ligeira portuguesa é, certamente, benefício idêntico ao dos seus antecessores. No meio do nosso justificado cepticismo, ressalve-se, porém, aquilo que nos parece ser um bom trabalho da Radiotelevisão Portuguesa em matéria de organização. Resta saber se resultará na prática, o que no papel, constitui, de facto, uma preparação bem cuidada. De qualquer forma, o que acabará por contar será a canção que obtiver a maioria pontual e que, representando a R. T. P. em Brighton no dia 6 de Abril, dominará amanhã as conversas de meio País. Com todo o seu merecimento ou com toda a sua mediocridade. Oxalá que com mais de oxalás está o mundo aquele do que esta. Mas cheio...

ORDEM	CANÇÃO	INTÉRPRETE	MÚSICA	LETRA	ORQUESTRADOR	MAESTRO
1	IMAGENS	GRUPO GREEN WINDOWS 6 elementos	JOSÉ CID	JOSÉ CID	JORGE MACHADO	JORGE MACHADO
2	BAILIA DOS TROVADORES	DUO OURO NEGRO	RITA OLIVAIS	RITA OLIVAIS	JORGE MACHADO	JORGE MACHADO
3	CANÇÃO POR TODOS NÓS	VERÓNICA	MARIA OLÍMPIA MACHADO	MARIA OLÍMPIA MACHADO	JORGE MACHADO	JORGE MACHADO
4	A ROSA QUE TE DEI	JOSÉ CID	JOSÉ CID	JOSÉ CID	JORGE MACHADO	JORGE MACHADO
5	ADEUS	PAULO CARVALHO	JOSÉ CALVÁRIO	JOSÉ NIZA	JOSÉ CALVÁRIO	JOSÉ CALVÁRIO
6	DONA E SENHORA DA BOINA	ARTUR GARCIA	FERNANDO FORTIER	CAETANO TEIXEIRA DE ARAGÃO	RAFAEL IBARBIA	RAFAEL IBARBIA
7	NO DIA EM QUE O REI FEZ ANOS	GRUPO GREEN WINDOWS 6 vozes - 2 v. acust	JOSÉ CID	JOSÉ CID	JORGE MACHADO	JORGE MACHADO
8	CANTIGA AO VENTO	FERNANDA FARRI	FERNANDO FORTIER	FERNANDO VIEIRA	JOAQUIM LUÍS GOMES	JOAQUIM LUÍS GOMES
9	CANÇÃO SOLIDÃO	HELENA ISABEL	JOSÉ DRUMMOND	JOSÉ DRUMMOND	THILO KRASSMAN	THILO KRASSMAN
10	TEMOS DE CANTAR	CHICO JORGE	ANDRADE E SILVA	ANDRADE E SILVA	RUI CARDOSO	THILO KRASSMAN

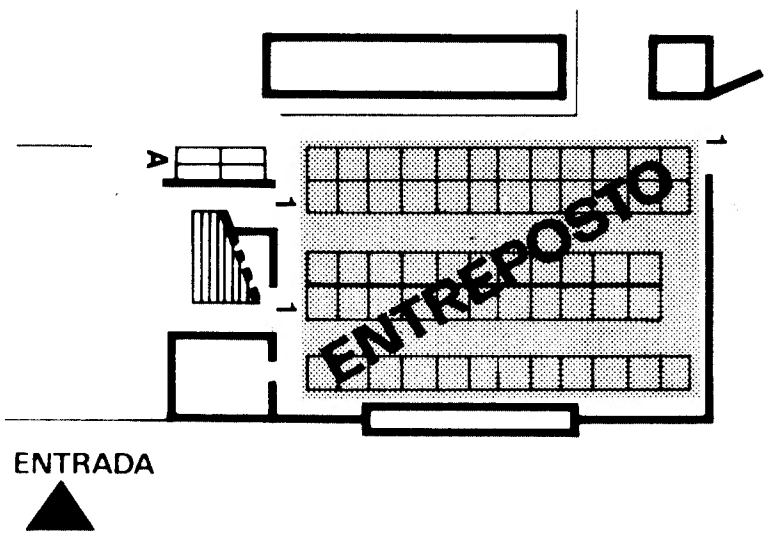
A "Comuna" enfrenta o "festival"

Ao contrário do que fazem logo à noite os responsáveis pelos outros espectáculos (que é não realizá-los em virtude do Festival da Canção) os elementos da «Comuna» apresentam, sem alterações, a sua belíssima e corajosa «Ceia» que esgota por completo todas as sessões. Especialmente sensível aos problemas nela abordados, o público, sobretudo o jovem, está a acorrer à pequena sala da Almirante Reis (ao lado da Portugália) e a reagir sem inibições.

Demonstrando essa capacidade de adesão dos outros, «A Comuna» não suspende, por isso, o seu espectáculo de hoje. Na verdade, é mais do que altura dos artistas, das pessoas conscientes, darem ao festival cançonetístico a importância cultural que ele tem.

ENTREPOSTO

L. LAGRIFA



De 8 a 17 de Março, a apresentação na NAUTICAMPO-8 (F. I. L., pavilhão 1), de:

Barcos (em fibra, para vela e motor) Tróia

Caravanas (em fibra) Campina

Atrelados Vado

inteiramente concebidos e fabricados pelos nossos técnicos.

Motores fora-de-borda Crescent

Colunas «Z-DRIVE» ENFIELD Z-DRIVE

Motores marítimos (a gasolina e diesel) NISSAN

Acessórios para nautismo e campismo

DÊ-NOS O PRAZER DA SUA VISITA AO NOSSO "STAND" NA NAUTICAMPO

O Algarve na Bolsa de Turismo em Berlim

. Está a decorrer em Berlim a Bolsa Internacional de Turismo (ITB), certame turístico considerado dos maiores do mundo no seu género e de grande inportância no campo das relações da indústria hoteleira e similares. A Comissão Regional de Turismo do Algarve.

O «stand», denominado «Algarve», ostenta, além de fotografias, diapositivos e outro material de propaganda, bem como artesanato. São distribuídas publicações de propaganda geral da província e dos seus hotéis e empreendimentos turísticos.

Para assistir à inauguração oficial do certame e estabelecer contactos tendo em vista a projecção do turismo algarvio foi a Berlim o dr. Pearce de Azevedo, presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

PUBLICAÇÕES

As Escolas Estão ao Serviço da Educação Nacional, por Marcello Caetano. — Palavras proferidas pelo Chefe do Governo durante a visita às novas instalações do Ministério da Educação Nacional, em 8 de Fevereiro último, foram agora reunidas num caderno pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo, sob o título em epígrafe. Afirmou, então, o Presidente do Conselho: «Ou temos cuidado na selecção dos educadores ou não poderemos esperar senão o agravamento da deseducação da juventude. Nesta matéria não pode haver hesitações nem contemplações».

Anuário dos Serviços Hidráulicos — A Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos do Ministério das Obras Públicas editou agora o volume referente a 1963-1964 do «Anuário dos Serviços Hidráulicos». Inclui observações hidrométricas, referentes aos diversos cursos de água, e udométricas, respeitantes aos aproveitamentos hidroeléctricos e hidroagrícolas, etc., bem como observações termolétricas do ar e evaporimétricas e, finalmente, as curvas de aproveitamento das principais albufeiras.

Revista BP — Saiu o número referente ao último trimestre do ano passado. Do sumário destacamos um estatuto sobre a revolução industrial em Vale de Cambra, noticiário sobre os Jogos Petrolíferos 1973, informação sobre a actividade da companhia nas instalações da companhia em Matosinhos, etc.

Segurança — Está publicado o n.º 36 desta revista do Centro de Prevenção e Segurança. Inclui a comunicação sobre a prevenção e segurança em Portugal apresentada pelo secretário-geral do Centro, psicólogo Fernando Veloso Feijó, no Congresso de Chicago, durante a mesa-redonda acerca de «Segurança e Higiene nos Países Latinos».

Helena Sá no Porto

A artista lisboeta Helena Sá inaugurou na galeria Diprove, uma exposição de desenhos e tapeçaria, que se encontra patente ao público até ao último dia do mês, das 16 às 20 e das 21 às 24 horas.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

MONTEPIO DOS SERVIDORES DO ESTADO

Rua Áurea, 49-5.° — Lisboa-2 — Telef. PPC 36 19 81

Aviso
Pensão de Sobrevivência

O Decreto-Lei n.° 701/73, de 28 de Dezembro último, prorroga **até 30 de Abril do ano corrente** os prazos que, nos termos do Estatuto das Pensões de Sobrevivência, já tenham expirado ou venham a expirar antes dessa data.

1 — Avisam-se, portanto, os interessados de que podem requerer a sua inscrição no Montepio dos Servidores do Estado, **até ao limite do prazo acima indicado,** desde que se encontrem nas seguintes situações:

a) — subscritores da Caixa Geral de Aposentações, no activo ou na reserva, com mais de 55 anos de idade em 1 de Março de 1973, e que possam, com ou sem retroacção ou contagem de tempo anterior, perfazer o mínimo de 5 anos de inscrição naquele Montepio até ao limite de idade para a aposentação ou reforma.

b) — servidores no activo que só em razão da idade não estejam inscritos naquela Caixa e possam perfazer o referido mínimo até ao limite de idade para a aposentação ou reforma, se nela pudessem ter sido inscritos.

c) — subscritores da mesma Caixa que sejam contribuintes de outros fundos ou serviços, a cargo de organismos oficiais ou empresas públicas, igualmente destinados a assegurar a atribuição de pensões de sobrevivência, uma vez que possam também perfazer aquele tempo mínimo pela forma anteriormente referida.

d) — servidores que em 1 de Março de 1973 já se encontravam aposentados ou reformados pela Caixa Geral de Aposentações ou a aguardar passagem a estas situações, independentemente da idade que tinham naquela data.

2 — **Também até ao dia 30 de Abril** podem requerer a **retroacção** da sua inscrição pelo tempo já contado para efeitos de aposentação, caso ainda o não tenham feito, os contribuintes inscritos obrigatoriamente (art.° 4.° do Estatuto), bem como aqueles que já solicitaram a inscrição facultativa nos termos do art.° 5.° do mesmo diploma.

2.1 — Os que vierem agora solicitar a aludida **inscrição** por virtrude do alargamento do prazo concedido pelo Decreto-Lei N.° 701/73 podem igualmente requerer a retroacção, no próprio requerimento da inscrição ou durante os seis meses seguintes, contados da data a que a mesma se reportar.

3 — Os contribuintes inscritos no Montepio dos Servidores do Estado até 1 de Março de 1973 e que nesta data se encontravam no activo, na reserva, ou na situação de aposentados, ou aguardando aposentação ou reforma, podem igualmente requerer, dentro do mesmo prazo, a **adesão** ao novo regime instituído pelo Estatuto (art.° 61.°), bem como a **retroacção** pelo tempo que tiverem de inscrição naquele Montepio e por qualquer outro já contado para efeitos de aposentação até ao limite de quarenta anos (art.° 63.°).

4 — Os **requerimentos** deverão ser apresentados no Serviço de que o servidor depende ou, se se tratar de servidores na situação de aposentados, reformados ou aguardando aposentação ou reforma, enviados ou entregues directamente no Montepio.

5 — Os **herdeiros hábeis** dos servidores que tenham falecido ou venham a falecer no período de 1 de Março de 1973 a 30 de Abril de 1974 — quer estes tenham ou não sido contribuintes do Montepio — podem requerer a **inscrição, a retroacção e a aplicação do regime do novo Estatuto,** desde que o óbito ocorra durante o prazo em que os falecidos, à face do mesmo Estatuto, as podiam ter requerido.

Os requerimentos dos herdeiros hábeis deverão ser enviados ou entregues directamente no Montepio no prazo de 18 meses a contar da data do falecimento dos servidores, devendo ser instruídos com os documentos necessários à prova do direito à pensão de sobrevivência.

DL/GERAL

Tribunal de polícia: punido um motorista de táxi

Acusado de ter negado o transporte de dois passageiros dentro do seu período normal de serviço, foi condenado a 30 dias de proibição de conduzir a 15 mil escudos de multa o motorista de táxi Manuel da Silva Dias, de 37 anos. A infracção ocorreu em Junho de 1972.

Após as declarações das testemunhas e o depoimento do réu, levado a tribunal por queixa contra ele formulada, o próprio defensor oficioso afirmou manter as dúvidas em relação à verdade dos factos.

A história em si é simples e insignificante. Segundo a acusação, o réu-motorista parou em determinada rua de Lisboa em frente duma leitaria. As testemunhas de acusação afirmam que ele tinha o sinal de livre aceso e que por isso uns seus compadres (os queixosos) lhe pediram para os transportar. Mas Manuel da Silva Dias tinha já um compromisso marcado com o dono da leitaria à porta da qual parou. Terá ou não dito aos clientes de ocasião que os não podia levar. O certo é que, regressado da leitaria onde entrara, meteu-se no táxi e arrancou sózinho, deixando os queixosos suficientemente indignados para apresentar queixa na Polícia.

Apesar da breve intervenção do defensor oficioso que pediu a absolvição, depois a benevolência e finalmente justiça, o réu saiu condenado a umas férias forçadas de 30 dias e ao pagamento duma multa

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

OS TERRÍVEIS MISTÉRIOS DO FUNDO DO MAR E A ODISSEIA FANTÁSTICA DAQUELES QUE O VENCERAM!

UMA ODISSEIA SUBMARINA

"THE NEPTUNE FACTOR"

ERNEST BORGNINE YVETTE MIMIEUX
BEN GAZZARA WALTER PIDGEON

Realização de DANIEL PETRIE

AMANHÃ, ESTREIA ESPECTACULAR!

CONDES

GRUPO B – 10 ANOS

Color by De Luxe

2 MULHERES JAMES BOND!

A RAPARIGA INVENCÍVEL

HAP KI DO

desafia

"CLEÓPATRA JONES"

6ª SEMANA

AVIS

COLOR-SCOPE GRUPO D - 18 ANOS DOPERFILME

ENSINO LICEAL LIÇÕES INDIVIDUAIS

CEPELT

Rua Tomás Ribeiro, 47
Rua D. Estefânia, 48
Telef. 42959 – Lisboa

LABORATÓRIOS DE FÍSICA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NATURAIS

Entre outros, o Superwash é um tratamento que confere mais qualidade à fibra de lã

SUPERWASH NOVO TRATAMENTO PARA AS MALHAS DE LÃ - Anuncia o Secretariado Internacional da lã

O tratamento Superwash garante uma lavagem total dos artigos em Pura Lã Virgem, em máquinas de lavar. Com este tratamento, as malhas tornam-se, com efeito, «100 por cento laváveis à máquina».

O tratamento consiste na aplicação, por meio de fixação, de películas microscópicasde uma resina sobre a fibra natural. Esta resina é anti-encolhimento.

Assim tratados, os artigos de lã sob o controlo Woolmark, quando lavados à máquina, não encolhem, não feltram, não alteram as cores, nem qualquer das qualidades tradicionais da lã: o toque, a leveza, o conforto, o calor, o poder de absorção, a higiene. Antes pelo contrário: o tratamento Superwash — «100 por cento lavável à máquina» — ajuda a realçar essas qualidades e torna a lã mais durável.

O tratamento Superwash é o primeiro a realizar tais garantias.

Em comparação com outros tratamentos anti feltragem existentes, o Superwash apresenta um mínimo acréscimo de custo.

Antes da sua utilização nos circuitos industriais, o tratamento Superwash — «100 por cento lavável à máquina» foi intensamente estudado nos laboratórios do S.I.L., na Austrália e ensaiado durante vários anos em França, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. Todos os testes realizados foram altamente positivos.

A produção industrial da lã tratada com Superwash começou em 1970 em vários países europeus e americanos.

A produção de artigos Woolmark laváveis à máquina atingiu, por exemplo, em Inglaterra, o número de 2.000.000 para o Outono/Inverno 72/73 e em Itália, 2.500.000 para o mesmo período. A aceitação do mundo textil ao tratamento Superwash é significativa da importância de uma tal descoberta.

Todos os artigos de malha em Pura Lã Virgem tratados pelo processo Superwash — «100 por cento lavável à máquina» serão devidamente identificados por uma etiqueta cosida, especialmente criada para esse fim e por uma etiqueta de dependurar que referenciará mais rapidamente os artigos, quando expostos, nos estabelecimentos.

Mas só a etiqueta cosida garante a característica «100 por cento lavável à máquina».

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

13.ª Secção de Actividade «INDÚSTRIA DO PAPEL E ARTES GRÁFICAS»

Assembleia Geral Extraordinária

CONVOCAÇÃO

Nos termos do § único do art.º 57.º e do n.º 2 do art.º 59.º dos ESTATUTOS, convocam-se os sócios do Sindicato integrados nesta Secção a reunir-se em Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 13 de Março de 1974 às 21 horas, nas instalações deste Organismo sitas na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º andar nesta cidade, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Contratação colectiva de trabalho — últimas negociações
2. Próximas eleições da Secção de Actividade
3. Delegados Sindicais
4. Impugnação do Presidente da Mesa da Assembleia Geral
5. Informações sobre o Organismo

Se à hora marcada não estiver presente a maioria dos associados que nela têm lugar a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1974

A COMISSÃO DIRECTIVA

DL/GERAL

RELATÓRIO E CONTAS DO BANCO PINTO & SOTTO MAYOR RELATIVOS A 1973

O CRÉDITO CONCEDIDO CIFROU-SE NUM NOTÁVEL APOIO À ECONOMIA NACIONAL

No ano transacto, o crédito distribuído pelo Banco Pinto & Sotto Mayor contribuiu para o financiamento de investimentos, em sectores abrangidos pelo III Plano de Fomento, no montante de cerca de 6 milhões de contos. A expressividade desta verba torna-se evidente se considerarmos que ultrapassa os investimentos previstos para os «sectores fundamentais para o crescimento da economia» previstos no programa de execução para 1973 daquele plano — salienta-se no relatório e contas daquela prestigiosa instituição de crédito, relativo à gerência do ano findo.

O relatório, agora publicado, e que será submetido à apreciação da assembleia geral ordinária no próximo dia 12 começa por pôr em destaque a expansão alcançada fazendo, porém, notar que a mesma poderia, efectivamente, ser classificada de vigorosa se não tivesse de ser corrigida dos efeitos corrosivos da inflação que o país atravessa.

Depois de referir que só foi possível atingir os resultados que o balanço evidencia mediante um acrescido esforço de produtividade que, porém, no sector bancário está sujeita a grandes limitações, e que as condições a que esteve subordinada a actividade bancária não permitiram alcançar os legítimos níveis de rentabilidade real exigidos pelos capitais comprometidos, que se exprimem em moeda valorizada, o conselho de administração tece algumas considerações sobre a importância dos bancos comerciais no processo de desenvolvimento económico e sobre a sua inserção na política a prosseguir.

A este propósito afirma que «em paralelo, com as medidas que o Governo entenda deve tomar no sentido de uma maior e mais equilibrada expansão económica haverá, que proporcionar aos bancos comerciais as condições para o melhor aproveitamento das suas potencialidades em conjugação com as iniciativas privadas, orientadas para o investimento reprodutivo, devida e necessariamente apoiadas e estimuladas».

De facto a participação do Banco Pinto & Sotto Mayor no financiamento do desenvolvimento económico, que a cifra acima referida traduz claramente, e que é comparável à dos maiores estabelecimentos especiais de crédito, evidencia a preocupação da sua administração em canalizar para os sectores mais reprodutivos da actividade económica, parte substancial das poupanças recolhidas.

Daí que, ao analisar a política financeira prevista no IV Plano de Fomento, cuja execução se inicia no corrente ano, manifesta sérias preocupações quanto às medidas que nele se prevêem nomeadamente a que se refere à canalização «dos meios disponíveis dos bancos comerciais» para outros institutos de crédito. Com efeito, a administração daquela instituição, entende que uma política que vise subtraír aos bancos comerciais os fundos por eles recolhidos, para aplicações que escapem à sua acção, será não ter em consideração o efectivo apoio que prestam à actividade económica e que a simples leitura das contas dos seus balanços não permite detectar, e contrariar a actuação que se deseja, e muito bem, incrementar no sentido de reduzir o entesouramento.

Por essa razão o documento em apreciação, chama a atenção para o facto de os meios que a banca comercial, momentaneamente, possa ter inaplicados, por virtude da normal rotação da sua actividade, resultarem de um permanente esforço próprio no sentido de mobilizar poupanças inactivas e seria pouco avisado considerar que não está habilitada a dar-lhes oportuna e adequada colocação. A reforçar o seu ponto de vista, a administração do Banco Pinto&Sotto Mayor, faz notar que são sobejamente conhecidos o dinamismo e o esforço que os bancos comerciais «desenvolvem com o fim de contrariarem o entesouramento, por natureza improdutivo, e o papel que vêm desempenhando na mentalização das populações no sentido de canalizarem as suas disponibilidades monetárias para os circuitos do mercado de capitais, papel que dificilmente poderá ser suprido por outras instituições».

Preconizado o lançamento de «bons de caisse»

Relativamente ao crédito a médio prazo com regime especial, que o Governo deseja ver intensificado, conforme afirmações várias vezes manifestadas, o relatório que vimos analisando, põe em destaque a acção desenvolvida pelo Banco Pinto& Sotto Mayor no sentido do seu incremento. Realça, contudo, o facto de só ser possível uma mais eficaz actuação neste domínio mediante garantia e ampliação adequada do refinanciamento, já que lhe está vedado aceitar depósitos a mais de um ano.

O facto de a autorização da emissão de certificados de depósitos, já no final de 1973, ter ficado reservada aos institutos de crédito do Estado e aos bancos de investimento, é objecto de análise por parte do conselho da administração que estranha que a mesma não tenha sido extensiva aos bancos comerciais, tanto mais que os seus depósitos a prazo tendem a representar a maior parcela dos depósitos totais.

A este propósito faz notar que, aqueles certificados, bem como o estabelecimento de condições que tornem viável a criação entre nós, dos chamados «bons de caisse», espécie de obrigações a prazo de 2 a 5 anos, poderiam constituir um meio de indiscutível validade para a obtenção dos recursos necessários à desejada intensificação do crédito a médio prazo. De resto o seu lançamento foi originariamente, em 1966, defendido por um grande accionista do Banco ao intervir na Assembleia Geral Ordinária.

Grande difusão e actuação internacional

O facto de não ter podido contar com as necessárias autorizações levou a que o Banco Pinto&Sotto Mayor não tivesse aberto qualquer novo estabelecimento, durante o ano transacto. Por essa razão, o relatório em causa, faz notar que as rígidas limitações à abertura de novos estabelecimentos, obrigam a soluções de que apenas resultam um agravamento dos custos de exploração e uma menor possibilidade de aproveitamento das potencialidades existentes e de serviços a prestar.

Paralelamente à acção desenvolvida na Metrópole também nos Estados de Angola e Moçambique, aquela instituição, o único banco comercial com sede na Metrópole que abrange outros territórios nacionais, contribuiu eficazmente para o incremento da expansão económica financiando empreendimentos do maior interesse para a economia local.

A consciência de que factores vários determinam que o crescimento económico do país exija o alargamento do âmbito da nossa economia e uma maior penetração das empresas portuguesas nos mercados internacionais, levou o Banco que vimos referindo, a estabelecer um programa de difusão internacional de acordo com o sentido das relações económicas portuguesas.

Assim, depois de estabelecer delegações em vários países europeus, com especial destaque para a França, onde na sequência da instalação da Filial de Paris, procedeu à abertura de vários estabelecimentos, o Banco Pinto & Sotto Mayor, inaugurou, já no ano em curso, uma delegação em S. Francisco da Califórnia, situada no centro financeiro da cidade, passando assim, a estar presente em grande parte dos países com os quais Portugal mantém mais estreitas relações económicas. Ao mesmo tempo merece ser destacada a participação, juntamente com instituições do maior prestígio mundial, em grandes sindicatos financeiros para a tomada de obrigações colocadas nos mercados internacionais.

Os recursos totais atingem a vultosa cifra de 40 milhões de contos

Depois de realçar a significativa expansão interna do Cartão Sottomayor, que passou a ser utilizado em alguns milhares de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços tanto na Metrópole como nos Estados de Angola e Moçambique, refere-se a adesão do cartão de crédito francês de maior difusão — Carte Bleue — que passou a permitir, praticamente, a cobertura de toda a Europa.

Debruçando-nos, finalmente, sobre as principais rubricas do balanço poderemos facilmente confirmar não só a expansão conseguida pelo Banco Pinto & Sotto Mayor mas também o harmonioso crescimento de todos os domínios que integram a sua actividade.

Com efeito os depósitos totais ultrapassaram o expressivo montante de 36,5 milhões de contos o que representa um acréscimo de cerca de 19% em relação ao ano precedente. Se adicionarmos aquele valor aos restantes recursos alheios e aos capitais próprios verificamos que os seus recursos totais se cifram em cerca de 40 milhões de contos, verba que, por si só, evidencia a destacada posição que a instituição atingiu no contexto da banca nacional, «fruto de uma política de intransigente obediência aos princípios de segurança e solvabilidade».

2 200 000 contos de capital social e reservas

Mas não só os depósitos atestam o dinamismo e a grandiosa dimensão alcançada pelo Banco Pinto & Sotto Mayor. E de facto, a análise de todas as contas do seu balanço que nos permite obter a imagem real da destacada posição atingida no seio da banca nacional.

Assim pelos mapas que acompanham o relatório verifica-se que o Activo Total atinge o vultoso montante de 132 727 857 126$06 (há dez anos pouco ultrapassava os 16 milhões de contos) dos quais 6 910 621 762$52 integram o Activo Disponível.

Por sua vez o Activo Realizável cifra-se em 34 182 989 455$28 merecendo especial destaque, dentre as principais rubricas que o constituem, a Carteira Comercial cujo saldo totaliza 24 023 954 291$33, os Empréstimos e Contas Correntes Caucionadas com um saldo de 1 935 608 293$82 e os Empréstimos a mais de um ano que apresentam um saldo de 2 068 173 391$92.

Ainda no Activo Realizável incluem-se entre outras, a Carteira de Títulos e Cupões com um saldo de 3 449 221 419$39 e os Devedores e Credores que atingem 1 419 399 804$90.

No Passivo destacam-se os Depósitos totais que atingem o expressivo volume de 36 516 982 809$53 e o Capital e Reservas que atingem um valor que ascenderá a 2 200 000 000$00 depois de adicionados os 100 000 000$00 constantes da proposta da distribuição dos resultados. Isto significa que o Banco Pinto & Sotto Mayor continua a ser o banco comercial com mais elevados capitais próprios, fruto de uma política de permanente consolidação das suas bases financeiras embora com sacrifício de uma conveniente e lícita remuneração aos seus accionistas.

Para finalizar refira-se que a Conta de Lucros e Perdas, depois de constituídas as Provisões e Amortizações no valor de 377 370 443$41, apresenta um saldo de 118 720 415$00 propondo, o conselho de administração, que ao mesmo seja dada a seguinte distribuição: para Fundo de Reserva Legal 13 000 000$00, para Outros Fundos de Reserva 87 000 000$00 e para Dividendo 18 000 000$00, sendo o remanescente levado a Conta Nova.

Em anexo relatório apresenta os gráficos que melhor expressam o crescimento das principais rubricas do balanço, seguidos de uma breve análise da conjuntura económica e financeira nacional e internacional.

O PETRÓLEO DE ANGOLA

Os decretos n.º 89/74 e n.º 90/74, hoje publicados no Diário do Governo, autorizam o ministro do Ultramar a celebrar contratos de concessão para a prospecção e exploração de petróleo em Angola, com as sociedades Esso Exploration and Production Angola Inc., Amerada Hess Corporation, Sun Oil International Inc. e Cities Service International Inc.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António J. Carmo Ferreira, Café Carmo BENEDITA

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

PRÉMIO DE INTERPRETAÇÃO FEMININA CANNES 73

JOANNE WOODWARD

no filme de

PAUL NEWMAN

A influência dos Raios Gama no comportamento das Margaridas

"The Effect of Gamma Rays on Man-in-the-Moon Marigolds"

com

NELL POTTS · ROBERTA WALLACH

PRÉMIO PULLITZER 1971 Da peça de PAUL ZINDEL, Argum de ALVIN SARGENT Música de MAURICE JARRE

ESTREIA DE ALTA QUALIDADE!

AMANHÃ NO PATHÉ

GRUPO D – 18 ANOS Color by DeLuxe

CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS
No MAYER CINEMA — Terraço do Capitólio
(Tel.: 327493)

teatro da Cornucópia

A Ilha dos Escravos e A Herança

de MARIVAUX

Todas as noites às 21,30. Amanhã: Matinée às 17 horas

Grupo C/ 14 anos

Desconto 50% jovens e estudantes

DL/ESTRANGEIRO

O BISPO DE BILBAU EM MADRID

. BILBAU, 7 — F.P.) — O bispo de Bilbau, monsenhor António Anoveros, saiu de casa cerca das 7 horas da manhã no seu automóvel particular e, acompanhado pelo seu vigário, reverendo Angel Ubieta-Lopez, partiu para Madrid a fim de se avistar com o Núncio Apostólico mons. Luigi Dadaglio — soube-se de fonte fidedigna.

Parece que mons. Dadaglio entrou ontem em contacto com o bispo de Bilbau para lhe pedir que se deslocasse a Madrid a fim de lhe falar.

Nota-se em Bilbau que mons. Anoveros e o seu vigário viajam sem escolta policial e não tiveram qualquer dificuldade em sair das suas residências.

Centenas de oposicionistas mortos no Lesotho

MASERU (Lesotho), 7 (FP) — Partidários do chefe Jonathan, dirigente do Partido Nacional no poder no Lesotho, teriam espancado até à morte centenas de partidários do Partido do Congresso (na Oposição) — informa um enviado especial do jornal sul-africano «The Star».

O jornalista que percorreu nomeadamente uma parte do país policiada pelas forças nacionalistas governamentais, afirmou que só nesta região contou, numa semana, 49 pessoas mortas. Segundo ele, a «unidade móvel da policia parlamentar», do «Corpo da Paz» conhecida também pelo nome de «Lesotho La Khotso» (milícia irregular que apoia o chefe Jonathan) seriam os responsáveis por estes crimes.

Numa única aldeia, conta o jornalista, teriam sido encontrados os corpos de 30 pessoas que foram levadas de suas casas para o posto da polícia onde foram mortas.

Estes assassinios seguem-se a uma tentativa abortada de levantamento popular, em Janeiro último, e que segundo fontes fidedignas teria feito muitas centenas de mortos nas últimas semanas.

Por seu turno, o chefe Jonathan declarou no domingo passado que os Partidos políticos estavam na origem da «desunião» do povo e suscitavam neste «sentimentos maus». «Nestas condições, declarou o chefe Jonathan, «o povo deverá reclamar a abolição dos partidos políticos». Parece pois ser o desejo do chefe Jonathan impôr brevemente o Partido Nacional como partido único.

De fonte bem informada, faz notar que depois dos incidentes do fim do ano passado, a oposição está praticamente reduzida a nada, pois os principais dirigentes do Partido do Congresso (oposição) fugiram para a Africa do Sul ou para a Zâmbia.

Ao contrário do Partido Nacional, o Partido do Congresso (P.C.) tem uma política anti-sul-africana. Em Janeiro de 1970, quando o PC parecia ir ganhar as eleições, o chefe Jonathan interveio pela força para impedir a realização normal do escrutínio e evitar a queda do seu regime. Como a Africa do Sul aplica o princípio de «não-ingerência» absteve-se de qualquer comentário.

A oposição, no Lesotho, já não pode manifestar-se senão nas igrejas cujos dirigentes têm sido, até agora favoráveis ao chefe Jonathan, mas poderiam em breve reconsiderar a sua posição.

A oposição argentina exige o julgamento do comandante da polícia da cidade de Córdova

BUENOS AIRES, 7 — (R.) — Uma votação crucial sobre intervenção federal no agitado Estado de Córdova, na Argentina, foi adiada para hoje, após parlamentares da oposição exigirem que fosse julgado por sedição o comandante da Polícia rebelde daquela região.

A câmara dos deputados parecia a noite passada inteiramente disposta a seguir o exemplo do Senado e votar a favor de intervenção até elementos do Partido Radical, da Oposição, afirmarem que apoiariam a moção se ela incluisse uma cláusula para que o comandante da Polícia de Córdova, tenente-coronel Antonio Navarro, fosse julgado.

Contudo, Raul Latiri, o presidente peronista da Câmara Baixa, evitou uma votação imediata, ordenando um adiamento até hoje.

O tonente-coronel Navarro provocou a crise em Córdova ao depor o governador do Estado, Ricardo Obregon Cano, um elemento das esquerdas, na quarta-feira passada durante uma revolta apoiada pela força policial de dez mil homens da área.

A revolta originou recontros nas ruas de Córdova, em consequência dos quais morreram, pelo menos, sete pessoas e mais de vinte ficaram feridas.

Um governador interino das direitas foi nomeado pelos tribunais.

Contudo, o gabinete do general Juan Péron pediu ao Congresso aprovação para dissolver o Governo estatal e nomear um sindicato federal, que administraria a região sob ordens de Buenos Aires.

CALEIDOSCÓPIO

ENERGIA — A França está a construir 13 novas centrais nucleares e o calor central nos lares particulares será proibido durante seis meses por ano — anunciou a noite passada o primeiro-ministro Pierre Messmer. (R.).

CIMEIRA — A República Federal Alemã anunciou aos seus parceiros no Mercado Comum que pretende organizar uma Cimeira europeia em Bonn, nos dias 27 e 28 de Maio — declaram em círculos do Mercado Comum. O chanceler Willy Brandt pretende preparar cuidadosamente a reunião, de forma a que seja um êxito, evitando as promessas falsas das duas anteriores cimeiras europeias. Seria a terceira reunião dos presidentes e primeiros-ministros dos «Nove» desde há dois anos. (UPI/ANI).

INVESTIGAÇÃO — Uma equipa de investigadores que procura determinar o que provocou a queda de um «DC 10» turco nos arredores de Paris, vitimando os 345 ocupantes, concluiu que uma explosão não foi a causa do desastre — anunciou a estação de rádio RTL. A emissora afirmou que não houve sabotagem uma vez que os investigadores averiguaram que não havia bagagem no compartimento cuja porta se desprendeu. Alguns peritos sugeriram que uma súbita despressurização teria provocado o colapso da estrutura do aperelho. (UPI/ANI).

Greve geral na Etiópia

ADDIS ABEBA, 7 (R.) — Começou hoje uma greve geral na Etiópia, menos de uma semana depois de terminar uma revolta militar que abalou o reuno montanhoso do imperador Hailé Selassié.

ESPIRAL

COMUNICADO

MACAUNITER
MALHAS E CONFECÇÕES, LDA.

Tem a honra de comunicar aos seus clientes e público em geral que a sua representada MACAO KNITTERS, LDA. passou a produzir artigos de malha em PURA LÃ VIRGEM, controlados pela WOOLMARK, com o NOVO TRATAMENTO SUPERWASH, depois de autorizada pelo Secretariado Internacional da Lã.
As malhas com tratamento SUPERWASH são 100% LAVÁVEIS À MÁQUINA e serão comercializadas em Portugal Continental e Ilhas Adjacentes sob o nome

WOOLMARK
PURA LÃ VIRGEM

DL/ESTRANGEIRO

Habitantes de bairros de lata de Roma efectuaram uma manifestação sentada na Basílica de São Paulo, pedindo rendas de casa mais acessíveis. Foi a terceira igreja ocupada nos últimos dias por habitantes de bairros de lata. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

FRENTE ISRAELO-SÍRIA

Estado máximo de prevenção desde a guerra de Outubro

JERUSALEM, 7 (R.) O novo Governo israelita, formado ontem após quatro meses de negociações difíceis, observa hoje cuidadosamente a situação na frente dos Montes Golan, onde forças hebraicas e sírias se encontram no estado máximo de prevenção desde a guerra de Outubro.

A grave situação que se anunciou ter-se desenvolvido a seguir a novo desdobramento de forças militares sírias na frente fez com que o primeiro-ministro Golda Meir pudesse apresentar ontem, à noite, o seu gabinete ao presidente.

Essa pressa foi devida ao facto do relatório sobre os movimentos das tropas sírias ter persuadido aparentemente na terça-feira, à noite, Moshe Dayan a mudar de atitude e anuir em sobraçar novamente a pasta da Defesa.

O partido Nacional Religioso, que antes exigira a formação de um Governo de emergência nacional, de forma a incluir o Likud, da Direita do Centro e da Oposição, votou também a noite passada a favor de se juntar ao Governo minoritário da senhora Meir «Por causa da grave situação de segurança».

Dirigentes israelitas recusaram-se a noite passada a revelar a natureza exacta do perigo com que a Síria os ameaça, embora admitissem que a situação era séria. Contudo, não se registou tiroteio e a vida continuava como habitualmente nos acidentados montes.

Aparecendo ontem, à noite, na televisão, Dayan avisou que alguns países árabes, como a Síria e o Iraque, se opuseram a uma solução com Israel e exigiram concessões mais do que extremas, incluindo a criação de um estado palestiniano.

A União Soviética apoiava esse grupo, prosseguiu Dayan. Explicou que, a fim de atacar Israel, a Síria não tinha necessidade de concentrar as suas forças visto elas já se charem defronte de Damasco, em frente das linhas hebraicas.

Dayan acrescentou que nem os palestinianos nem a União Soviética se sentiram felizes com os progressos que o secretário de Estado norte-americano, dr. Henry Kissinger, estava a conseguir nas suas diligências para obter uma solução no Médio Oriente.

Tentativa em Itália para reconstruir a coligação de centro-esquerda

ROMA, 7 — (R.) — Mariano Rumor, por quatro vezes primeiro-ministro de Itália, inicia hoje conversações destinadas a formar o seu quinto Governo, após ser encarregado ontem de o fazer pelo presidente Giovanni Leone.

O novo gabinete de Rumor, o 36.º desde a queda do fascismo, em 1943, no país sucederá directamente à antiga cogação de quatro partidos, que se demitiu no sábado.

O democrata-cristão, de 58 anos, tornou ontem claro que o seu primeiro objectivo seria reconstituir como antes a mesma coligação do centro-esquerda, formada, por elementos do seu Partido, socialistas, democratas-sociais e republicanos.

Contudo, apesar de Rumor desfrutar ainda de grande prestígio entre os antigos parceiros da coligação, o pequeno partido republicano, cuja retirada de apoio depôs na semana passada o Governo, deve, segundo se espera, apresentar termos severos como condição, para participar novamente no Governo.

Foi uma discórdia acerca de política económica entre o chefe do Partido Republicano, Ugo La Malfa, que sobraçará a pasta do Tesouro, e o ministro do Orçamento, o socialista Antonio Giolitti, que provocou a disputa que fez com que o Governo se demitisse.

Os republicanos insistem numa nova forma de «gabinete alargado», com o fim de incluir como membros de um Governo de coligação os influentes secretários dos Partidos.

Tal forma destina-se particularmente a meter nas fileiras governamentais o senador Amintore Fanfani, o todo poderoso secretário do Partido democrático-cristão, que domina a coligação.

Contudo, os outros membros do gabinete tem resistido à ideia e observadores não excluem a possibilidade de uma coligação de três partidos sem os republicanos, que dispõem ainda de uma maioria parlamentar confortável.

Rumor, um antigo professor de escola, declarou a jornalistas, após ser recebido ontem em audiência pelo presidente Leone que o seu objectivo imediato seria levar os parceiros da coligação a concordarem com um programa económico coerente.

Semelhante programa teria de ser baseado tanto em austeridade como em expansão seleccionada — acrescentou.

A coligação anterior viu-se assoberbada por disputas permanentes entre La Malfa, que insistia em medidas duras para se combater a inflação, e os socialistas, que argumentavam a favor de uma política de desenvolvimento económico, destinada a impedir o aumento do desemprego.

Terceiro dia de luta na fronteira Iraque-Pérsia

BEIRUTE, 7 (UPI-ANI) Tropas iraquianas e persas trocaram fogo de artilharia, morteiros e metralhadoras, na fronteira entre os dois países, pelo terceiro dia consecutivo — afirmou um comunicado militar do Iraque.

O comunicado, que foi radiodifundido pela rádio de Bagdad, afirmava que tinham ficado feridos nove soldados iraquianos.

Aviões de combate persas violaram também o espaço aéreo do Iraque, ontem e na terça-feira acrescentava o comunicado.

Na altura em que a luta se processava, o homem forte do Iraque, Saddam Hussein, encontrou-se durante 75 minutos, em Bagdad, com o embaixador do Irão, Hussein Zada anunciou a rádio.

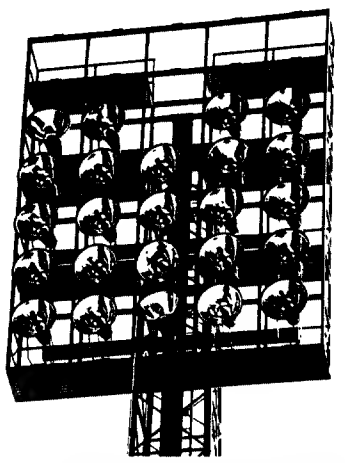
Hussein é vice-presidente do conselho do comando revolucionário do Iraque, e subsecretário-geral do Partido dirigente Baas.

A rádio não deu pormenores das suas discussões.

O comunicado acrescentava que a luta centrava-se num ponto da fronteira 160 quilómetros a nordeste de Bagdad e acusava os iraquianos de terem iniciado o tiroteio.

os grandes espectáculos desportivos brilham mais com luz Philips

Iluminação do
ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE
(1ª Fase)



PHILIPS

A PHILIPS instalou no ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE
96 Projectores tipo HNF 006 (feixe estreito),
equipados com lâmpadas de mercúrio halogéneo HPI T 2000 W (220 V)

Potência instalada: 204 KW
Fluxo luminoso total: 17 280 000 lm
Iluminação média: 500 lux
Coeficiente de uniformidade 46 m

Philips Portuguesa, S.A.R.L.
Departamento de Iluminação: Lisboa - Av. Eng.º Duarte Pacheco, 6 • Porto - Rua Fernandes Tomás, 760

MAIS UM ESTÁDIO COM LUZ PHILIPS

DL/GERAL

DRA. MARIA HELENA FACHADA MARTINS DA SILVA

2.º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE

A família comunica que amanhã, dia 8 do corrente, serão celebradas as seguintes missas de sufrágio:

RESIDÊNCIA DOS ÁLAMOS (R. Prof. Aníbal Betencourt, n.º 5)	**— 12.15 H.**
SEVER DO VOUGA	**— 8.30 e 21.00 H.**
QUARTEIRA	**— 18.30 H.**
PRESA (AVEIRO)	**— 18.30 H.**
S. LOURENÇO DO BAIRRO	**— 21.30 H.**

e no dia 9, sábado, na:

IGREJA DOS CLÉRIGOS	**— 19.00 H.**

agradecendo, desde já, às pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

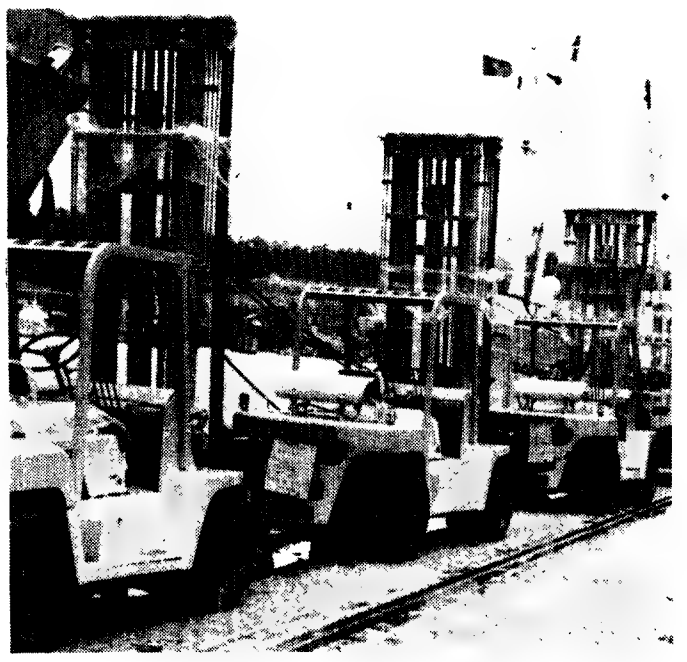
DO JAPÃO PARA A CELNORTE

. Chegou ao porto de Leixões uma importante encomenda de empilhadores TOYOTA, sendo destinados à Celnorte 8 unidades com capacidades de carga de 4 a 6 toneladas e especialmente preparadas para operarem em celuloses.

A Celnorte, um dos mais importantes empreendimentos industriais do Norte do País, demonstra assim, à semelhança de outras grandes organizações, a sua confiança no material Toyota e nos importadores e distribuidores daquele equipamento, Salvador Caetano, S.A.R.L..

Além dos empilhadores, cujos modelos permitem uma vasta acção nas mais diversas situações e tipos de mercadoria, a Toyota produz ainda uma vasta gama de veículos industriais, como tractores de reboque e pás carregadoras.

A imagem mostra alguns empilhadores Toyota logo após a operação de descarga.



Costa Junior 50 anos de jornalismo

Presentemente na Redacção do nosso prezado colega «Diário Popular» completou cinquenta anos de profissão o jornalista Costa Junior.

Por muitos jornais passou este profissional da informação: «A Tarde», «Correio da Manhã», «A Cidade», «Jornal da Tarde», «A Noite», «O Século», «Novidades». «Repórter X», «Revista do Ultramar», «Diário da Manhã» e «Epoca».

As nossas saudações no seio de mais um dia de trabalho.

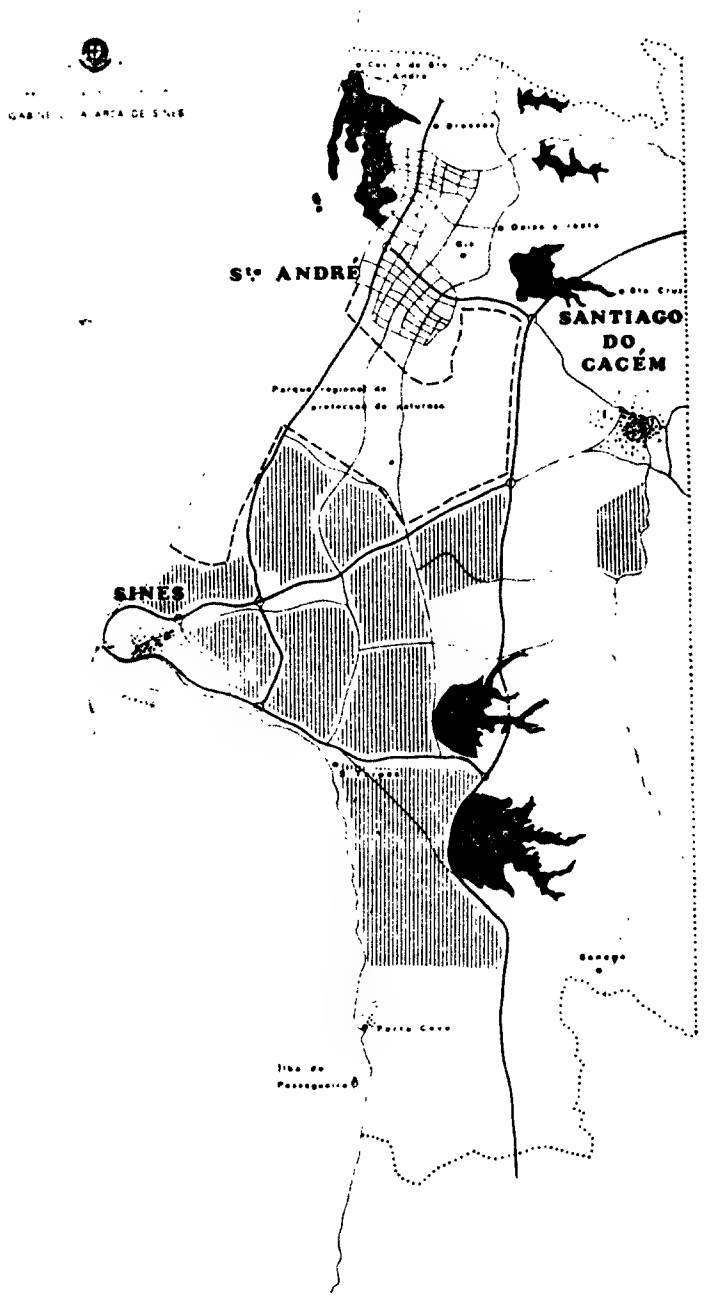
O revolucionário colchão que oferece segurança total
• RESISTENTE À CHAMA
• NÃO INFLAMAVEL
• AUTO - EXTINGUIVEL
e ortopédico como todos os colchões da **MOLAFLEX**

O custo de vida em Cabo Verde

CIDADE DA PRAIA, 7 — (ANI) — Apesar do suporte financeiro custeado pelo governo provincial no que se refere a bens de primeira necessidade, tais como o milho — base da alimentação do cabo-verdiano — tem o custo de vida neste arquipélago sofrido sucessivas agravações.

Os ovos, por exemplo, são vendidos no «mercado negro» a três escudos cada, muito embora o seu preço de tabela seja dois escudos e cinquenta centavos. Por outro lado, a ser permitido a importação de arroz dos Estados Unidos, ele deverá custar cerca de 30 escudos por quilo.

Na base do aumento do custo de vida estará a necessidade de importação de vários produtos essenciais, consequência da seca que desde há já seis anos se tem feito sentir em Cabo Verde.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

GABINETE DA ÁREA DE SINES

INSCRIÇÃO PARA A PRÉ-QUALIFICAÇÃO DE CANDIDATOS AO CONCURSO PARA A CONSTRUÇÃO DE 2.000 ALOJAMENTOS NO 1.º ALOJAMENTO (1.ª FASE) DO NOVO CENTRO URBANO DE SANTO ANDRÉ

O Gabinete da Área de Sines aceita, até às 17 horas do dia 13 de Maio de 1974 inscrições para efeito de pré-qualificação de candidatos ao concurso para a construção de 2.000 alojamentos no 1.º estabelecimento do novo centro urbano de Santo André.

Podem inscrever-se empresas isoladas ou agrupadas que possam comprovar documentalmente terem executado empreitadas de dimensão equiparável no domínio da construção civil e possuam tecnologias compatíveis com as características do empreendimento.

As condições de inscrição e os elementos que devem ser apresentados, bem como outros esclarecimentos que se entenda serem necessários, deverão ser solicitados à secretaria da Direcção de Serviços do Centro Urbano do Gabinete da Área de Sines, Rua de Artilharia Um, n.º 33 - 5.º, em Lisboa (Telefones: 65 55 40 / 9).

O DIRECTOR DO GABINETE

António da Silva Martins, Eng.

DL/DESPORTOS

ESTUGARDA, 1-VITÓRIA DE SETÚBAL, 0

Escorregar não é cair

ESTUGARDA (Especial para o «Diário de Lisboa», por Orlando Dias Agudo) — Que fez escorregar o Vitória nesta sua deslocação a Estugarda? sim: que fez escorregar o Vitória, exactamente quando era a equipa que melhor se tinha adaptado à lama do relvado, revelando um dominio absoluto da situação? A pergunta ficará, certamente, sem resposta (pelo menos nos tempos mais próximos) até porque o facto de ter escorregado ontem à noite, no gelado de Estugarda, não significa que tenha caído.

O Vitória principiou o encontro conforme as circunstâncias aconselhavam. Ou seja: tomando o pulso dos incrédulos desta cidade metida entre colinas, jogadores apupados pelos do seu emblema que há muitas semanas não sabiam o que era o sorriso do triunfo.

Durou pouco tempo a consulta do termómetro contrário: bastante cedo os homens da camisola listada compreenderam que a sorte do jogo não estava com o seu adversário, que perdia quase todos os ressaltos de bola. E foi assim que os setubalenses começaram a aventurar-se um pouco mais no meio campo adversário, causando calafrios à extrema defesa germânica.

Bem colado à linha, Jacinto João punha os laterais a pão e laranjas: ora do lado esquerdo, ora do direito, o homem com o número onze às costas bailava perante quem lhe surgia pela frente, tendo tido até a oportunidade de oferecer à cabeça de Vicente o remate que, a concretizar-se, daria um tento de magnífico efeito. Só que o brasileiro errou no cálculo: e a esferinha perdeu-se na linha de fundo.

Quando o soviético apitou para o intervalo, pensou-se que, na cabina, José Augusto desse aos seus homens a chave do triunfo. Tê-la-á dado: mas eles talvez a tenham perdido no túnel de acesso. Porque, na segunda parte, o Vitória não tentou (sequer) aplicar o golpe de misericórdia na turma que ouvia assobios dos seus próprios adeptos. E cumpriu os minutos complementares como que alheada do acontecimento, pensando em Setúbal como no cenário mais próprio para esses actos...

Veio o golo (frio, gelado) dos de Estugarda e logo a seguir a substituição de Vicente por Arcanjo: foi a entrega total, o baixar de braços definitivo, salvando-se da apatia o defesa Rebelo, o médio Octávio, o guardião Torres e ainda, a curtos prasos, o «capitão» Cardoso.

Resumindo: o Vitória teve o pássaro na mão mas deixou-o fugir. Certo que ele não foi para campo aberto: permanece num quarto fechado, que tem uma janela sem fecho. Quer dizer que o pássaro pode muito bem tomar o ar livre e deixar a turma setubalense a olhar (como espectadora) para as meias-finais...

No entanto, passar em Setúbal não é fácil: Epenhoff (o treinador do Estugarda) está convencido que ganhará nas margens do Sado também por 1-0. Todavia isso não acontecerá com a facilidade que julga.

O soviético do apito teve o condão (raro) de não agradar nem a gregos nem a troianos. Prejudicou ambas as turmas com erros de visão e de interpretação. Demonstrou, no entanto, possuir vontade de foice e de martelo. Isto é: nunca voltou com a palavra (leia-se apito) atrás.

Enfim: perder uma batalha, não significa perder a guerra. E os alemães parece que já estão esquecidos desta verdade...

Joaquim Torres, guarda-redes do Vitória de Setúbal, salva a sua rede com um mergulho rápido ao solo, furtando a bola da ameaça de Ohlicher (à esquerda) e Brenninger. Outros jogadores portugueses no lance: Octávio, Matine, Rebelo e Carlos Cardoso

As equipas

Estádio de Neckarstadion. Arbitro: Litopov (Rússia)

ESTUGARDA: Heize; Weidman, Entenman, Zech (cap.) e Coordes; Martin, Handschuch e Elmer; Jank, Ohlicher e Brenninger. Substituições: Elmer (45 minutos) foi rendido por Scheper, e Sticke (60 minutos) ocupou a posição de Jank.

VITORIA: Torres; Rebelo, Cardoso (cap.), Mendes e Carriço; Octávio, Matine e José Maria; Vicente, Duda e Jacinto João. Substituições: Arcanjo (68 minutos) substituiu Vicente

Ao intervalo: 0-0. Golo: 1-0, aos 71 minutos, por Stickel. No final: 1-0.

A 4.ª feira europeia

Para além dos dois jogos já disputados para a primeira «mão» desta eliminatória da «Taça dos Campeões» (Bâle, 3-Celtic, 2 e Bayern, 4-CSKA, 1) os desfechos dos embates futebolísticos a nível europeu ontem foram os seguintes:

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS: Estrela Vermelha-Atlético de Madrid 0-2 e Spartak Trnava-Ujpesti, 1-1

TAÇA DOS VENCEDORES DAS TAÇAS: Sporting-Zurique, 3-0; Magdebourg-Stara Sagora, 2-0; Glentoran-Möenchengladbach, 0-2 e Milan-P.A.O.K. (realiza-se no dia 13).

TAÇA U.E.F.A.: Stuttgart-Setúbal, 1-0; Ipswich Town-Lokomotiv Leipzig, 0-1; Köln-Tottenham, 1-2 e Chorzow-Feyenoord, 1-1.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Está a decorrer em Coimbra, sob a orientação do prof. Valdemar Lucas Caetano, chefe de Divisão da Direcção-Geral da Educação Física e Desportos uma reunião de Sub-Delegados do Ensino Básico de todo o País.

Esta reunião tem por finalidade o estudo dos diversos problemas relacionados com a educação física naquele sector de ensino, integrando-se dentro das linhas da nova orientação da Direcção-Geral da Educação Física e Desportos.

*ski?

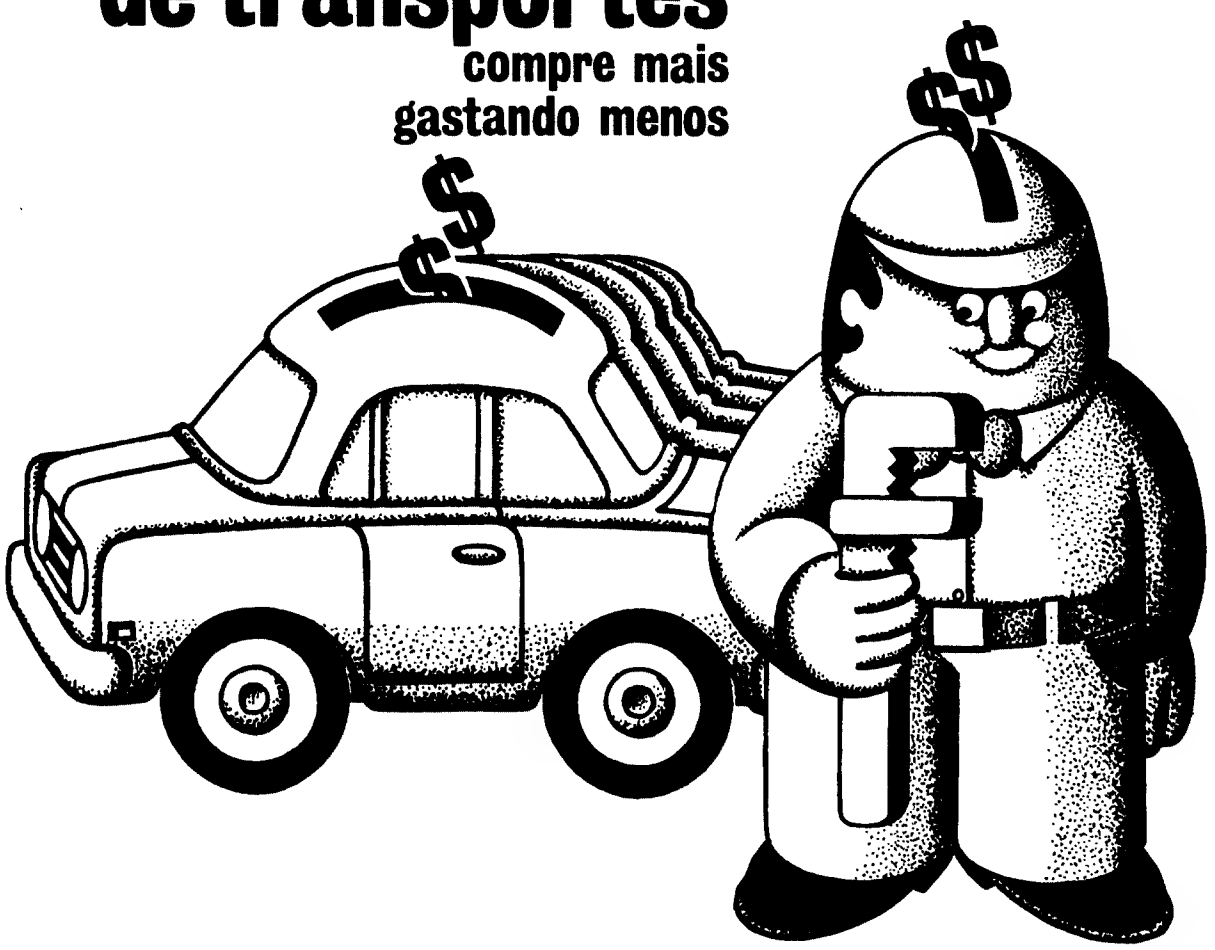
Viva todos os prazeres da neve e do sol
Em estâncias internacionais
Na verdadeira saison
dos Alpes, Pirinéus
e Sierra Nevada
Escolha a sua estância
preferida. E beneficie dos
nossos preços excepcionais

Andorra, Áustria, Espanha, França, Itália e Suíça.

1 semana desde *3960$00*
(pensão completa)
Viagem em jacto, hotel, transfers, excursões, cursos de ski, etc

Inscreva-se já!
Agência de Viagens
E. Pinto Basto & Ca. Lda.
Praça Duque da Terceira, 20
Tel. 36 69 11 / Lisboa 2

deixe-nos resolver o seu problema de transportes
compre mais gastando menos



Se possui mais de 4 viaturas em seu nome pode beneficiar do Programa de Frotistas Chrysler. Isto significa que: Tem Condições de Venda Especiais. Tem um esquema extremamente vantajoso no Serviço Após-Venda. O seu problema de transportes pode ser resolvido da forma mais económica. Como? Nós o elucidaremos.*

CHRYSLER
SIMCA
SUNBEAM

Chrysler constroi os carros que você deseja.

REPRESENTAÇÕES AUTOMÓVEIS CHRYSLER SARL

Consulte o Departamento de Frotas e Vendas Especiais.

* Dezenas de frotistas "amam" os nossos Serviços.

DL/DESPORTOS

REGISTO

OLIMPISMO

Palestra do dr. José Maria Cagigal, director do Instituto de Desportos de Madrid, pelas 18 e 30 de amanhã, no salão de cinema do Palácio Foz.

XADREZ

Inaugura-se esta noite (20 horas) o campeonato de Portugal de xadrez, que decorrerá nas instalações do Ateneu Comercial de Lisboa.

JUNIORES

Esta tarde, perante a turma da Cuf, a selecção nacional de juniores efectua novo treino no Jamor. O técnico Pedroto convocou os seguintes elementos: Valter, Dinis e Libânio (Sporting); Barrinha e Alexandrino (Belenenses); Eurico e Gaspar (Benfica); Roque (Académica); Pinho, Gomes e Tavares (F. C. do Porto); Ferreira (Famalicão); Nelson (Cuf); Lito e Formosinho (Vitória de Setúbal); Fernando Martins e Seidi (Atlético); Sousa (Sanjoanense); Barbosa (Farense) e Fonseca (Montijo).

TOMAR

Um misto do Benfica e do Belenenses enfrenta hoje, no estádio municipal de Tomar, a turma do União local, na festa de homenagem ao guarda-redes Nascimento, que alinhou largo tempo no «onze» capitaneado por João Carlos.

BENTO PESSOA

Iniciam-se hoje, na Figueira da Foz, as comemorações do centenário do nascimento de José Bento Pessoa, o primeiro ciclista português de renome mundial.

«TAÇA»

Quem diria que o Paços de Brandão eliminava o Peniche da «Taça de Portugal», em futebol? Pois aconteceu: 1-0, chegou e sobrou para atirar, pela borda fora, o «team» de Fernando Peres. Outros resultados de jogos de desempate desta eliminatória que precede a entrada dos blocos mais cotados: Avintes,5-Beja,0 e Famalicão,7-Ovarense,1.

CASTIGOS

A Federação de Futebol tornou pública mais uma extensa lista de castigos, onde se destacam um jogo de suspensão a dois elementos do Farense (Lampreia e Sério), uma advertência a Fernando (União de Tomar), três jogos de paragem obrigatória a Costa Almeida (Penafiel) e Paula (Peniche), dois a Marques (Avintes), advertência a Guerreiro (Beja), multa de seis contos ao Estrela da Amadora, um mês de suspensão ao seu dirigente Carlos Baptista e outro tanto a Vítor Carvalho (do Seixal).

NAS CABINAS DE ALVALADE

João Rocha: "alegrias de mais num só dia"

Novas torres de iluminação (que custaram cinco mil contos), passagem quase assegurada às meias finais da «Taça das Taças» (dez anos depois de o Sporting haver conquistado aquele troféu), uma vitória espectacular do «team» de Lino, boas novas sobre a recuperação de Fraguito e Laranjeira (trazidas de Londres, durante a tarde, pelo presidente e pelos jogadores), recei- dois mil e cem contos e o des- ao de aprovação ministerial da Sociedade de Construções e Planeamento (porque se bate o Sporting desde Julho passado e que há-de garantir o futuro económico do clube) tudo contribuiu, no dia de ontem, para a tranquila mas segura euforia vivida nos bastidores de Alvalade após os 3-0 ao Zurich.

Era João Rocha, presidente da direcção do clube a garantir aos repórteres: «**São muitas alegrias para um dia só. Estou feliz**». Era o director do estádio (Adriano Oliveira) distribuindo «whisky» a dirigentes, adeptos mais ligados à equipa, jornalistas e visitantes destacados. Eram Lino e os jogadores concedendo entrevistas, abraçando este e aquele: e Yazalde a receber, comovido, um grande ramo de rosas, trazido por um adepto, com a recomendação de que eram para a Carmizé (não sabia, ainda, o atacante «leonino» do desastre que a esposa tivera durante a tarde e que inutilizara o carro do casal, felizmente sem lesões físicas na actriz). E era, também, a palavra dos intervenientes nos lances mais quentes.

Nelson, autor do primeiro golo e que realizou uma espantosa exibição explicou:

— **É uma jogada muito treinada e combinada com o Vagner. Sempre que há um livre naquela posição, ele procura-me para me meter a bola. Assim aconteceu, saí rápido para a apanhar atrás da defesa e o pontapé também foi em cheio.**

Yazalde, que transformou a falta de grande penalidade (sobre si praticada) no terceiro golo:

— **Não há dúvida nenhuma que foi «penalty». Eu já ia sózinho e com a bola dominada a curta distância da baliza quando o número quatro me «enganchou» os pés. No resto do jogo, fui muito marcado mas já contava com isso. Ultimamente, tem sido sempre assim: seja com os clubes nacionais seja com os estrangeiros. Embora duro, o adversário foi correcto.**

Perguntámos-lhe se tinha recebido ordens de Lino para se fixar dentro da grande-área, apesar de rigorosamente vigiado, uma vez que raramente tentou desmarcar-se para os extremos e vir atrás, para fugir à marcação. Resposta do goleador:

— **Lino dá-me liberdade absoluta dentro do campo para eu fazer o que achar bem em cada momento. Como as marcações individuais se mantinham em todos os terrenos, achei por bem ficar dentro da área. É lá que se marcam os golos e, assim, concentrando adversários a marcarem-me, deixava os extremos livres para a equipa avançar.**

Ainda segundo Yazalde, a equipa do Sporting jogou a primeira parte muito contraída e carregada de nervos. O golo de Nelson teria operado a descompressão e a tranquilidade.

«FORTES DE MAIS» DIZEM OS SUIÇOS

Os dois técnicos responsáveis (pelo Sporting,e pelo Zurique) afinavam as suas palavras quase pelo mesmo diapasão, o da vitória justa e da superioridade dos portugueses.

Konietza não hesitou (mesmo) em considerar o Sporting apurado:

— **Não temos nenhumas hipóteses de ganhar esta eliminatória. O Sporting é uma grande equipa europeia e apresentou-se forte de mais para nós. Ainda por cima o árbitro ajudou a cavar o fosso, marcando uma grande penalidade que não existiu. Em Zurique vamos tentar a única hipótese que nos resta: rectificar o resultado e ganhar o jogo, redimindo-nos peranto o nosso público.**

Por seu turno, Mário Lino explicou a mudança de táctica que provocou a reviravolta:

— **Ao intervalo, com o resultado em zero-zero, tive de insistir que, se aguentassemos o ritmo, o Zurique cederia, por cansaço físico. Também foi necessário tranquilizar a equipa, uma vez que os jogos têm 90 minutos e são para resolver em todo o tempo. Entrámos com os extremos nos mesmos lugares da primeira parte, com um aviso: se, até aos 10 ou 15 minutos, a defesa não atacasse, iria Chico para a direita e Marinho para a esquerda. A troca fez-se, os golos apareceram. Por um lado, o Zurique cedeu, fisicamente, como eu esperava. Por outro, os seus laterais que também trocaram, foram obrigados a pisar terrenos que não lhes são habituais e perderam a luta com os extremos. Mas, aí, o mérito é dos meus jogadores Chico e Marinho.**

LOTAÇÃO NÃO ESGOTADA

Embora houvesse dentro do campo mais gente do que a permitida pela lotação oficial (a dada altura as portas foram forçadas entrando espectadores sem bilhete) ficaram por vender cerca de 4 000 ingressos. Ou seja: 2 000 peões, 1 030 superiores, 800 laterais e 100 centrais. A receita atingiu os 2 100 contos, com 40 mil pagantes.

Quanto a lesões, nada de grave a assinalar. Manaca e Bastos (toques nas coxas) e Carlos Pereira (contusões na articulação tibiotársica) foram tratados, mas são recuperáveis para o Montijo.

Manuel Marques, que nos declarou ter de recuar muito na sua memória para encontrar um Sporting tão espectacular «**A jogarmos assim, não há adversário que possa travar-nos**») sorriu ao falar destes casos de lesões garantindo: **Temos tido muitos problemas assim esta época mas, modéstia à parte, as recuperações também têm sido rápidas e em tempo recorde.**

Finalmente, assinale-se a presença de Laranjeira nas cabinas. Segundo ele, o medico inglês que o operou, achou estar a recuperação a andar bem, tendo até pedido ao jogador para puxar mais pelo joelho ate dobrar completamente a pena. Depois é acelerar a recuperação para entrar em contacto com a relva e a bola.

A euforia «leonina» continua, pelo visto, até porque segunda ou quinta-feira reune-se o Conselho leonino para ser ouvido sobre a convocaçao da Assembleia Geral do clube, que há-de aprovar o orçamento e dar a luz verde para a execução prática do plano do presidente do clube.

Daniel Reis

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 27 DE 10 DE MARÇO 74

Badaladas, x22 1x2 x12 111x; Beira Baixa, 112 111 x2x 1112; Boa Nova, 11x 11x 112 1112; O Emigrante, x12 111 xx2 1112; Cardeal Saraiva, 11x 11x x11 1x12; Cavalgada do Ritmo, x22 112 11x 1111; Comércio de Portimão, x12 111 11x 1112; Correio dos Açores, 122 111 1x1 111x; Correio de Coimbra, 1x2 111 1x1 1112; Correio do Vouga, 1x2 11x 111 1111; A Defesa, 1x2 1xx 212 1x12; Diário do Minho. 1x2 11x 112 1x12; Eco de Estremoz, xx2 111 11x 1x12; Ecos do Desporto, x12 111 1x1 1x1x; Eu Sei Tudo, 1x2 x11 112 12x2; Folha do Domingo, x12 111 11x 1112; Imagens Piedenses, 11x 112 1x1 111x Jornal do Barreiro, xx2 1xx 22x 1x1x; Jornal da Beira, 1x2 12x 1x2 11x2; O Jornal de Felgueiras, x12 111 11x 1112; Jornal do Fundão, x22 1x2 x2x 111x; O Jornal da Lixa, 2x2 111 111 x111; Jornal de Santo Tirso, 122 121 222 1x22; Jornal de Sintra, 1x2 1xx 212 x112; Jornal de Viseu, 112 11x 1xx 1111; Notícias de Felgueiras, x22 x1x x1x 1xx2; Notícias de Gouveia, 112 1xx 2x2 1112; Notícias de Guimarães, x12 1xx x22 111x; Açores, 112 x22 11x 1x1x; Autorádio, x12 1x1 211 1112; Boletim Desportivo, 122 112 111 1111; O Benfica, x22 x11 212 xx12; A Comarca de Arganil, xx2 1x1 21x 1112; Revista Desportiva, 212 1xx 212 xxx2; Ritmo, x12 111 x12 1112; O Comércio de Leixões, x12 1x2 212 1112; O Concelho de Estarreja, x22 111 1xx xxx2; Às 10 espere por nós, 2x2 1xx xxx 1222; Ecos de Cacia, 122 111 112 1212; Emissor Regional da Guiné, xx2 1xx 21x 1x12; Estúdio 64, x12 122 x1x 111x; Rádio Desporto-Dili, xx2 11x 212 2x12; Dos Fracos Não Reza a História, x22 122 122 xx1x; Gazeta das Caldas, 122 111 21x 1112; A Ilha, x22 111 x1x 1111; Jornal da Graça, 111 111 111 1111; Litoral, 122 1x2 1xx 111x; Manchete Desportiva, x12 111 111 1112; Maria da Fonte, xx2 1xx x1x 1212; Miscelânea Musical, x12 x1x x22 x211; Montra do Êxito, 122 112 x1x 1112; Música e Desporto, 212 1x1 xx2 1x12; Notícias do Douro, 1x2 1xx 11x 1x12; Peça que não maça, 1x2 121 12x 1xx2; Penalti, 212 111 11x 1112; Placard Desportivo, 2x2 1xx 212 1112; Placard Desportivo Açores, 1x2 121 x1x 111x; Povo Algarvio, xx2 11x 112 1112; Notícias do Totobola, 112 11x 11x 2x12; Fórmula Jota, 212 211 111 12x1; A Minha Matriz (Apostolado), 1x2 x11 2xx 1112; Sporting, 2x2 xxx 212 1x12; Diário de Lisboa, xx2 111 2x2 x212; Época, 12x 111 2x1 x112; O Mensageiro, x12 1x1 112 111x; Mundo Desportivo, 2x2 1xx 21x 1x12; Notícias de Évora, xx2 12x 112 1x12; Póvoa de Lanhoso, x22 1x1 11x 1122; Programa da Manhã, xx2 x12 112 x112; Programa Sem Nome, 112 111 111 1112; Quadrante Desportivo, 212 111 11x 1212; Quadrante Norte, 212 xx1 11x 1212; A Rabeca, x12 11x 112 1112; Rádio Altitude, 1x2 11x 112 1112; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Rádio Sports, 122 x11 111 1112; Reconquista, x12 21x 11x 1112; Renovação xx2 1x2 212 1112; Repórter do Dia - Angola, 112 12x 222 1112; República, 112 1x1 1x1 1x12; Resenha Desportiva, xx2 1xx x12 1x12; Revista de Som, 122 11x x12 1212; Só Rádio, 122 1x2 xx1 2112; O Sorriso da hora do almoço, 11x xxx 211 21x1; O Telégrafo, xx2 x2x x12 1x12; O Templário, x12 111 11x 1112; Voz do Casa Pia, 1x2 11x 11x 1112; A Voz Desportiva, 112 1x2 1x2 xx12; Jornal de Notícias, x12 1xx x12 1112; A Ordem, 112 11x 11x 1x1x; O Primeiro de Janeiro, 2x2 xx2 1x2 1112; A Voz Desportiva, 1x2 1x1 212 1xx2; Voz de Lamego, 222 111 x12 1x12; A Voz dos Ridículos, 112 111 111 1x1x; Bondiazinho, xxx 21x 1121112; Brado Africano-Desporto, 122 xx1 1x2 1112; Brado Africano Ronga, 2x2 x11 121 x11x; Domingo Alegre, 12x 111 12x 2x12; Jornal Desportivo, 112 1x2 x22 1112; Passatempo, 121 21x 121 2112; Revista Desportiva, 1x2 1x2 x12 1112; Roteiro Sonoro, 1x2 x1x x21 x122; Terceiro Programa, 122 x11 111 xxx2; 20 Ponto D, x2x 111 12x 1x11; Renovação, 2x2 12x 212 x112; Diário, xx2 1x1 11x 1x12; Quelimane 73, 1x2 111 2x2 1112.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. BEIRA MAR-GUIMARAES	51	43	19	6	5	1	
2. PORTO-BENFICA	43	42	24	5	5	2	
3. MONTIJO-SPORTING	3	7	99	1	1	10	
4. FARENSE-OLHANENSE	87	19	3	9	2	1	
5. ORIENTAL-BARREIRENSE	60	40	9	7	4	1	
6. BELENENSES-SETÚBAL	50	40	19	6	4	2	
7. PEIRENSE-TIRSENSE	59	23	27	7	2	3	
8. VILANOVENSE-RIOPELE	71	24	14	8	3	1	
9. AVES-VARZIM	24	38	47	3	4	5	
10. GIL VICENTE-CHAVES	88	15	6	9	2	1	
11. BRAGA-ESPINHO	65	34	10	7	4	1	
12. PENICHE-UNIÃO LEIRIA	94	11	4	10	1	1	
13. COVA PIEDADE-ATLÉTICO	12	17	80	1	2	9	

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

112 111 112 1112

SPORTING, 3- ZURIQUE, 0

DL /DESPORTOS

UM LEÃO À SOLTA PASSEIA PELA EUROPA

Pedia-se 3-0 ao Sporting: o Sporting ganhou por 3-0 e, o que é fundamental, amedrontou de tal modo os suiços de Zurique que (estamos em crer dentro de serena análise) os rapazes do país dos cantões regressam a penates com um peso na consciência que bem pode significar o adeus a outras passeatas oficiais no ano corrente. Por exactas palavras: quem há por aí que duvide da chegada dos «leões» às meias-finais da «Taça das Taças»?

Por NEVES DE SOUSA

Fundamentalmente, o encontro de Alvalade teve duas páginas. Primeira: um Sporting amorfo e lento, com o vício de catupultar todo o seu jogo por alto e mal, de molde a possibilitar à defensiva contrária (hercúlea como se sabia) um alívio calmo e sem problemas. Segunda: um carregar no acelerador que, tal como no embate perante a Cuf, deu o fruto de um adversário estirado na relva, de papo para o ar, sem gás nos pulmões, sem força nas pernitas.

Todavia, para atingir este desiderato, o «team» a que Mário Lino conferiu uma confiança e um toque de bola que chega a impressionar (sobretudo na comparação, não muito longínqua, com o mesmo «onze» nas mãos de um inglês pago a peso de ouro...) teve uns amargos de boca. Leia-se antes: passou por uma ponte levadiça onde, minuto a minuto, se diria que estava a um centímetro para tombar no abismo. E, porquê? Exclusivamente por culpa própria: sem cabeça fria, separados de cérebro, guilhotinados pela ansia de corresponderem ao clamar fabuloso da multidão, os sportinguistas queriam encontrar depressa e de qualquer modo o rumo dos acontecimentos. Atingir, quase à balda, o percurso certo para a baliza de Grob. Ora, sabe-se como estas coisas acontecem: precipitação atrás de susto, percalço após tombo, o Sporting arrastava-se pelo campo aos solavancos; sem expressão nem marca na ourela do fato:

Veio, depois, a tal reviravolta: e, também, o admirável golpe táctico de Lino, trocando os extremos, mudando as setas de arranque, ordenando frieza e astúcia onde antes residira sómente sofreguidão e impulso. Baixando o jogo, colocando a bola à flor da relva, beijando-a com pés acariciadores, o Sporting tornou-se um arrepio de frio na espinha quente dos suiços.

ESTOCADA SENSACIONAL

Na fase de debute, a turma do Zurique mostrou logo o esquema defender, defender, defender. E, enquanto as tais vinte mil cornetas barafustavam com uma «razão» que reduzia a cisco os nervos dos contrários, o Sporting Clube de Portugal (agora e já oficialmente também Sociedade de Construções e Planeamento) dava a primeira alegria aos seus contemporâneos, a quantos começam a rebuscar nas algibeiras dinheiro para empatar nas ideias curiosas de João Rocha. Isto é: ia lentamente acalmando a vontade que saltava dos corpos e, a pouco e pouco, reflectia no estudo do golpe mortal, da estocada fixa que iria direitinho ao coração helvético.

Nas bancadas, em sussurro, falava-se do acidente de Carmizé, confiando-se em duas coisas: em que ninguém o tivesse comunicado a Yazalde e, sobretudo, que o despiste do carro da artista não tivesse tido outra consequência que a redução a um monte de latas amolgadas. E também corria outra nova: que estava escolhido o substituto no Sporting do «Prémio Laranja» do CNID. Em troca de Jaime Duarte e da sua incontestada correcção para com a Imprensa, a entrada no elenco directivo de Alvalade de outro jovem valor do foro: o dr. Miguel Galvão Teles.

Mas, mal principiou a esgrima, tudo isso esqueceu: nem acções da Sociedade, nem rodas para o lado, nem vice-presidente no baile das conversas. Só interessava (isso, sim) fazer barulho, apitar em gaitinhas ou bater palmas, gritar ou assobiar. Fazer a força necessária para derrubar o Golias que saira do frio. E o Sporting conseguiu-o: um pouco aos tropeções (verdade se escreva em face da produção inicial) mas de molde a não deixar no ar ou nas palavras de recordação a menor dúvida ou a mais leve reticência.

YAZALDE, O MODELO

Dois mil e cem contos (fora o que escorreu por fora...) e cinco mil almas nas bancadas. Olhos (apenas) para este brinquedo novo que Lino e Rocha manejam, com armas diferentes mas com um diapasão comum. O som do dinheiro que, digam o que disserem, ainda ajuda a remover muitas montanhas...

Mas, vamos a factos mais de jurisdição do cronista: como jogou o Sporting? Bem? Assim-assim? Mal?

Nada disto. Nem muito bem, nem assim-assim, nem mal. Apenas um pouco de cada coisa. Mal na fase dos repelões, da balbúrdia da tremenda confusão que era o mar-magno que ficava na retina após 45 minutos de luta. Assim-assim quando principiou a embalar. Optimo, soberano, senhoril, quando amesquinhou os esboços de resistência e foi fazendo os seus golos: lindo o de Nelson, magnífico o de Marinho, clásico o «tiro» livre de Yazalde.

Por falarmos no argentino: Yazalde mostrou, mesmo no tal período da auscultação parcimoniosa de Zurique, que é um profissional que sabe do ofício como poucos. Com grilhetas postas por dois homens, com outro logo à frente à espera de o descacascar de cada vez da zona da verdade, o goleador de maior respeito na Europa desatou a deambular pelos flancos, quebrando os rins dos contrários e, o que foi fundamental, tornando viáveis as incursões de Marinho ou Chico, os apelos longos a Nelson ou a Vagner. Melhor: o brilho dos colegas em paga do seu sacrifício. Daí, portanto, que as primeiras palmas tenham de ir direitas para o sul-americano, ontem (e uma vez mais) a jogar com cabeça e inteligência, com todos os atributos que o fazem morar na primeira linha da admiração por parte de quantos respeitam os trabalhadores que cumprem, não apenas o horário da labuta mas (e também) com o suor do rosto justificam o seu pão.

OPERAÇÃO ESTRATÉGIA

Como íamos dizendo: na metade da melancia que surgiu à entrada, o Zurique chegou a ter seis homens em linha na defensiva. E, como o Sporting teimava em dar ensejo para essa cortina brilhar, proporcionando-lhe alívios francos e sem apertos, temos que os suiços estavam como sopa no prato. À vontadinha e tranquilos, não fora o volte-face imaginado na cabina, no demolidor intervalo que sufocaria os horizontes do Zurique. Mudados de posição (Chico à direita e Marinho na esquerda) ninguém mais se recordou de Dinis. Nem de Fraguito ou Tomé: tanto Vagner como Nelson, suplantando-se a si próprios e a toda a sua história antiga, eram dois furacões sobre a relva. Dois vendavais que contagiavam Chico e Marinho: de modo tal que só se ficou a pensar até onde chegaria a rocha helvética antes de saltar com a dinamite.

Com efeito, o Zurique entendeu que não valeria mais a pena acomodar-se no seu reduto, única e exclusivamente à espera de um lance de fortuna lá para a frente. Teve de saltar da paliçada: e isso seria fatal para os seus sonhos, pois o Sporting (signifique-se melhor: Vagner e Nelson, Marinho e Chico, Alhinho cá para a retaguarda) causavam um destes quebra-cabeças que ninguém conseguia deixar de aplaudir o seu labor sem falhas. E, em conformidade, a conceder um pouco de perdão aos helvéticos pelo sarilho em que estavam metidos.

SPORTING: O ÚNICO

Ante o bi ferrolho suiço, este Sporting do pós-intervalo foi uma força. Raça e vontade, coragem e esperteza em doses iguais, fizeram do imutável «onze» de Mário Lino um coriáceo perseguidor do golo, apenas espantando como o desfecho final não roçou o cinco ou o seis-zero, que seria (afinal de contas) o resultado que melhor identificava e premiava o espectáculo verde-branco. Porém, os suíços conseguiam a espaços desbaratar na base (e pelos flancos) o Sporting de meio-campo, já que a dureza de Manaca era escusada onde apenas se requisitava sabedoria e aprumo, já porque Baltasar andava perdido nos requebros pelo tapete e Bastos ou Carlos Pereira demoravam a acertar o andamento pelo longilíneo Alhinho, inexcedível a defender e oportuno nas idas até à marcação de cantos.

Recapitulando, encontra-se um Sporting confundido e um Zurique frio em toda a metade inicial. Depois, um leão galopante a jogar para o pó onze suiços que se derretiam como manteiga. Esta imagem patenteia, como se calcula, o trabalho de preparação física e o apuro de cada um dos «teams» em equação: ainda não havia uma hora de disputa e já tudo estava esclarecido. Dois-zero, goleada a esvair-se por um triz, uma só formação entre as quatro linhas.

UM A UM

Valerá a pena dizer apenas mais meia dúzia de palavras. Especialmente sobre o labor individual dos representantes portugueses na «Taça das Taças», mas nunca sem deixar no olvido o modo como Mário Lino fez mais um teste à sua capacidade táctica: vinte valores pela revolução operada no intervalo, outros vinte para a maneira como percebeu do erro inicial e soube, a tempo e horas, remediar tão clamorosa falha no estudo da matéria para exame.

Damas raramente se mostrou: um pouco por discrição helvética (que só tentava golpes de longe e inofensivos) outro tanto porque não quis exibicionismos em 90 minutos que eram de doer na carteira e no sangue. Manaca como de costume: alternando o bom com o péssimo, a merecer palmatoadas pela violência com que (sem a menos necessidade) entrou ao contrário no lance que valeu cartão amarelo, impedimento da passeata a Zurique e, o que também custa, uns contos de réis de multa por possuir (ou teimar em possuir) um temperamento indomável que é arma de dois gumes para o patrão que lhe paga. Bastos subiu com a ascenção dos colegas de sector e Carlos Pereira mostrou, ao longo do período final, como há razão em mantê-lo no «team» e em confiar na sua mocidade e disciplina táctica.

A meio do castelo, palmas (incondicionais) para Vagner e Nelson: com Fraguito a seu lado, teria sido falada em toda a Europa a película cinematográfica de Alvalade. Porém, não se desmerece na apreciação de Baltasar, embora o antigo alcantarense não tenha nos pés a marca do doce toque na bola de Vagner ou no corpo inteiro o poder de elevação de Nelson, o mirabolante.

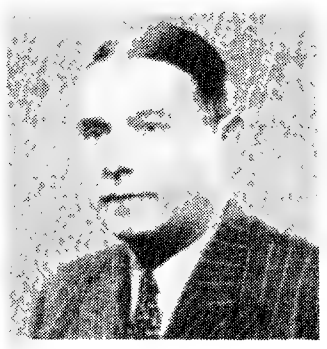
À frente, como salientámos, três «estrelas» de mão cheia: Yazalde pelo que facilitou aos companheiros, Marinho pelo que esventrou nos antagonistas e Chico pelo que significou no pressionar verde, ficam como legenda exacta deste Sporting-Zurique que foi tranpolim «leonino» para o mais alto voo da temporada. Quem foi que disse que o rugido do «leão» não perturba o sono de meia Europa?

Nelson (n.º 8) já enfiou a bola na baliza para o primeiro golo. Yazalde e Baltasar correm para o abraço e o guarda-redes esboça um pálido protesto

Duas tabelas consecutivas Yazalde-Marinho, defesas em desequilíbrio e bola na rede para o segundo golo

Impecável e implacável o remate de Yazalde no terceiro golo

DL/GERAL



AYRES DE OLIVEIRA

Missa 3.º Aniversário

Sua família participa que amanhã, dia 8, pelas 12.30 na Basílica dos Mártires (ao Chiado) mandará rezar missa pelo seu eterno descanso.

UNIVERSITÁRIO
Pretende Part-Time
RPG II
Resposta a este jornal ao n.º 1045

Três feridos graves num acidente

Recolheram, esta manhã, ao Hospital de S. José, sendo o seu estado considerado grave, Manuel Filipe Rodrigues, de 24 anos, António Lopes Charneco, de 39 e um terceiro indivíduo cuja identidade se desconhece, aparentando 40 anos, vítimas de um acidente de viação havido com o carro em que seguiam, em Couço. O veículo era conduzido pelo primeiro.

Armando Alves Rafael

A família de Armando Alves Rafael, motorista do «Diário de Lisboa», há dias falecido num acidente de viação, vem por este meio agradecer a todas as pessoas amigas as provas de solidariedade recebidas e comunicar que se celebra hoje missa do sétimo dia, às 18.30, na Igreja dos Anjos.

Terminou a reunião de peritos de seguros

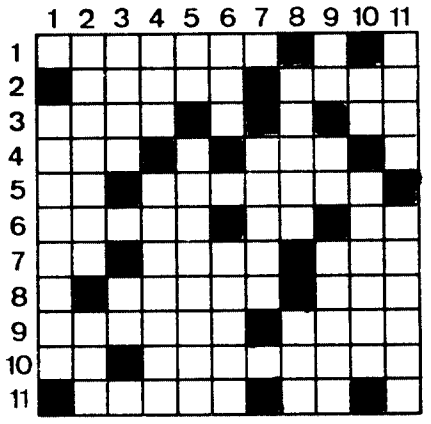
Regressaram já aos seus países os peritos do Comité Europeu de Seguros que, em representação de doze nações, se reuniram em Lisboa para tratarem assuntos da sua especialidade.

A utilização dos cintos de segurança nos automóveis e a sua obrigatoriedade foi o último tema debatido, tendo os peritos salientado a importância do seu uso que passará a ser obrigatório no nosso País a partir do próximo ano.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10716



HORIZONTAIS:

1 Nenhuma pessoa Tempo do verbo ser
2 Outeiro Fatacaz
3 Sova Nome que os Egípcios davam ao Sol
4 Pronome pessoal Pega
5 Batraquio Rapazitos
6 Fendam Pronome pessoal Actinio (s q)
7 Pertences Malho. Um milhar
8 Postos Larva das feridas dos animais
9 Propriedades Nome científico do pato
10 Sufixo que designa estado Idolatrados (fig)
11 Espíritos Letra grega

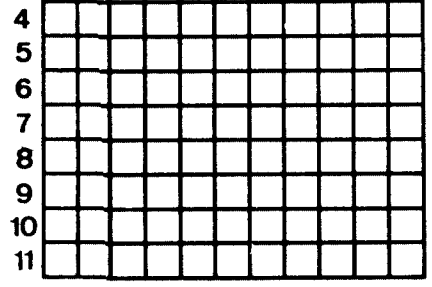
VERTICAIS:

1 Completo
2 Sacrificais Época
3 Cidade de Itália Cromio (s q)
4 Grande. Surripiaram (pop).
5 Cidade da antiga Caldeia Colega.
6 Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da Czarina Isabel Sucessos
7 Macacos americanos
8 Contracção da preposição em com o pronome ou adjectivo demonstrativo este Rio da Suiça
9 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Preposição e artigo definido Universo
10 Cromio (s q) Irão para fora
11 Cordas de reboque Secção

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6874



HORIZONTAIS:

1 Voz imitativa do sino Corta papel
2 Escudeiro Ruins Solitários
3 Laço Cidade da Albânia Sua Santidade
4 Boca muito grande ou escancarada
5 Escavara Que é do ar
6 Oásis. Desgraça.
7 Lugarejo Nome de frutos
8 Idolatrara
9 Galio (s q) Faz notações em Mil e cinquenta em romano
10 Falda Remo para trás Grande arvore da India
11 Nota musical Indivíduos astutos (pop)

VERTICAIS:

1 Tamanho Ensejo
2 Atilho Tomba Manto real
3 Satélite de Júpiter Dança
4 Porcaria
5 Cidade da Arábia. Sereia.
6 Preposição Ratas
7 Nome de mulher Parrecos
8 Oscilara
9 Artigo definido Ave trepadora. Bromo (sq)
10 Uma das Esporades Rei de Israel de 919 a 918 (aC) Voz do gato
11 Esmonca. Cadeiras de braços (ant).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10715

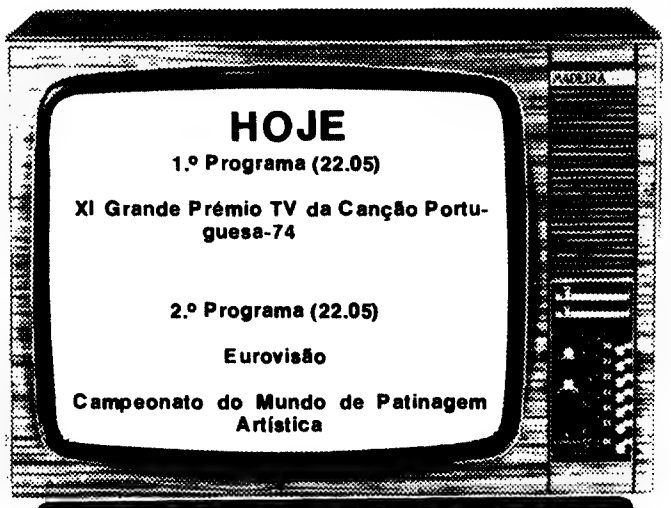
HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 OS FRACOS	1 MORREM. Da.
2 Avos Arear	2 Sambais Cem
3 MM. Acampa	3 Imo Má.
4 Obice. Areou	4 Foices Iró
5 Ramela Asa	5 Rs. El Couro
6 Rios Muar	6 Amansar
7 Es Cás Fa	7 Caça Usasse
8 Piona.	8 Orar Ata
9 Russa Mi.	9 Semearem Er
10 Demoraste	10 APOS A
11 Ama Orear	11 Arauas VIDA

Provérbio: OS FRACOS, MORREM APÓS A VIDA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6873

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Tapas Abras	1 Tampas Faca
2 Al Ru Pi Li	2 Aliena Amen
3 Miara Acaba	3 Acas Ali
4 Peca Arar	4 Arrá Afiram
5 Ana Cás	5 Sua Coisa
6 Sasão Acera	6 Ba Bá
7 Ofideos	7 Apa Saira
8 Fa. Isara Ma	8 Bica Coaram
9 Amara Armar	9 Ajrdes Meu
10 Cela Aero	10 Alba Mara
11 Anima Amuas	11 Siaria Aros

televisão



HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.30 Missa do XVII aniversário do início das emissões regulares da RTP
13.15 A rapariga que sabia de mais
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Um dia com Stella Brito
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa — Educação musical (crianças)
19.25 Filme Infantil «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Povo que canta
20.15 Eurovisão Campeonato do Mundo de Patinagem Artística.
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.05 XI Grande Prémio TV da Canção Portuguesa-74
01.15 Telejornal - 4.ª edição
01.20 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Um dia com Stella Brito
21.00 A rapariga que sabia de mais
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Eurovisão Campeonato do Mundo de Patinagem Artística
23.00 Randal e Hopkirk
23.50 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados TV Funnes
13.00 Saber não faz mal
13.15 George
13.45 Telejornal-1.ª Edição
14.00 Fim-de-Semana
12.40 Logo à noite
2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa Física Moderna
19.25 Filme infantil O Diário das Fáculas
19.30 Telejornal-2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Eurovisão Campeonato do Mundo de Andebol de Sete.
20.25 Cinema 74
21.00 Eurovisão Campeonato do Mundo de Patinagem Artística.
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.05 Eurovisão Campeonato do Mundo de Patinagem Artística.
22.35 Portugal no século XX
23.30 Telejornal-4.ª edição
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa
20.30 Desenhos animados
20.45 Saber não faz mal
21.00 George
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.10 Concerto
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco ou moderado de Leste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	8º
P. DOURADAS	1º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	5º
FARO	10º
FUNCHAL	13º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua
Máxima **15,5º**

Figueira de Castelo Rodrigo
Mínima **3,6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar	12,5º
Atmosfera	9,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.11	4,1 m	9.02	0,5 m
15.39	4,0 m	21.17	0,6 m

DIA 8

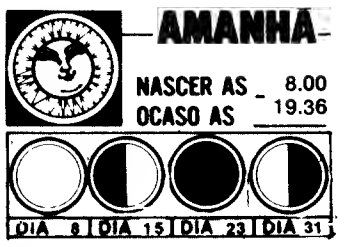
3.58	4,3 m	9.46	0,4 m
16.23	4,1 m	22.00	0,5 m

DIA 9

4.24	4,3 m	10.26	0,4 m
17.05	4,2 m	22.41	0,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Sueste; possibilidades de períodos de chuva a partir da madrugada.



rádio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Noticiário — ao encontro da melodia
16.30 Convívio
18.05 Música popular portuguesa
18.30 Espectáculo
19.05 Música de operetas: selecção da «Viúva Alegre», de Franz Lehar
20.00 Jornal da noite
20.30 36.º episódio do folhetim «O Monte dos Ventos Uivantes»
20.46 Melodias
21.00 Momento 74
21.20 Música portuguesa
21.40 O homem e a natureza, pelo dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.00 11.º Grande Prémio TV da Canção 1974
22.30 Orquestras ligeiras
23.05 11.º Grande Prémio TV da Canção 1974 (cont.) — no final: último jornal

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir, programa elaborado por Margarida Brandão
18.00 Música portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
20.30 Concerto n.º 10 em fá maior op. 9, de Albinoni, pela orquestra «I Musici»
20.45 Temas sociológicos, pelo dr. Carlos Cunha
21.00 Opera sem palavras
21.30 A palavra e a forma
22.00 Concerto n.º 3 em ré menor op. 30, de Rachmaninoff
22.45 A harmonia das horas, pelo rev. padre dr. Videira Pires
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa Movimento
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Fecho

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita-1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à gô-gô
23.00 Noticiário — clube à gô-gô (cont.)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.00 Noticiário
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Genérico
21.05 So-rádio
21.35 Canções que foram êxito
21.45 Arauto da verdade
22.02 Uma vedeta na noite
22.15 Impacto evangelístico
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.0(Radiorama
18.00 Emissão 14
18.22 Palavra do dia — no final: terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.10 Poente
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE R. DE PORTUGAL
06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
11.30 às 19.30

Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO M 1
(Toda a noite)

ALCÂNTARA
Infante Santo, Rua do Olival, 290 (Telef. 661003)
ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (Telef. 712682); **Estados Unidos,** Av. Estados Unidos da América, 16-B (Telef. 725859)
ARROIOS
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-31 (Telef. 46843)
AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A/B/C (Telef. 772291)
BAIXA
Frazão, Rua Portas Santo Antão, 7 (Telef. 328180)
BENFICA
Vitex, Est. Benfica, 372-B (Telef. 780548)
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Telef. 680931)
CAMPO OURIQUE
Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (Telef. 681726)
CONDE REDONDO
Branco, Av. Duque Loulé, 61-65 (Telef. 45048)
GRAÇA
Monte, Rua Senhora do Monte, 30-A/B (Telef. 867842)
LUMIAR
Patulela Herdeiros, Rua do Lumiar, 122-124 (Telef 790332)
MADRAGOA
Lys, Rua da Esperança, 17-19 (Telef. 660913)
OLIVAIS
Central, Rua Alferes Barrilaro Ruas 7-C (Telef 315539)
PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Pichelaria, 140-B/C (Telef 720703 e 728395)
SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elisio, 29-A/B (Telef. 837070)
S. PAULO
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 101 (Telef. 321771)
S. SEBASTIÃO PEDREIRA
Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A (junto à Esc. Técnica do Bairro Azul) (Telef 44000)

TURNO M 2
(Até às 22 horas)

AJUDA
Lídia Almeida, Calçada de Ajuda, 170 (Telef 637318)
ALCÂNTARA
Probidade, Rua de Alcântara, 15-A/B (Telef. 638589)
ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 14 (Telef 866360)
ALVALADE
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-A (à Av. Brasil) (Telef. 765262). **Belo,** Av. de Roma, 53-A (Telef 776314)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge (às Galinheiras) (Telef. 790969)
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36 (Telef. 845513)
AREEIRO
Central, Av. Paris, 2-2A (Telef. 720820)
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (Telef. 763016) **Saldanha,** Av. Praia da Vitória, 53-55 (Telef. 43938)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Telef. 311216)
BENFICA
Marques, Est. Benfica, 64-B (Telef. 700096). **São João,** Est. Benfica, 124-A
CAMINHOS FERRO
Alves de Carvalho, Rua Vale St.º António, 7-9 (Telef. 840125)
CAMPOLIDE
Rualto, Rua Alto do Carvalhão, 5-A/B (Telef. 651721)
CAMPO OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Telef. 666206)
CHIADO
Durão, Rua Garret, 90-92 (Telef. 324166)
ESTRELA
Gama, Calçada de Estrela, 130 (Telef. 660339)
GRILO
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Telef. 385264)
OLIVAIS
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Telef. 311091)
PENHA FRANÇA
Dimar, Rua Conde Monsaraz, 17-B (Telef. 841912)
S. MAMEDA
Cunha, Rua Escola Politécnica, 16 (Telef. 325455)
LUMIAR
Douro, Alam. Linhas Torres, 93-A/B (Telef. 791131)
PICOAS
Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (ao Matadouro) (Telef. 553468)
SANTA MARTA
Fernandes, Rua S. José, 187 (Telef. 326476)
SANTO AMARO
Biotitar, Rua D. João de Castro, 27-B (Telef. 638824)
S. SEBASTIÃO PEDREIRA
S. Sebastião, Largo S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (Telef. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (T. 213161)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039)
DEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho-B. das Caixas de Previdência (T. 2472948)
MURTAL
Primavera
ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391)
CASCAIS
Cordeiro, Av. C. G. Geurra, 40 (T. 280170); **Nova,** E. de Alvide-Fontainhas (T. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (T. 934589); **Campos,** R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); **Clabel,** R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)
DAMAIA
Confiança, E. Militar, Lote D (T. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T. 950045); **Correia,** L. do Mercado, 3 (T. 950906)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034)
MEM MARTINS
Química, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (T. 980391)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 224250)
ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (T. 270242)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 221-B (T. 224141)
BARREIRO
Pimenta, R. C. Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (T. 2764466)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025)
MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 230008)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (T. 229028)
SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (T. 22408); **Portugal,** R. Camilo Castelo Branco (T. 232111)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

7.º TURNO

SUB TURNO A

Alírio de Barros, Suc., Rua de Costa Cabral, 240, **Central,** Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro,** Rua de Cedofeita, 348; **Magalhães,** Rua de Serralves, 566. **Nova de Monsanto,** Rua de Monsanto 148. **Ribeiro Júnior, Sucr.ª,** Rua Firmeza 99-A

SUB TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50 **Corujeira (da),** R. S. Roque Lameira, 1473 **Couto,** L. S. Domingos, 106; **Lapa (da),** R. Antero Quental, 211 **Luso-Francesa,** Rua Sá da Bandeira 140

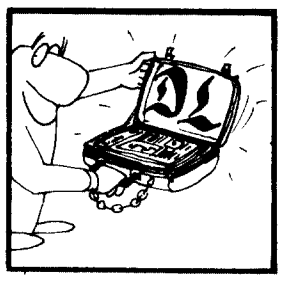
COIMBRA

TURNO B

Estadio, Rua do Brasil 348 r/c (Telef. 24410) **Miranda,** Pr.ª do Comércio 41 (Telef. 23261) **Batista,** Pr.ª da República 910 (Telef. 23247)

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Oleos de aguarelas de Real Bordalo; pintura de Pires Vieira
CASINO ESTORIL — Pintura de Yara (das 15 às 03 horas).
DINASTIA — Trabalhos de A. Pascual (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)
CASTILHO — Trabalhos de Pedro Olayo (Filho), (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)



FUNDAÇÃO GULBENKIAN «100 desenhos europeus» (das 10 às 20 h.)
GALERIA DA VINCI — Pinturas de Vítor Ferreira e Henrique Mourato
GALERIA DIPROVE — Pintura, gravura e desenho de Zao Wou-Ki (das 15 às 21 h.)
S. MAMEDE — Pintura de Patrick Swift
ARCADAS DO PARQUE (ESTORIL) — Pintura de Fernando Correia (das 10 às 22 horas, a partir de amanhã)
GRAFIL — Xilogravuras de Hein Semke (3.ªs e 5.ªs feiras, das 15 às 24. Restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.). Fecha aos domingos.
JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de Ana Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 e 30)
PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Artur José, Maria Adelaide Lima Cruz e retrospectiva de Manuel Jardim (das 15 às 20 h.). Desenhos de Vamora Navelcar
QUADRANTE — Pintura de João C. Martins (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
As 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45 Grupo C (14 anos) colorido «AS IBERICAS FUTEBOL CLUBE» Não jogam limpo nem sujo jogam sexy. Realização de Pedro Maso.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30-21.45 (4.ª Semana) Technicolor Grupo D (18 anos) Liv Ullmann, Gene Kelly e Edward Albert 40 IDADE PERIGOSA. Uma história de apaixonante interesse!

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
12.ª Semana! Technicolor-Todd-ao 35 Grupo D (18 anos) O filme de Norman Jewison JESUS CRISTO SUPERSTAR

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45 2.ª Semana (Grupo B-10 anos)
Colorido Paul Newman e os mais famosos pilotos do Mundo «O ASFALTO DA MORTE». A grandeza! A velocidade! O espectáculo!

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana! Eastmancolor. Les Charlots «A GRANDE BRONCA». Sessões e preços normais.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Panavision-Technicolor. Râmara Dobson e Shelly Winters. «CLEOPATRA JONES». Quinzenas cinema que fala francês. Amanhã às 18.30. Um filme de André Delvaux «LAÇOS ETERNOS» c/ Ives Montand, Anouk Aimé (Grupo D-18 anos

CASINO ESTORIL Tel. 264621-264946
17.00 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor «ANJOS DE ASAS QUEIMADAS» com Nadja Tiller, Susanne Unlen e Jan Koestler.

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
17.ª Semana! Eastmancolor. O filme de Ingmar Bergman «LAGRIMAS E SUSPIROS» (Cries and Whispers. Hoje às 24.00 horas Clássicos à Meia-Noite (Grupo D-18 anos) «ENTRE DUAS LAGRIMAS» de William Wyler.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30-21.45 4.ª Semana Eastmancolor Grupo D (18 anos) AMOR LOUCO (BELLE)
(Metro Alameda)
Amanhã e sábado às 0.15 (Grupo D-18 anos) «AMOR LOUCO» (Metro-Alameda)

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Colorido Grupo D (18 anos) uma festa fabulosa O CONVITE Grande Prémio do juri do Festival de Cannes 1973 o filme de Claude Goretta

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos.
4.ª Semana! Jean-Louis Trintignant, Romy Schneider «O ULTIMO COMBOIO». Os Bons Velhos Tempos. Amanhã às 18.30 (Grupo D-18 anos) «ADULTERIO À ITALIANA» c/ Catherine Spaak, Nino Manfredi, Akintamiroff (Metro: Alameda)

ODEON (Tel. 326283)
15.00-18.30-21.30 (2.ª Semana)
Grupo C (14 anos)
Um filme de Constantino Esteves com Tony de Matos «DERRAPAGEM». Atenção aó à noite Tony de Matos canta no palco.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15-21.45
(Grupo C-14 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor. «OS 2 FILHOS DE TRINITA». Franco Franchi, Ciccio Ingrassia. Às 0.30 h. (Grupo D-18 anos). Ciclo Terror À MEIA-NOITE». Amanhã «VISITA INESPERADA». Sábado «A MÃO» (Colorido).

VOX (Tel. 720808)
21.45
ESTREIA!
(Grupo D-18 anos) Colorido. «TRÊS CRIMINOSOS» com Robert Walker, Diane Varsi. Um filme de Bruce Kessler. Hoje às 15.15 e 18.30 Ultimas exibições do filme «NÃO HA FUMO SEM FOGO» com Peter Finch e Shelley Whinters.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 e 21.45
2.ª Semana! Colorido-Scope (Grupo D-18 anos). O clássico das artes marciais O BOXEUR CHINÊS. Um filme de Wang Yu.

ALVALADE (Tel. 717486)
15.30 - 18.30 - 21.45 2.ª Semana! Colorido Grupo D (18 anos) Elizabeth Taylor, Richard Burton. A ENGRENAGEM. Um filme de Peter Ustinov. Elizabeth Taylor. Grande Prémio Festival de Berlim 1972.

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo C-14 anos)
«A GRANDE FUGA». Em complemento «O HOMEM SINISTRO».

AVIZ (Tel. 47163)
15.30-21.45 (6.ª Semana)
Eastmancolor (Grupo D-18 anos) Mao Ying «A RAPARIGA INVENCIVEL».

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45 20.ª Semana Eastmancolor Grupo D (18 anos) O PORTEIRO. Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru. Amanhã e sábado às 0.30 h. (Grupo B-10 anos) «Cinema Fora de Horas» A GRANDE BRONCA».

RESTELO (Tel. 610275)
21.30
(Grupo D-18 anos)
«AQUELE APARTAMENTO» com Joanna Shimkus, Mel Ferrer e Britt Ekland.

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Color
«O CROCODILO», Franco Nero e Telly Savalas.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30 4.ª Semana! Eastmancolor Grupo D (18 anos) Rossana Schiaffino, Lando Buzzanca e Jean-Pierre Cassel O MAGNATE um escândalo do seu agrado!

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor
Klauskinski, Helena Bojo e Ruy Guerra «AGUIRRE, O AVENTUREIRO» Amanhã e sábado às 00.15 h. (Grupo C-14 anos) «AGUIRRE O AVENTUREIRO»

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Panavision. Technicolor «JUSTIÇA DE CAHILL» John Wayne e George Kennedy.

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
3.ª Semana! Um festival de largalhada! «SIMPLESMENTE GAROTAS» com Sidney James Barbara Windsor

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30-18.30 e 21.45
8.ª Semana
Grupo C (14 anos)
Panavision. Color Um filme de François Truffaut «A NOITE AMERICANA» Jacqueline Bisset (Estacionamento Parque Castil)

PATHÉ (Tel. 821933)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana Colorido Elizabeth Taylor Richard Burton «A ENGRENAGEM» Um filme de Peter Ustinov, Elizabeth Taylor «Grande Prémio Festival de Berlim 1972»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COMUNA-TEATRO DE PESQUISA
21.45 (14 anos) «A Ceia»

A. B. C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Tudo a nu»

CORNUCÓPIA
21.30 (14 anos)
«A ilha dos escravos» e «A Herança»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19.00 (18 anos)
«Drácula prisioneiro de Frankenstein»

PARIS
21.30 (18 anos)
«O MISTERIO DO LAGO»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Sangue suor e pólvora»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Drácula 72»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Vingança de um homem calmo»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Um homem de respeito»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Anjos de asas queimadas»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegonhas»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«O Prémio»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«Corações impacientes»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«O silencioso»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Bullit»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Os Indomáveis»

PORTO/Cinemas

ESTUDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Alfredo Alfredo»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Lotação esgotada»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Sinal Vermelho»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O último a rir»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«Justiça de Cahill»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Nanu, filho da selva» e «Oito feras à solta»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

BATALHA
21.00 (18 anos)
«O Porteiro»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«Raby Jacob»

ESTUDIO
21.30 (18 anos)
Vida em família

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A noite americana»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Remorso»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Monte dos vendavais»

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«Os Forsytes»

BARS BOITES

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264506/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO Com Mário Simões Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos **T. 320164.**

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

DL / NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
SERVIÇOS TÉCNICOS.
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 2363
LISBOA PORTUGAL

Militares mortos em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate os seguintes militares:

No Estado de Angola, o 1.º cabo n.º 068913/73, Samuel Silva de Faria Quinta, natural de Ribeira Brava, Madeira, filho de António de Faria Quinta e de Maria Vera Gomes da Silva.

Na Província da Guiné, o soldado R.P. n.º 820374/73, Bacar Demba, natural de Aldeia Formosa, Farim, filho de Jude Balde e de Cadi Balde.

Morreu ainda o seguinte militar no Estado de Angola, por acidente aviação: furriel miliciano n.º 197868/71, António dos Reis Morais, natural de Barço, concelho de Covilhã, filho de José António Morais e de Glória Fernandes dos Reis.

RTP: 17 ANOS

Hoje, dia do Festival da Canção, comemora a RTP 17 anos de existência. Por esse motivo, na pessoa do dr. Ramiro Valadão, presidente do Conselho de Administração, apresentamos a todos quantos trabalham na Radiotelevisão Portuguesa as nossas saudações.

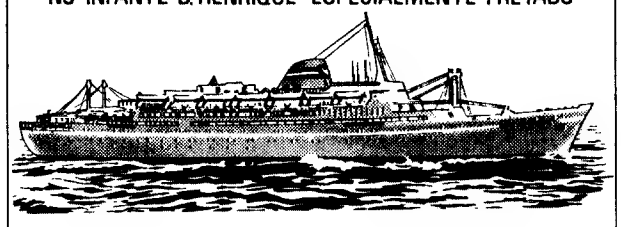
A SAÚDE EM VISEU

A fim de tratar de problemas relativos à coordenação das actividades médico-sanitárias do distrito, encontra-se em Viseu, em visita de rotina que se prolongará até ao final da semana, o director-geral de Saúde, dr. Arnaldo Sampaio.

INSTITUTO DE REUMATOLOGIA

Realiza-se nos dias 2 e 3 do próximo mês de Maio, em todo o Continente e nas Ilhas Adjacentes, o peditório nacional a favor da Obra Médico-Social do Instituto Português de Reumatologia.

CRUZEIRO AZUL
AO MEDITERRÂNEO
10 DIAS NA PÁSCOA
DE 5 A 14 DE ABRIL
NO "INFANTE D. HENRIQUE" ESPECIALMENTE FRETADO



LISBOA - NÁPOLES - GÉNOVA - CANNES - GIBRALTAR
EXCURSÕES FACULTATIVAS EM TODOS OS PORTOS DE ESCALA, COM A POSSIBILIDADE DE VISITAR TODAS AS PRINCIPAIS CIDADES DE ITÁLIA.
FESTAS A BORDO, COCKTAILS, BAILES, JOGOS, CINEMA, DIVERTIMENTOS.
PREÇOS DESDE 4.950$00
Uma organização pollitur central de cruzeiros
UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CREDITO
Informações e inscrições na
HAVAS EXPRINTER
ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE VIAGENS
Rua Aurea, 242 - Lisboa - Telefs. 3 30 19/32 56 20/32 43 06

Abastecimento de óleos alimentares

Continuação da pag. 1

No último trimestre do ano passado, disse o porta-voz do Ministério da Economia, a venda de óleos vegetais alimentares, à excepção do azeite, excedeu em 21 por cento a registada em período homólogo do ano anterior. Porém, em Janeiro, o acréscimo não foi além de 3 por cento, devido à paralisação de uma unidade fabril do norte do País e a uma avaria no departamento de engarrafamento de uma unidade da zona de Lisboa. Em Fevereiro, o abastecimento foi reforçado, embora a procura excepcional do produto tenha continuado a provocar a escassez junto do público consumidor. O abastecimento futuro está assegurado, dado que se dispõe de abundantes existências de sementes oleaginosas e óleos no País. Quanto à evolução dos preços, o dr. Herlander Duarte sublinhou que dependemos da importação do estrangeiro de matérias-primas, o que nos obriga a acompanhar a evolução dos preços nos mercados internacionais, embora o Governo procure transferir para o consumidor apenas a parte dos acréscimos incomportável para o industrial.

O dr. Herlander Duarte negou que haja desinteresse dos produtores pela criação de gado bovino para abate. Em 1973, a oferta aumentou de 7300 toneladas ou cerca de 10 por cento. Tendo o consumo aumentado 7 por cento, foi possível reduzir as importações de carne congelada. Por outro lado, verificou-se a instalação de 250 unidades de acabamento e de engorda. Quanto ao efectivo bovino leiteiro, registou em 1973 um acréscimo de cerca de 20 000 cabeças.

Ainda quanto ao abastecimento de carne e leite, o dr. Herlander Duarte declarou que a produção de carne e de lacticínios nos Açores será incrementada através de acções levadas a efeito no âmbito de um «programa autónomo», previsto na Lei de Meios para 1974 e que se estenderá por vários anos.

DESAVENÇAS EM CENA

Continuação da pag. 1

corpos gerentes acusados) e de tratar das chamadas irregularidades eleitorais, quero dizer que, para os trabalhos desta assembleia, haverá um porta-voz dos corpos gerentes actuais e haverá outro das pessoas que pediram a mesma assembleia. Não tolero que falem para comentar ou para ter opiniões. E uma assembleia de esclarecimento e só os esclarecimentos necessários poderão ser dados».

Pede depois os nomes dos porta-vozes das duas correntes em confronto. Pelos corpos gerentes inscreveu-se o director Ferando Martins; pela lista «B» que pediu a assembleia não se inscreveu ninguém. «Então terei de concluir que pelas pessoas que convocaram a Imprensa e pediram esta assembleia não há ninguém que fale» — disse o presidente.

Neste momento, o associado dr. Nuno Teixeira Neves levanta-se e abandona a sala. O dr. Orlando Juncal pede para falar ao que o presidente responde: «V. Exa. já ouviu as condições em que pode falar. E porta-voz da lista «B»?

«Eu sou associado. o senhor quer que a gente fale sobre aquilo que o senhor quer? Nunca me puseram tal coleira».

Neste momento o associado arq. Benjamin do Carmo entrega um requerimento na mesa que é recusado e... «Com licença» diz (e faz...) o presidente, já que aquele associado não quis retirar o dito requerimento.

Alguns associados levam-se para sair e, destes, Cerveira Pinto protesta, juntamente com o dr. Orlando Juncal, pelo modo como o presidente estava a conduzir os trabalhos. Este declara a assembleia encerrada e a sala fica vazia em poucos momentos.

BILHETES À VENDA
Artistas contratados por INTERARTES
DISCOTECA MELODIA — Rua do Carmo
DISCOTECA VALENTIM DE CARVALHO — Rua Nova do Almada
DISCOTECA VALENTIM DE CARVALHO — Edifício Castil
DISCOTECA ROMA — Av. de Roma
DISCOTECA SINFONIA — Av. de Roma
DISCOTECA APOLO 70 — Av. Júlio Diniz
DISCOTECA COMPASSO — Rua Saraiva de Carvalho
DISCOTECA SOL & DÓ — Marquês de Pombal
AGÊNCIA ABEP — Praç. dos Restauradores
COLISEU DOS RECREIOS

Últimos acontecimentos em A Ver-o-Mar

PORTO, 7 — Depois do despejo efectuado na última segunda-feira por ordem do governador civil do Porto, o padre Ângelo Faria da Venda, de A Ver-o-Mar, Póvoa de Varzim deixou a residência paroquial e ficou numa casa para o efeito alugada pelos seus paroquianos. No entanto, o despejo não se concluíu, tendo sido tirada só parte da mobília, na convicção de que o padre Faria da Venda regresse à sua residência.

Prejuízos e benefícios

BEIRA — (ANI) — «Toda a situação está controlada» — disse à ANI um informador do Governo do distrito da Beira, referindo-se às cheias registadas nesta área. Adiantando que, no caso de não haver agravamentos sensíveis nos caudais dos Rios Buzi, Gorongosa e Pungoé conseguir-se-á, em breve, uma estabilização.

O mesmo informador salientou que as medidas tomadas pelo Governo de distrito, as autarquias locais e as demais emanadas do Governo geral por intermédio da Secretaria Provincial de Comunicações foram «adequadas e oportunas».

No que respeita aos prejuízos ocasionados pelas cheias, foi dito que se pensava serem eles bem compensados com os benefícios que a água e a adubação acarretada trará às áreas de cultura da região.

Quanto às medidas tomadas, o informador acrescentou que elas haviam consistido principalmente, na evacuação por helicópteros e barcos de borracha, das pessoas que se encontravam em locais perigosos, na distribuição de agasalhos e alimentação e na recolha e salvamento de animais.

Sessenta alunos excluídos do I.S.P.A.

Cerca de 60 alunos do Instituto Superior de Psicologia Aplicada encontram-se agora excluídos da frequência das aulas que ontem recomeçaram naquele estabelecimento, ao fim de um mês de interrupção decidida pelas autoridades académicas.

Segundo uma informação oficiosa, a exclusão daqueles alunos deve-se ao facto de não terem pago a 2.ª prestação das propinas.

O titular da direcção do Instituto, prof. Schneerberger Ataíde, cujo mandato deve terminar no próximo mês, encontra-se actualmente, por motivos de saúde, substituído nas suas funções pelos drs. Miranda Santos, Martins de Castro e Breda Simões.

CONSELHO DE MINISTROS

Reuniu-se ontem em S. Bento o Conselho de Ministros, sob a presidência do prof. doutor Marcello Caetano.

O Conselho felicitou o Presidente pelo seu discurso na Assembleia Nacional assegurando-lhe a inteira solidariedade de todos os membros do Governo. Seguidamente apreciou vários decretos-leis, dos quais especialmente se referem:

O que regula a forma como devem organizar-se as entidades que se dedicam ao exercício da mediação de empréstimos-hipotecários e disciplina a respectiva actividade;

O que regula a organização e gestão dos «programas autónomos» previstos na Lei de Meios de 1974;

O que altera a estrutura da Direcção-Geral da Assistência Social, em consequência da sua integração no Ministério das Corporações e Segurança Social.

O Conselho apreciou uma proposta de lei sobre a defesa do ambiente, à qual deu a sua aprovação. Vai ser enviada à Assembleia Nacional.

O ministro das Corporações e Segurança Social fez ao Conselho uma exposição sobre assuntos dependentes do seu Ministério.

Foi finalmente apreciada a situação dos portugueses abrangidos pelas medidas de extorsão dos estrangeiros na República do Zaire e no Reino de Marrocos onde, sob pretexto de nacionalização da economia, se procede à privação de comerciantes, industriais e até de simples operários dos seus bens e instrumentos de trabalho. O Conselho deliberou prestar a necessária assistência aos portugueses que regressem a território português designando uma comissão para se ocupar das providências a tomar.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Em 1928 eu tinha vinte e dois anos no corpo que saira (a custo, parece) do ventre de minha mãe. Tinha vinte no registo paroquial, porque o bom do pároco que me baptizou, ia eu já nos dois anos, me fez o assento dando-me como recém-nado, não obstante uns nomes feios que, disse-se, eu lhe chamei, ao pôr-me ele o sal sagrado na boca. E tinha na alma menos, muito menos, porque a vestiam ingenuidades que já não eram propriamente dos vinte nem dos vinte e dois anos.

Uma dessas ingenuidades, entre outras ingenuidades, foi supor-me (ou levarem-me a supor-me) jornalista, capaz de influir com a minha pena na marcha do tempo e dos acontecimentos do pequeno mundo que era a minha pequena terra natal, Tomar, onde, aliás, à data eu só parava nas épocas de férias.

Pois que era isto, senão uma perfeita ingenuidade? Eu destinava-me, antes de mais nada, a ser músico (outra ingenuidade?). Tinha algum treino e experiência do piano, mas treino e experiência da pena, fora dos meus deveres escolares, eram nulos. É certo que já me socorrera dela para lançar ao papel pautado os meus primeiros rabiscos de compositor; mas trocar ou, pelo menos, alternar a pena de incipiente compositor pela pena de não menos incipiente e, em todo o caso, completamente imprevisto jornalista que ideia foi esta, como cheguei eu aí?

Talvez valha a pena contá-lo, para se me desculpar ou para se me condenar a ingenuidade — seja como for, ao menos para se compreender porque dei eu às páginas que se vão ler o título que elas levam.

MEMÓRIA

FERNANDO LOPES GRAÇA

Fernando Lopes Graça

Estamos, pois, em 1928 — mais propriamente, em Dezembro de 1928, já veremos porquê o especificativo. Dois anos bem contados após o 28 de Maio e a «Marcha sobre Lisboa». A esta data (1926), eu achava-me no meu 7.º ano do liceu, o Passos Manuel (atrasadote, atrasadote, culpa da certidão de idade e do piano...), quando a coisa veio por aí abaixo, partida de Braga, como é sabido. Instaura-se a Ditadura Militar. Já de há uns tempos que, em determinados sectores da vida nacional (desnecessário referir quais...), nas próprias escolas, se vinha criando o ambiente, o estado de espírito favorável ao golpe de força. Lá no liceu foi ele efusivamente saudado por uma boa percentagem dos meus camaradas — filhos-famílias, ou pretensos filhos-famílias, conservadores de vários matizes por educação ou por elegância, vergônteas do Integralismo Lusitano ou da Causa Monárquica, sugeitos no geral arrogantes e conflituosos, em pegadilhas constantes com aqueles de nós que não tomavam partido ou tomavam partido oposto ao deles.

Escassos estes, eu era no entanto do seu número.

Na realidade, eu até então, entregue como me achava à «paixão» da música, não sentia a «paixão» da política, ou só a sentira sem empenhamento de maior. Habitavam em mim certamente sentimentos liberais, mas propriamente da política, seus meandros e implicações, havia-me conservado de todo arredado. O 28 de Maio, a Ditadura, as repercussões que os acontecimentos tiveram no meio escolar em que me achava, a agitação que lhes foi subsequente, tudo isto, ferindo aqueles sentimentos liberais que me eram conformes, produziu em mim também a sua «revolução» e levou-me a tomar partido ao lado da pequena falange dos meus camaradas sem dúvida de formação política mais amadurecida do que a minha (e aqui não posso deixar de recordar o saudoso Alberto Emílio de Araujo). Era o partido dos princípios democráticos contra os princípios autocráticos. Assim, com a Ditadura, me surgi adversário irredutível da Ditadura.

Naturalmente, tudo se passou, e continuou a passar-se, no plano da idealidade, e eu de modo algum me tornei, naqueles tempos mais imediatos, uma personagem «intervencionista».

Do Passos Manuel passei à Faculdade de Letras, ao tempo ideologicamente bastante amorfa, não sei se por efeito da população discente feminina se avantajar consideravelmente à população masculina, o belo sexo não se havendo ainda, naqueles tempos libertado dos traumas da condição burguesa. No entanto, o inconformismo à política do dia lá lavrava, e eu fui naturalmente atraído para o núcleo de estudantes democratas que, com as suas ideias, as suas opções, o seu vivo diálogo, revolvia um pouco as águas chocas da soturna escola. Com os mestres desta não se podera dizer que tenha aprendido muito, mas aprendi as obrigações de uma cidadania consciente com aqueles dos meus camaradas que ja se haviam assumido uma posição de esclarecimento e vigilância da **res publica**.

Um deles era Manuel Mendes, pela mão amiga e diligente do qual comecei a frequentar a Seara Nova e a conviver com algumas das figuras representativas do grupo, já então desfalcado, pela adversidade dos tempos de certos dos seus mais ilustres ornamentos, como Raúl Proença, António Sérgio e Jaime Cortesão. Para mim como para tantíssimos dos jovens da minha geração o doutrinarismo seareiro foi, é sabido, decisivo na nossa educação cívica e política. Não vivi o período da sua mais operante acção na vida pública portuguesa através da corajosa crítica das ideias e das instituições e da lúcida fomentação de um verdadeiro espírito democrático; mas as páginas da revista de tal período (1921-1926) ensinavam-me o que fora essa notável batalha ideológica, e sobre elas me debrucei, em busca de pábulo que arcabouçasse as minhas inconformidades, até então mais do sentimento do que da razão.

E assim me armei para o meu intervencionismo de imprevisto jornalista provinciano.

Filho de republicano, nado e criado numa terra de firmes tradições republicanas, eu arranchava em Tomar num grupo de amigos, uns da minha criação (alguns deles ainda estudantes como eu), outros mais velhos, todos igualmente de raízes e de convicções republicanas. A todos também nos dominava o anseio de participar, como nos fosse possível, na luta contra a situação criada pelo 28 de Maio e que logo conheceu os seus opositores aguerridos e as suas impugnações sangrentas. E isto tanto mais quanto víamos os fundos desgastes que na nossa terra, nos seus costumes e nas suas instituições liberais, estavam operando as pressões do regime autoritário.

Que fazer? Como dar realidade ao nosso anelo de intervenção?

De conversa em conversa, de projecto em projecto, veio ganhando vulto uma ideia: a nossa arma de combate seria um jornal que a atenção dispensada aos problemas locais aliasse, dentro das restrições já imperantes a defesa dos princípios republicanos e uma esclarecedora doutrinação democrática.

Assim nasceu o jornal **A Acção** — Semanário Republicano —, de que eu fui feito director (o que ainda hoje me surpreende), e assim comecei eu a fazer da minha pena um uso para que ela não estava destinada. Bastante inabilmente, bastante ingenuamente, como se verificará pelas prosas que neste livro se compreendiam.

O primeiro número da modestinha folha apareceu em Dezembro de 1928. Em Março de 1931 tinha ela os seus dias contados, não porque lhe faltasse o oxigénio mas porque lhe taparam o resfolegadoiro.

Como cumpriu **A Acção** entretanto a missão que se impusera? Para os assuntos locais, lá estavam os amigos nabantinos. A mim cabia-me o encargo de fornecer os «fundos» doutrinários e o que me viesse à cabeça sobre este ou aquele problema ou assunto de ordem cultural. Não me foi cómodo dar perfeita conta da tarefa. Além da impreparação jornalística, eu, escrevendo de Lisboa, tinha o meu tempo cerceado pelas minhas obrigações de estudante de duas escolas, o Conservatório e a Faculdade de Letras, além de me haver achado perto de dois anos desempenhando as funções de pianista da «orquestra» do antigo Cinema Central. Os outros amigos como eu estudantes em Lisboa, absor-

Continua na pagina dois

LITERATURA

«Memória, um prefácio de Fernando Lopes Graça.

Pág. 1 e 2

MÚSICA

«Georg Solti e Falstaff» por Mário Vieira de Carvalho

Pág. 8

FRANCÊS

«Dicionário Circunstâncial do Teatro Frances (3)», por Carlos Porto.

«Em busca do teatro perdido», uma crítica de Fernando Luso Soares.

ARTES PLÁSTICAS

«O políptico de S. Vicente» (revisão dum processo) por Dagoberto L. Markl.

Págs 4 e 5

«Paris, Poiret, Paulman», o folhetim artístico de José Augusto França.

Pág. 6

Música

MEMÓRIA • FERNANDO LOPES GRAÇA

Continuação da primeira página

vidos também pelos seus estudos e sofrendo. além disso, da mesma impreparação jornalística, escassa assistência podiam dar ao jornal. Mas nós não hesitámos em chamar em socorro de **A Acção** outras penas, as de camaradas nossos comungantes no mesmo credo ideológico e a de um que outro veterano do jornalismo republicano, que generosamente corresponderam ao nosso apelo. E assim vieram a aparecer no periódico artigos subscritos, entre outros, pelos nomes de José Ribeiro dos Santos, Fazenda Júnio, Carlos Bana, Cansado Gonçalves, Alves de Azevedo, Ramada Curto, Alberto Ferreira, José Raul Tamagnini, Vasco da Gama Fernandes, José Eugénio Dias Ferreira, José Cabral, Carlos Babo, Manuel Maria Coelho.

Percorrendo hoje, à distância de quarenta e tantos anos, as páginas de **A Acção**, talvez que aflore a alguns lábios um sorriso algo displicente pelas questões ali focadas e a maneira como eram focadas. As questões podem parecer demasiado primárias e a maneira demasiado simplista. No entanto, não há olvidar que se estava nos começos de uma luta de princípios que veio a prolongar-se até à actualidade e que sem dúvida veio consecutivamente a ganhar maior consistência de perspectivas e de métodos. As questões seriam primárias, a maneira de as tratar seria simplista porque a arena do debate era então um jornalista por assim dizer de chão que, por certo mais polémico do que investigador, sobretudo virado para a acção imediata.

Todavia, **A Acção** não foi apenas uma folha polémica. Procurou assumir outrossim, de acordo com o seu um tanto ambicioso programa inicial, um papel esclarecedor e, digamos, mentalmente formativo, num pequeno meio provinciano quase por completo arredado dos caminhos do pensamento e da cultura. Dentro dos limites impostos pelas circunstâncias e pela pouquidade de quem o dirigia, o jornal creio que não deixou de exercer alguma influência assim política que cultural na velha cidade dos Templários. Certos factos e certos acontecimentos subsequentes parece disso serem testemunho, e parecem do mesmo passo testemunhar que os objectivos de **A Acção** se revolveram, na realidade, em... acção, com certas consequências sofridas por quem nele, no jornal, mais imediatamente interferia o seu director e o seu editor, o modesto e bom amigo tomarense Manuel Nunes da Silva, já ido e a cuja memória aqui me cumpre lavrar sentido preito e ainda por outros cidadãos da laboriosa e liberal população nabantina.

O que neste livro se compendia, acrescido de uma meia dúzia de posteriores escritos de igual modo «intervencionistas», é uma escolha dos artigos aparecidos em **A Acção** (1). Hesitei seriamente em dá-los à estampa, tão aleijados, tão ingénuos, daquela ingenuidade dos meus vinte (vinte e dois) anos eles se me afiguram; e só me resolvi a fazê-lo depois de amigos meus por exemplo, João José Cochofel, José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, que certamente me não hão-de querer comprometer quase me haverem convencido de que as prosas não são assim tão aleijadas que se me possa ir à mão por eu as oferecer ao público, e que, em todo o caso, elas constituem um aspecto da minha «história» (qual história, qual carapuça!) que não se justifica eu pretender deixar na sombra.

Eu não pretendo coisa alguma. Eles é que assim argumentaram. E eu ouvi-os, muito atento e obrigado. E se não posso dar inteira razão aos seus argumentos, também não encontro razão na minha razão para soberbamente declinar um incitamento que, se alguém vem a responsabilizar, é a minha pessoa que não a dos meus amigos.

Aqui ficam, pois, arquivados os meus escritos «intervencionistas».

Pergunto-me se, na minha decisão final de publicá-los, não entraria, para além dos incitamentos dos meus amigos, um certo anseio de revivência de situações e procedimentos que hoje se me evocam prestigiados pelos ardores da mocidade, aquela mocidade que nós, os jovens de vinte anos, pressentíamos então iria sofrer um longo colapso nos seus valores próprios de frescura de alma e espírito de heroísmo, e que as gerações seguintes só viriam a resgatar com as durezas de mais violentas retaliações.

É possível.

Ponhamos porém, ponto nesta Memória. Não sem que uma consideração de pataqueira filosofia acaso se imponha como final. E é que, se, novos, nos deixamos arrastar por movimentos de ingenuidade, confusão e ignorância, velhos, cumpre-nos não abjurar do que fomos ou fizemos aos vinte anos, pois que também a velhice nem sempre se acha isenta de ingenuidades, confusões e ignorâncias, com a diferença de que estas podem colorir-se de filáucia e de sobejo se tem visto que o avançar na idade não é só por si o que aos homens dá nem mais experiência, nem mais juizo, nem mais discernimento.

(1) Um certo número de artigos da mesma proveniência foram já compendiados em livros do autor publicados anteriormente.

NILFISK

GUARDA O SEGREDO DA LONGEVIDADE

A durabilidade e a eficácia são atributos de qualquer dos seus modelos
Para a limpeza de medias e grandes superfícies NILFISK INDUSTRIAL
Com o seu elevado poder de aspiração e os seus diversos acessórios, ele limpa cantos e recantos geralmente inacessíveis
Torna-se assim, pela eficiência e economia que representa, no mais temível aspirador de média e grande potência
NILFISK INDUSTRIAL duramente provado em fábricas, armazéns, garagens oficinas hotéis hospitais cinemas agências etc

NILFISK

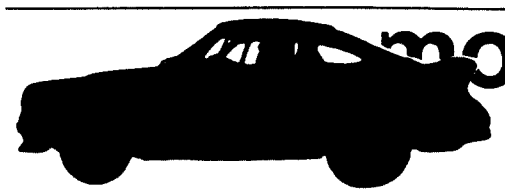
UM MUNDO DE SOLUÇÕES

NILFISK — ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA

LISBOA — Rua Félix Correia, 8 — Tels 78 83 31 / 78 99 55
PORTO — Rua da Constituição, 2371 Tel 69 34 23

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA AS DOENÇAS DA BOCA
USE-A DIARIAMENTE

Prefácio de UM ARTISTA INTERVÉM, Livro I do Volume III das Obras Literárias de Fernando Lopes Graça, a publicar brevemente pelas Edições Cosmos


motor
revista

QUADROS

PERITAGENS—AVALIAÇÕES

TODAS AS SEXTAS-FEIRAS, DAS 16 ÀS 18 HORAS

A SOC. DE LEILÕES AFRAFILHOS, LDA., consciente das dificuldades com que o possuidor de um quadro para venda (óleo, aguarela, desenho ou gravura) por vezes depara para proceder à sua identificação, classificação e avaliação;

Seguindo os moldes em uso internacionalmente, obteve a colaboração de conhecidos técnicos de comprovada competência, consultores de Museus, grandes coleccionadores particulares e dos mais importantes decoradores, galerias de arte e comerciantes do ramo de pintura e gravuras;

E assim criou uma secção de peritagem, que funciona TODAS AS SEXTAS-FEIRAS, das 16 às 19 horas, na s/ sede, AV. D. LOULÉ, N.º 1-A.

CONDIÇÕES:

1 — Peritagem e avaliação grátis, se o quadro observado ficar entregue à agência para venda em leilão, ou negociação particular;
2 — Taxa de 2 % sobre a avaliação se o mesmo não ficar entregue à agência;
3 — Suplemento para deslocação se o quadro tiver que ser observado fora das n/ instalações;
4 — Possível compra e imediato pagamento dos quadros apresentados, não cobrando também neste caso a taxa de avaliação.

Carlos Porto

DICIONÁRIO CIRCUNSTANCIAL DO TEATRO FRANCÊS (3)

Comediantes italianos contemporâneos de Molière

MAISON DES JEUNES ET DE LA CULTURE DE GENTILY — Nos arredores de Paris, graças a um convite de Teresa Ricou, pude assistir a um espectáculo realizado por actores brasileiros de passagem por Paris, em colaboração com portugueses e franceses. Numa pequena sala, a abarrotar de jovens, assistimos à reconstituição de um mundo do qual as aparências folclóricas não ocultavam os sinais políticos propostos: «Vida, Paixão e Morte de Mateus». Dele falaremos na devida altura.

MILOSZ (O. V. de L.) — Oscar Vladylas de Lubicz Milosz é conhecido como poeta francês: nasceu, no entanto, na Lituânia, em 18/5/1877. De ascendência nobre, tendo um pai praticamente louco e uma mãe que não correspondia à sua necessidade de ternura, Milosz teve uma infância muito marcada pelo ambiente em que viveu. Em 1889, vai para Paris onde ingressa num liceu daquela cidade. Publica em 1899 o seu primeiro livro, significativamente intitulado «O Poema das Decadências». Viaja entre Paris e a sua terra natal, e visita vários países, como a Alemanha, a Rússia, a Polónia, a Inglaterra, a Espanha, a Africa do Norte.

No início da guerra 1914/1918, o poeta é mobilizado e integrado nas divisões russas do Exército francês.. Em 1917, após a revolução soviética (lembremos que a parte da Lituânia em que a família de Milosz vivia fora anexada pela Rússia em 1772), os seus domínios, compostos por trinta mil hectares, são confiscados. Em 1918, a Lituânia torna-se independente e Milosz adopta a respectiva nacionalidade. Em 1920, é nomeado representante da Lituânia em Paris. Aí permanecerá até à sua morte, publicando diversas obras de poesia, teatro e estudos de etnografia. Converte-se à religião católica em 1927; em 1931, adquire a nacionalidade francesa. Passa os últimos anos da sua vida a traduzir a Bíblia o que se relaciona com dois factos que o marcaram profundamente: a sua ascendência judaica e as preocupações metafísicas que alimentou durante toda a vida. Morreu em 2 de Março de 1939.

Duas opiniões sobre Milosz: «O século não foi justo para O. V. de L. Milosz — cuja alma ardente tinha qualquer coisa de byroniano. Este eslavo não era desencantado e podíamos reconhecer nele um poder de criação de imagens, um lirismo tão evocador que não podemos hesitar em colocá-lo entre os primeiros dos poetas novos». — Apollinaire.

«Milosz escreve a sua obra para se libertar da razão. E encontrou, finalmente, a vida nas fontes da palavra, num icognoscível do qual nos podemos aproximar pelo silêncio do coração que é a luz branca das nossas confissões». — Joe Bosquet.

(Elementos recolhidos no n.º 534 de «L'Avant-Scène»).

MOLIERE — Poeta, comediógrafo, director, actor francês, um dos chamados génios do teatro mundial. Nasceu em 15 de Janeiro de 1622. «La Nouvelle Gazette» de 18-2-1673 publicou a seguinte notícia:

MORTE DE MONSIEUR DE MOLIERE»

Foi ontem à noite, no fim da quarta representação da sua última peça, «O Doente Imaginário», que o célebre autor e comediante morreu. Tinha pronunciado o JURO da cerimónia final quando foi atacado por convulsões. O público julgando assistir a uma cena de teatro, nem sequer se apercebeu do que na realidade se estava a passar; infelizmente, a doença era bem real! Transportado rapidamente para sua casa, Molière tossiu e cuspiu sangue! Foi em vão que os seus familiares lhe prodigalizaram os cuidados possíveis: morreu em breve nos braços de um cavalheiro chamado Conton, com duas irmãs religiosas que viviam em sua casa e lhe assistiam com as suas orações.

SERÁ ENTERRADO EM TERRA CRISTÃ

Põe-se já o problema do seu enterro. Se as nossas informações são exactas, o ilustre actor não recebeu os últimos sacramentos e ainda menos abjurou a sua profissão — condições indispensáveis para que um actor possa ser enterrado cristamente. As pessoas interrogam-se com inquietação sobre o que vai acontecer. Se as autoridades religiosas forem inflexíveis e aplicarem a Regra, muitas pessoas considerarão injusto esse rigor. Tanto mais que segundo a confidência de um amigo do actor, Molière teria pedido um padre antes de morrer. Imediatamente informados do pedido, dois padres teriam recusado deslocar-se junto do moribundo — sem dúvida por caridade cristã... Um terceiro, que finalmente se decidira, teria chegado demasiado tarde.

Diz-se que a viúva de Monsieur de Molière, Armande Béjart, teria a intenção de implorar a intervenção do Rei».

«M. Roulle, pároco de St.-Barthélémy declarou a «La Nouvelle Gazette»: Molière, um homem, ou melhor, um demónio revestido de carne e coberto como um homem, foi o mais declarado ímpio e libertino que os séculos conheceram».

NOCE CHEZ LES PETITS BOURGEOIS — Peça de Bertold Brecht, intitulada no original «Die Kleinburhochzeit». Via-a no Teatro Cyrano num espectáculo da Companhia Jourdheuil-Vincent, com dramaturgia de Jean Jourdheuil e encenação de Jean-Pierre Vincent.. Esta peça de Brecht faz parte de uma série de peças curtas de carácter cómico escritas por volta de 1919 e foi representada pela primeira vez em 1926, em Francfort, numa encenação de Melchior Vischer. Na opinião do biógrafo Fréderic Ewen, trata-se de **textos de «music-hall», cheios de graça, de humor cortante e de espírito popular**. «Noce chez les Petits Bourgeois» pertence, pois, ao período do jovem Brecht, agora muito em voga. O dramaturgo escreveu anteriormente «Baal», «Tambores na Noite», «Na Selva das Cidades», e a adaptação de «Eduardo II», de Marlowe, escrita em colaboração com Lion Feuchtwanger. Bebendo nas fontes expressionistas, que marcaram tão fundamente a vida cultural da Alemanha de então, Brecht, que tem nessa altura cerca de 20 anos, desconfia já do que há de retórico, de grandiloquente, de exacerbado nesse movimento. Numa coisa está, porém, de acordo com ele: no violento desprezo pela burguesia. Não tendo ainda atingido o estádio que lhe vai permitir entender a dialéctica dos fenómenos políticos e sociais, o que viria a acontecer com a descoberta do teatro épico, Brecht procede na peça a que me refiro a uma demolição implacável dos ideais e das convenções pequeno-burgueses. No entanto, esse acto de demolição não vai ainda às raízes dos problemas, nem tem em conta as leis do devir histórico.

Molière

A «Boda dos Pequenos Burgueses» decorre, como o título indica, durante um almoço de casamento e descreve com uma ironia acerada e mordaz (quase dolorosa) os acidentes que transformam a festa numa farsa e que constituem os sinais biográficos, históricos, de existência situadas à margem dos acontecimentos. Nove personagens em cena: os noivos, o pai da noiva, a mãe e a irmã do noivo; um amigo deste; uma senhora com seu marido; um jovem amigo.

Durante quase duas horas assistimos a uma comédia de costumes que passa pela farsa e pelo melodrama: vimos a saber que a noiva já não tinha direito, de acordo com a moral cristã, a usar a flor de laranjeira; que foi o próprio noivo quem construiu os móveis da casa, móveis que vão sendo destruídos porque foram mal feitos, o que não deixa de provocar piadas acerbas de alguns presentes. Vemos como a jovem irmã da noiva tem desejos de passar pela experiência que aquela já conheceu; como a senhora convidada faz namoro ao outro senhor; como se levantam tensões que o próprio ambiente ajuda a explicar: a comida, mais abundante do que o costume; o vinho que regou a refeição; a música e o pequeno baile; o erotismo da própria situação. Esta situação é a imagem terrivelmente lúcida de um mundo cujos valores parecem totalmente perturbados: a vaidade, o egoísmo, a hipocrisia, a imoralidade da falsa moral, o desespero latente que tudo isto implica, surgem em palco com um poder de impacto extraordinário. A peça realiza-se em pirâmide: os acontecimentos vão-se acumulando, e o retrato vai-se tornando cada vez mais cruel — o sinal da desesperança sem remédio, a caricatura de um mundo inconsciente da sua situação na história; um microcosmos povoado por seres totalmente alienados, prontos a apoiar qualquer força que os saiba dominar.

O espectáculo de Jourdheuil-Vincent pode ser definido pelo rigor com que levantou o texto de Brecht. Espectáculo certo, correcto, fiel, não tem, nem de longe, as implicações críticas contidas no espectáculo do grupo espanhol Los Goliardos, na encenação de Angel Fácio, a que aqui me referi. Ao contrário dos espanhóis, os franceses preferiram fazer este Brecht à letra, embora a qualidade do espectáculo o absolva dessa passividade criativa. Actores jovens, mas possuindo indiscutíveis qualidades interpretativas, deram ao espectáculo o nível que um texto de Brecht exige sob esse aspecto: René-Marie Péret, Janny Gastaldi, Pierre Forget, Denise Péron, Liliane Bertrand, Jean Dautremay, Rémy Carpentier, André Engel, Arlette Chosson.

POMMERET (Xavier) — Um dos mais interessantes dramaturgos franceses das novas gerações cujo teatro é fulcralmente uma reflexão dramática sobre temas políticos do nosso tempo. Citarei: «La Grande Enquête de François Félix Kulpa» e «M igual a m» (ao qual me referi no último n.º deste suplemento). Xavier Pommeret tem 38 anos e viveu durante alguns anos no México sobre o qual escreveu um livro publicado na «Petite Planète». É especialista em economia industrial e poeta. A sua primeira peça — «Pour des raisons de coeur» — versa a guerra da Argélia.

RETORE (GUY) — Este homem de teatro nasceu em 1924 e fez estudos de medicina que foi obrigado a abandonar. Empregou-se na Companhia de Caminhos de Ferro e, ao mesmo tempo, estudou teatro, embora sem conseguir ingressar no respectivo Conservatório. Trabalhou como actor no teatro de «bulevar», embora interessado, sobretudo, na encenação. Esse trabalho no teatro comercial, demonstrou-lhe que esse tipo de teatro não lhe interessava. Trabalhou com grupos de amadores e essa experiência marcou-o definitivamente.

Cria, em 1954, a Companhia Dramática «La Guilde». A crítica e o público saudam a sua encenação de «Vida e Morte do Rei João», de Shakespiare. Conquista em 1957, o Prémio do Concurso das Jovens Companhias e com esse dinheiro abre um teatro em Ménilmontant.

Além de encenador, Rétoré é um notaval animador que consegue reunir à sua volta um grande número de jovens interessados pelo teatro.

Em 1962, o Ministério de Assuntos Culturais criando as Casas de Cultura, funda o Théâtre de l'Est Parisien (TEP) que ocupa um antigo cinema. Guy Rétoré é naturalmente nomeado director do TEP que em 1972 foi classificado Teatro Nacional.

Declarações de Guy Rétoré: «O que me guia, é uma certa concepção de um público ideal, a certeza de que é a esse nível que é preciso travar o diálogo, e que, nessas condições, somos seguidos pelo público real. «(...) É indispensável deixar de dizer ao povo que ele é bom, que ele é grande, que ele é magnífico...» (...) «É normal que um teatro tenha regras mas quando estas se transformam num sistema, tornam-se intoleráveis.» (...) «Hoje, é a sociedade que impõe uma determinada arquitectura aos poetas.» (...) «O importante é dar liberdade aos poetas para escrever uma dramaturgia que trate dos problemas do nosso tempo, que seja um testemunho da nossa civilização.» (...) O essencial para mim é que aqueles que não estão de acordo com o que eu faço, venham dizer-mo. É indispensável esse confronto, esse contacto com as pessoas que aprovam ou não o nosso trabalho. «Temos frequentemente debates e colóquios após os espectáculos. Mas procuramos também fazer uma iniciação ao teatro — como a um instrumento de trabalho particular. — In «Le Théâtre hors les murs», de Philippe Madral.

CARLOS PORTO

O POLÍPTICO DE SÃO VICENTE E O DOCUMENTO DA BIBLIOTECA NACIONA

• A REVISÃO DE UM PROCESSO ARQUIVADO (2)

(Continuação do número anterior)

Mais diante afirma Adriano de Gusmão: «Daí, aceitar candidamente que o formosa figura do Santo era o príncipe D. Afonso, que, quando nasceu, já o Infante D. Henrique tinha desaparecido havia 15 anos! Portanto, não figuraria nos mesmos painéis em questão».

Aceitando-se a evidência da variedade de trajes e cortes de cabelo dos personagens dos painéis, temos que admitir a possibilidade do retrato póstumo. Porquê a relutância em aceitar-se este tipo de retratos?

«Demais, o moço de 17 anos tinha morrido com 16, em 1491!» Será assim tão grave este erro de um ano? Mudará tanto a fisionomia de um indivíduo dos 16 para os 17 anos?

«E, se se tratasse dos mesmos painéis, natural era referir-se ao Infante, pelo menos, vulto histórico muito superior ao do jovem príncipe».

Aqui as objecções ainda são maiores: 1.ª) Quem nos garante que o «Homem do chapéu» é o Infante D. Henrique?; 2.ª) Que semelhanças existem entre esse «Homem do chapéu» e o jacente da Batalha?; 3.ª) Será de aceitar que os homens do século XVI/XVII tivessem já «endeusado» o Infante D. Henrique, como os do nosso tempo?

Tivemos oportunidade, ainda recentemente, de comprovarmos, na Biblioteca Nacional de Paris, as diversas anomalias na célebre iluminura da pseudo-Crónica dos Feitos da Guiné, já detectadas por Belard da Fonseca (10) — no melhor dos seus livros, aquele em que analisa com bastante rigor a iluminura — e por Mário Sampayo Ribeiro (11). É verdade que, quando Adriano de Gusmão escreveu o texto que analisamos, ainda aqueles investigadores não tinham escrito os seus trabalhos. Estávamos numa época em que o retrato do Infante da Crónica era incontestável; hoje, porém, já se pode argumentar de modo diverso.

«Refere-se, por outro lado, aos Painéis em questão, este passo: «... a fegura de S. Vte. estaua virada hũa pª outra de mª q mostraua a si cada parte do rosto»? Cremos que não. Pela descrição do retábulo de S. Vicente, existente na Sé, da pena de D. Rodrigo da Cunha (...) se sabe que tal retábulo de devia desenvolver para cada lado de uma imagem de vulto, que estava no meio».

Não compreendemos a argumentação do nosso estimado amigo e mestre. A análise dos peritos paleógrafos revelou ser o documento do Rio de Janeiro datável de finais do século XVI, inícios do século XVII e D. Rodrigo da Cunha escreveu a sua descrição do retábulo da Sé em 1642! Ora no documento que estamos a estudar o seu autor afirma: «disseramme ha poucos dias q não estauã já ahi estes paineis...». Neste caso, a descrição de D. Rodrigo da Cunha não podia referir as pinturas pelo simples motivo que elas tinham sido retiradas 40 a 50 anos antes.

A argumentação seguinte é pouco consistente, depois do que acabamos de expor; no entanto, o leitor interessado poderá avaliá-la pela leitura das pp. 166 e 167 do volume «Arte Portuguesa — Pintura», onde se insere.

Queremos, contudo, rebater ainda dois outros argumentos: «Repare-se que neste documento só se refere **uma** gorra de vermelho, quando nos Painéis do Museu de Arte Antiga há, pelo menos, cinco, e outras de verde, que apenas são duas».

Aqui Adriano de Gusmão iludiu-se pela errada leitura de Motta Alves, a que já fizemos referência, não tendo o cuidado de analisar a fotografia do documento, publicada no estudo deste investigador. Estamos certos que o elevado critério científico do dr. Adriano de Gusmão o levará a rever a leitura deste «desacreditado» manuscrito.

Seguidamente, e com idêntica argumentação à de Reinaldo dos Santos, o autor de «Os primitivos e a Renascença» surpreende-se com a existência do pintor Mota, em defesa do qual já acima apresentámos as nossas razões e não interessa repeti-las.

«Demais é estranho que o autor seja circunstanciado, ainda que ingenuamente, a respeito dos Painéis de S. Vicente, e a propósito de retratos de D. Manuel e D. João III, muito mais próximos da época em que escrevia, e de que temos notícia, ele desista de os citar».

Não nos parece muito feliz este argumento. Quanto a nós, é exactamente essa proximidade epocal, e também o carácter marcadamente sintético da «Relação», que leva o seu autor a escrever «Elrrei dõ mel. e elrrei Dom Joã 3.º, estã ẽ mtas. ptes.». Importaria identificar os retratos dos antigos monarcas e príncipes, aqueles que despertariam a curiosidade dos homens, dado que os mais próximos eram sobejamente conhecidos.

No entanto, Adriano de Gusmão, depois de praticamente destruir a parte do documento na qual com bastante evidência se vê uma descrição dos Painéis, aproveitou o seguinte passo: «tambẽ me disserã q estaua este prinçipe (o D. Afonso, filho de D. João II) retratado ẽ sambẽto de Sã Sebastiã no pé de hũ retabolo nũca o vi...» e cotejando-o com este outro de Francisco de Holanda (12): «e creo que também é de sua mão (de Nuno Gonçalves) um Senhor atado à colonna, que dous homens stão açoutando em uma capella do moesteiro da Trindade», conclui:

Painéis ditos «do Infante» e «do políptico da veneração de S. Vicer (Museu Nacional d

«Francisco de Holanda crê ser do mesmo pintor do retábulo de S. Vicente um Senhor atado à coluna, que estava no mosteiro da Trindade. Aqui fala-se de um S. Sebastião, em S. Bento. Embora localizados diferentemente, não se tratará da mesma obra, que fosse tradicional atribuir-se ao mesmo artista? É que é muito fácil fazer-se confusão entre a representação de Cristo atado à coluna, para ser flagelado, e S. Sebastião preso do mesmo modo, para ser alvo das setas dos seus algozes».

Aqui parece-nos tudo muito menos evidente. De um lado, «Cristo atado à coluna», do outro «S. Sebastião»; uma pintura do Mosteiro da Trindade, a outra em S. Bento; no S. Sebastião, sempre iconograficamente representado como um jovem imberbe, é fácil ver-se retratado (ou mesmo retratar-se) um jovem de 16 anos; no Cristo, de longos cabelos e barbas já não encontramos essa possibilidade. Mas há ainda um argumento de maior peso: Francisco de Holanda atribui o retábulo de S. Vicente da Sé e o Cristo atado à coluna, da Trindade, ambos a Nuno Gonçalves, e o autor do manuscrito do Rio de Janeiro só atribui «os da sé» ao pintor Mota sem referir, contudo, a autoria da pintura de S. Bento.

Em 1960, o dr. Belard da Fonseca publicou no seu livro «Dom Henrique? Dom Duarte? Dom Pedro?» — o melhor de quantos dedicou ao problema dos Painéis, ainda que fora da sequência denominada «O Mistério dos Painéis» — uma crítica ao documento descoberto por Motta Alves. Não tanto para invalidar a sua autenticidade, nem a probidade do seu autor, mas antes para contestar a opinião, assaz positiva, do prof. Luís Reis-Santos divulgada no livro «Iconografia Henriquina». É de notar, porém, que no último volume da série «O Mistério dos Painéis», o dr. Belard da Fonseca qualifica o documento em estudo de «pseudo-documento».

A primeira objecção posta por este estudioso é a seguinte: «Se ele (o prof. Reis-Santos) pretende que o príncipe D. Afonso, filho de D. João II, é a figura principal dos «Painéis» por força desse documento, terá de aceitar que esses quadros são do pintor Mota e não de Nuno Gonçalves».

Já acima discutimos este problema; no entanto, parece-nos oportuno trazer algumas provas de modificações introduzidas em pinturas, em épocas posteriores à sua execução. Uma única peça nos basta, o discutido Políptico de Gand, da autoria dos irmãos Hubert e Jan van Eyck. No painel dos «Santos Eremitas» o exame radiográfico revelou que determinadas árvores de clima meridional não faziam parte da primeira camada pictórica, mas que tinham sido sobrepostas, de onde se conclui terem sido executadas depois da viagem de Jan van Eyck à Península Ibérica, em 1428, na ocasião em que, integrado na embaixada enviada pelo duque de Borgonha, Filipe, o Bom, retratou a Infanta D. Isabel, filha de D. João I.

Em 1550, os pintores Lansloot Blondeel e Jan van Scorel foram encarregados de limpar

Artes plásticas

L DO RIO DE JANEIRO

Arcebispo» parte central do e atribuído a Nuno Gonçalves Arte Antiga

políptico e fizeram-no de tal aneira que se deram ao cuiado de acrescentar, no painel Adoração do Cordeiro Místio» , a torre de Utrecht.

Todo este políptico e a sua stória, feito de adicionamens de várias obras executadas m diversas épocas, para fins ferentes, devia ser atentaente estudado pelos nossos vestigadores de maneira a ue se surpreendessem menos om aspectos tão naturais co-o o de sobre o rosto idealizao de um santo ser, posteriorente, pintado o de um príncie.

Este exemplo que apresenmos parece responder à obcção de Belard da Fonseca não só); eram, com efeito, naturais estas alterações e até frequentes. Assim como o próprio Jan van Eyck repintou uma sua primeira pintura, assim como Blondeel e van Scorel introduziram elementos novos na obra dos irmãos Eyck, também o pintor Mota poderia, por determinação régia, modificar um pormenor de uma pintura executada anos antes por Nuno Gonçalves.

O autor, cuja crítica estamos analisando, preocupa-se em seguida com a fisionomia possível de D. Afonso, argumentando com a descrição de Garcia de Resende. Certamente que este se baseou em documentos antigos, coevos do jovem príncipe, ao afirmar: «Morreo em idade de dezaseys annos e vinte dias, parecendo no corpo, na barba, no saber, siso e sossego homem de vinte e cinco annos».

Quanto ao afirmar-se que pelo corpo — certamente a sua altura e compleição — parecia ter 25 anos, é facto que se pode comprovar observando a figura central dos Painéis; quanto ao saber, ao siso e ao sossego não será pelo retrato que os podemos aquilatar, ainda que o ar sério (de acordo com a seriedade da representação, tratando-se até de retrato póstumo) seja evidente. A barba não existe, mas o contemporâneo que o descreveu assistindo ao seu crescimento podia verificar com que força despontava.

Adiante Belard da Fonseca, que admite alguns retratos póstumos nos Painéis (o Infante D. Pedro no «Homem do chapéu grande», por exemplo) admira-se, opondo-se a Reis-Santos, com a presença de D. Henrique (figura que depois, com argumentos interessantes, retira do Políptico):

«E porquê (...) uma representação, nesses tais supostos «Painéis do Príncipe D. Afonso», do Infante D. Henrique, que falecera mais de trinta anos antes, e onde só poderiam admitir-se figurações dos pais ou dos avós...»

Já sabemos que é duvidosa a identificação do Infante D. Henrique nos Painéis, mas porque razão numa composição de homenagem a D. Afonso só poderiam figurar os pais e os avós?

Seguidamente o dr. Belard da Fonseca, sempre a rebater a tese do prof. Reis-Santos, defende que se D. João II e sua mulher estivessem retratados nos Painéis da Sé, isso seria referido pelo autor do manuscrito do Rio de Janeiro. Se este tipo de objecção é razoável para opor à tese daquele historiador de arte, não interessa para a relação clara existente entre os Painéis e esse documento.

Mas só se pode avaliar a posição de Belard da Fonseca perante o documento em estudo, nas pp. 6 e 7 do último volume da série dedicada aos Painéis — Os Príncipes — Últimas

Por DAGOBERTO L. MARKL

páginas — quando comenta a posição tomada pelo dr. José dos Santos Carvalho (13), afirmando que este autor, para a alicerçar, se viu obrigado a «transigir (...) com o tal «pseudo-documento» da Biblioteca do Rio de Janeiro, a última tábua de salvação lançada pelos antigos «vicentistas» para inventarem um «Príncipe D. Afonso» (que não estaria rodeado, segundo esse escrito, pelo rei e família real e seria pintado pelo pintor «Mota»), caso que nunca poderia aplicar-se aos «Painéis», já não falando no vestuário, nas espadas e armaduras de 20 a 30 anos antes do falecimento desse desditoso filho de D. João II».

É interessante notar que o autor, sensivelmente menos rigoroso nas suas posições quanto ao problema, do que os anteriormente comentados, aceita no seu livro de 1960 o documento do Rio de Janeiro como bom, referindo-se-lhe até nos seguintes termos:

«Em nossa opinião, o único valor que esse documento da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pode ter, no «Caso dos Painéis», é o de provar que estes eram conhecidos por D. João II (neles representado na sua meninice), ou mesmo pelo pintor Mota (possível discípulo de João Eanes ou de Nuno Gonçalves), os quais teriam aproveitado a sua ideia geral e composição para o tal retábulo da Sé referido no códice brasileiro».

Mas em 1967 data do seu último trabalho sobre a questão do Políptico do Museu de Arte Antiga, já considera o trecho do códice do Rio um pseudo-documento, coloca o nome do pintor entre aspas e utiliza o argumento da incongruência das espadas e trajes em relação ao retrato do jovem.

Regressamos deste modo ao princípio da nossa argumentação: a possibilidade de o retrato do príncipe ter sido repintado sobre a face de S. Vicente.

Terminando esta crítica à posição de Belard da Fonseca, somente nos parece de insistir num ponto que deixamos à apreciação dos especialistas:

Qual terá maior valor probativo, o documento da Biblioteca do Rio de Janeiro, com a sua relativa mas segura pormenorização, ou a leitura do livro do Judeu (ou Ex-Judeu) proposta pelo dr. Belard da Fonseca? A ciência paleográfica pode determinar (e determinou) com clareza a letra e a época

Painel dito «do Infante»
O livro apresentado pelo Santo

em que foi escrito o documento descoberto por Motta Alves; mas perante o livro do Judeu (ou Ex-Judeu) os peritos não atinam nem com a letra, nem com a leitura, mais desejada do que alcançada.

Supomos ter respondido aos principais contestadores da validade do documento do Rio de Janeiro (14), e ainda que o prof. Reinaldo dos Santos pareça aceitá-lo, vem mais tarde, em 1955, desdizer-se, ao colocar os «Painéis» em S. Vicente de Fora, no seu mais infeliz trabalho, até porque se destinava à divulgação da notável pintura no estrangeiro, sob os auspícios da Phaidon Press (veja-se a este respeito a violenta mas justíssima crítica feita pelo dr. Adriano de Gusmão (15).

Atentemos agora nos argumentos dos defensores do manuscrito do Rio, começando pelo mais recente trabalho, o livro póstumo de Fernanda Espinosa «Escritos Históricos», compilados e prefaciados por A. H. de Oliveira Marques e publicado em 1972.

Conforme referimos no início desde artigo, é dos mais importantes estudos que ultimamente se dedicaram aos Painéis, esse capítulo intitulado «Os Painéis de S. Vicente de Fora — escola portuguesa ou escola francesa? Novos elementos para a identificação do pintor do políptico». Nas pp. 277 e 278 a autora analisa o valor do documento que se guarda na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, nos seguintes termos:

«Na realidade, as afirmações do manuscrito do Rio de Janeiro foram praticamente desaproveitadas, por se ter generalizado a convicção de que se trata de um documento forjado.

Parecem-nos muito frouxas as razões abonadas para demonstrar a falsidade deste documento e bastante positivas as que poderíamos alegar em sua defesa».

Em nota de fim de página apresenta Fernanda Espinosa as suas razões: «Pondo de parte a crítica material do documento, já realizada pelo dr. Jaime Cortesão, queremos apenas apontar alguns pormenores do seu conteúdo que lhe parecem conferir verosimilhança.

Na Igreja de Santo António estaria um retrato de D. João I, D. Filipa e apenas um dos seus filhos, o infante D. Fernando. Lembramos que nesta igreja estabeleceu a duquesa de Borgonha uma capela em memória daquele seu irmão, o que poderia justificar a presença do retrato. A curiosa afirmação de que D. Duarte «não tinha mais barba que os bigodes» é perfeitamente plausível, pois era esta a moda capilar durante parte do período de sua vida. A existência de um retrato do infante D. Pedro em Odivelas é também admissível, dado que o Regente aí estabeleceu uma capela. A existência de um retrato de D. João II e de D. Leonor em S. Domingos é confirmada por Frei Bernardo de Brito (Elogios Históricos dos Senhores Reis de Portugal, ed. de P. D. José Barbosa, Lisboa, 1825, pág. 83) que, no entanto, o coloca no altar de Nossa Senhora.

Se o documento tivesse sido forjado pelo seu achador, seria talvez estranho transcrever por duas vezes o termo «caramilholha» quando o documento regista «caraminhola» que é, de facto, o termo usado na época».

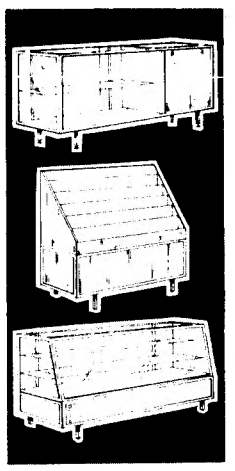
Após esta súmula de razões dadas em nota, prossegue a historiadora: «A aceitação parcial do conteúdo deste manuscrito pelo dr. Jaime Cortesão veio, no entanto, atrair de novo sobre ele a atenção dos críticos.

Cortejados os dois testemunhos quinhentistas, o de Holanda e o do autor anónimo, verificamos que o primeiro nos dá o nome do pintor sem, no entanto, nos apontar qualquer indício que permita a identificação do retábulo; quanto ao segundo, além do nome do pintor, faz uma minuciosa descrição das pinturas da Sé, o que nos permite, com certa verosimilhança, identificá-las com as que foram encontradas em S. Vicente de Fora». Fig. 7.

Em seguida Fernanda Espinosa explica os dois pontos em que se baseiam os opositores ao documento do Rio, quais são: a) o facto de Francisco de Holanda ser pintor e crítico de arte, enquanto que nada sabemos sobre o autor do manuscrito; b) o saber-se documentalmente da existência de Nuno Gonçalves e nada conste, quanto se sabe, da do pintor Motta, «apelido pouco frequente na onomástica portuguesa de então».

(Continua no próximo número)

NOVO
novo sistema funcional
BELA
bela linha
BEAUTILINE



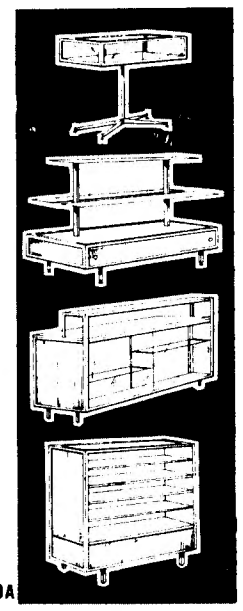
SISTEMA REVOLUCIONÁRIO DE COMBINAÇÃO DE PERFIS DOURADOS OU PRATEADOS QUE TORNA POSSÍVEL UMA GAMA INFINITA DE:

- montras
- vitrinas
- expositores
- modelos especiais

para:

GRANDES ARMAZÉNS
SUPERMERCADOS
MÊNAGE
BOUTIQUES
FARMÁCIAS
PERFUMARIAS
RELOJOARIAS
ELECTRODOMÉSTICOS
EXPOSIÇÕES
MUSEUS. ETC

FABRICAMOS TODOS OS MODELOS POR ENCOMENDA



NOVIMPORTA

Representante exclusivo:
Centro Comercial de Importação, Lda.
ESTRADA DA LUZ, 173-A-B-C-D- TEL.782694-LISBOA

Folhetim-artístico de José-Augusto França

PARIS-POIRET-PAULHAN

Duas exposições simultâneas em Paris ... ou dois Parises, contados em dois domínios senão em dois planos diferentes. De um lado o «tout Paris» desejavelmente restrito, do outro um Paris restritíssimo também, fechados ambos, em dois luxos, do corpo e do espírito, como se diria, se o corpo não tivesse espírito também, e vice-versa.

E que espírito não tinham os corpos esgalgados dos manequins de Paul Poiret, nos primeiros anos do século e até aos anos 20 e princípios de 30, da sua acção civilizadora! E como tomava corpo o espírito subtil e dificílimo de Jean Paulhan, desde os anos 10 até meio século depois!

Paris tem dois andares, com ritmos sobrepostos, de curiosidades e interesses, descobertas e invenções, modas e modos de sentir, vestir, entender e amar uma vida variada e surpreendente que nos anos 20 de Poiret e de Paulhan atingiu o auge.

Uma sociologia cultural dos anos 20 seria extremamente instrutiva, mesmo em Portugal ... ou muito especialmente em Portugal, com o choque de dois mundos e de dois séculos, o da nossa estrutura oitocentista e da conjuntura de «jazz-band» que só superficialmente podia ajeitar-se ao corpo ainda provinciano.

Mas Lisboa não teve Poirets nem Paulhans, nem costureiros de truz, mecenas e ditadores, nem intelectuais que tivessem algo a descobrir nas páginas da «Contemporânea», nas salas do «Bristol», ou diante dos cafés da «Brasileira», três pilares da civilização ... ou da decoração lisboeta (só Almada ... mas é outra história...).

Do Paris vinham, aliás, as modas e os modos, as «arts déco» dos nossos arquitectos de fachadas (dez anos depois, é certo), e as descobertas umbilicais dos moços intelectuais da «Presença». Poiret, tanto como Paulhan, seriam sonhos extra planetários, marcas no infinito, da elegância ou da inteligência.

E foram-no, muito seriamente, mesmo em Paris; ou sobretudo em Paris, como em outra parte não podiam assim ser.

Poiret, gordalhudo, flácido, ar sonolento de «grand seigneur», foi o ditador que tratou as mulheres como se diz que Colombo tratou o ovo, pondo-as de pé num simples toque de mágica que, inesperadamente, fez desaparecer espartilhos e corpetes, mostrando que, por baixo de tais couraças, havia corpos jovens, se possível. «Deus fez a mulher e Poiret vestiu-a» dizia um desenho do famoso humorista Mich, mostrando uma dama nuazinha e de joelhos, erguendo para o costureiro, senhorial e distante, os olhos implorativos. Assim faziam Deus e Saint Paul Poiret, em tarefas divididas...

Ajudava nisso Georges Lepape com seus figurinos estilizados, Raoul Dufy com os seus tecidos estampados (que Poiret o levou a fazer) e assinava o conjunto Van Dongen, em telas portentosas. Boldini pintava espartilhos, Van Dongen corpos bem nús debaixo dos ouropeis,, num luxo de grã-finagem mais ou menos cosmopolita, entre Deauville e Nice, sítios do «mundo», elementos tópicos de uma semiologia de costumes...

Na barafunda habitual e saborosa do museu Jacquemart-André, a exposição Paul Poiret encadeia-se agora de sala em sala, entre quadros e móveis, manequins e tecidos, fotografias e manuscritos ... dados de um conhecimento que tanto pode ser superficial e divertido, como atento e irónico, ou mais profundo e trágico, na versatilidade das formas e, sobretudo, na irremediável passagem do tempo e na sua morte.

Morte de Columbinas que foram duquezas ou «papillons» e foram, mais do que tudo, ingredientes de um tempo e de um estilo de o viver ou de o esgotar, no anonimato veloz de uma taça de champagne... Idade do Jazz (como escreveu António Ferro, a ela jornalística e portuguêsmente agarrado) e do champagne, os trinta anos que esta exposição cobre, com seus luxos hispano-suiços, foram **anos-Poiret**, tendo como agente catalizador este homem soberanamente indiferente que sempre comeu do «Maxim's», mesmo ao morrer na miséria, velho e inscrito no desemprego.

... Nenhuma moral de nenhuma história, porém, neste fim da cigarra; mesmo que o comparemos com a formiga que terá sido Jean Paulhan.

O autor de «Le Guerrier appliqué», em 1917, que Breton e Eluard apreciaram, e o homem da «N.R.f.» desde 1920 foi a formiga trabalhadeira da «intelligentsia» francesa de entre as duas guerras e depois ... eminência parda inventora de uma «Fleur de Tarbes» ou de um «Preface à fonte critique», pequenos livros de fascinante artificialismo.

A exposição vastíssima do Grand Palais, reunindo manuscritos e edições, epístolas e fotografias, e mesmo a espada académica que Wogensky desenhou, oferece o itinerário mental e mentalizador do escritor secreto. Mas ela oferece mais, e mais espectacularmente: dezenas de quadros dos pintores que admirou ou defendeu. E logo Braque, Fautrier e Dubuffet, ao lado de Klee, de Wols, de Michaux, de Germaine Richier, de Chaissac, de Yolanda Fièvre — mas com o privilégio de uma paixão cultural orientada em três sentidos diferentes que curiosamente se justapõem mais do que se completam.

«Braque le Patron», «Fautier l'Enragé» e Dubuffet (que não recebeu título mas uma «carta aberta» de estravagante violência, em 1944) ... eis os pintores da vida de Paulhan, ou de uma vida francesa situada à altura do difícil, do raro, do insólito ... e da qualidade.

«Patron» era-o Braque pela qualidade «francesa» da sua diligência ... valor de discreção e de inteligência sensível. «Enragé» era-o Fautrier pela acção da sua pasta informal, afogando em nada imagens e gestos. Dubuffet, esse tirou do nada novos gestos e novas imagens, ainda bem que malcriadas, uns e outros. Da monarquia braquiana à anarquia dubuffetiana, passando pelo grau-zero da pintura de Fautrier ... a estética de Paulhan correu uma aventura perigosa. Mas acertada.

Porque se Braque foi o mais duradoiro dos valores franceses enxertados nos anos 20, Dubuffet foi o único pintor francês de origem que pôde aguentar com originalidade o balanço de uma arte revolucionada no gosto e na moral, nos jeitos de fazer e de ser, dos anos 50-60, enquanto Fautrier foi o único a assumir o caos senão a provocá-lo, na charneira cronológica oportuna e necessária de 1940-50.

Por o ter entendido, Paulhan conquistou um lugar de rara lucidês nos quadros culturais do nosso tempo parisiense; foi o «guerreiro aplicado» ... ou a formiga carreadora do futuro. Poiret entendeu outra coisa ou outra face, de um viver sem tragédia, «du côté de Dufy ou de Van Dongen». Chamaram-lhe por isso «le magnifique» ... mas ambos o foram, irónica ou maquiavelicamente, na tragicomédia parisiense, ou na cultura diferencial de um tempo sociológico comum...

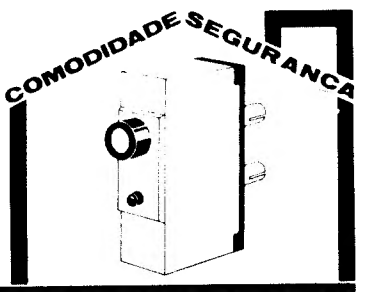
BBC BROWN BOVERI

utilize na sua casa ...

... OS INFUSÍVEIS fusível-STOTZ

Substituem os fusíveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO

COMODIDADE SEGURANÇA



PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS

Distribuidores :

unica!

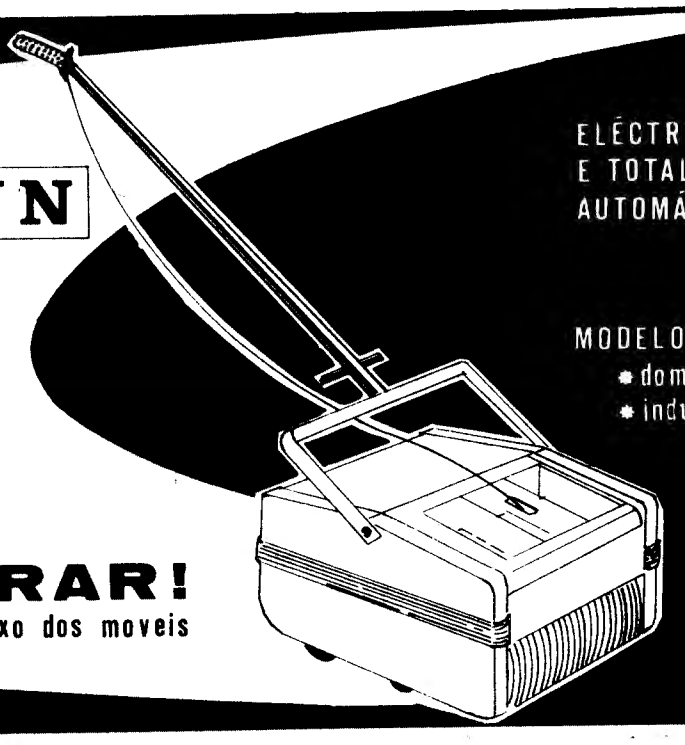
1 só operação

PARA LAVAR ENXUGAR QUALQUER TIPO DE PAVIMENTO

GRASMANN

ALCATIFA
MADEIRA
MOSAICO
VINYL
CIMENTO
TIJOLEIRA

...E ENCERAR! mesmo nos cantos e por debaixo dos moveis



ELÉCTRICA E TOTALMENTE AUTOMÁTICA

MODELOS
* domésticos
* industriais

varequipe

Lisboa Av. João XXI 66 r/c D - T. 773292-773630 Porto R. Serpa Pinto 247 T. 496316

EM BUSCA DO TEATRO PERDIDO

(2.° VOLUME) DE CARLOS PORTO

Começo antes de mais por afirmar uma coisa sabida: ... o Teatro tem um carácter estrutural que lhe resulta da presença de vários elementos em função, palpáveis ou impalpáveis que esses elementos sejam. Depois dou um exemplo: ... perguntaram uma vez a Becket quem era Godot, ou o que significava. E ele (como dramaturgo) respondeu que, se acaso soubesse, tê-lo-ia desde logo dito na sua peça. Não obstante, é bem mais perfeita a resposta que, do ponto de vista crítico, nos viria Roland Barthes a dar a págs. 92 dos seus Essais Critiques. Godot não é uma criatura. Uma ausência, eis o **que ele é. Mas uma ausência que existe precisamente na medida em que desempenha determinada função. O que quer dizer que no Teatro os elementos chegam ao ponto de significar sem estarem materialmente lá.**

Podemos então insistir em que, de um modo genérico, o carácter funcional (estruturado) do Teatro, na verdade resulta da «presença» (que pode ser uma não-presença) de múltiplos elementos. As personagens que estão em sistema. As vestes e os utensílios. O cenário. O gesto. A música. E quantas coisas mais ... tudo a integrar-se num conjunto que se organizou para funcionar. Porque o «funcionalismo dos integrantes é a pedra-de-toque do espectáculo, e o carácter eminentemente estrutural do Teatro mede-se por uma ideia em si mesma simples. O conjunto dos elementos é mais do que a sua justaposição ou soma. Ele funciona.

Mas tudo o que funciona, significa e transmite. Mais uma vez me socorro do autor dos **Essais Critiques**, agora para assinalar aquela a que deveremos chamar a natureza cibernética do Teatro. Vejamos porque.

Feita esta pergunta — «o que é o Teatro?» — responde-nos Barthes directamente, a págs. 258, sem hesitação, com uma certeza. O Teatro é uma **espécie de máquina cibernética**. Enquanto em repouso, ela está escondida e insignificante, para lá do pano. Mas tão depressa este se abre, põe-se ela a enviar uma torrente de mensagens na direcção do espectador. Dir-se-ia, por outras palavras, que o Teatro constitui uma verdadeira polifonia informacional. E que toda e qualquer representação cénica vale um acto semântico extremamente denso. Com efeito, ali se nos revelam múltiplas relações da língua e da palavra. Ali percebemos a natureza (analógica, simbólica, convencional) do signo teatral. Captamos as variações significantes desse signo. Entendemos a denotação e as conotações da mensagem. Deparamos, enfim, com toda uma série de problemas fundamentais da semiologia, plenamente presentes (ali) na cena do Teatro.

Afirmado isto, não tenho todavia quaisquer ilusões de ter dito tudo. O Teatro constitui uma máquina cibernética, sem dúvida alguma, mas ele goza de uma diferença que, como «máquina», parece distingui-la de todas as outras.

Trata-se efectivamente de uma máquina que nunca se repete. Isto acontece porque ela dinamiza a narração em virtude de ser, ao mesmo tempo, «letra» e «acção». Todas as noites, aquele que dizemos ser um mesmo espectáculo, se refaz e reacontece. Mas em todas essas noites, esse mesmo acontecimento — já por causas subjectivas, já por determinações circunstanciais, já ainda por múltiplos factores em cada momento de algum modo imprevistos — em todas as noites o espectáculo não é completamente igual ao da sessão anterior.

Jean Hytier observava em **Les Arts de Littérature** (Paris, Charlot, 1945, págs 72) que, enquanto no romance as personagens se exprimem por opiniões, no teatro fazem-no por mostra-nos como no Teatro, à semelhança do que se verifica na poesia, se bem que em menor grau, os significantes se supervalorizam. Designadamente por este aspecto, em cada representação de uma obra teatral o simulacro edificado não reconstitui exactamente o simulacro anterior. Eis aqui o facto do qual eu pretendia partir, quer no que respeita ao gesto, quer aliás no que genericamente concerne a todos os seus outros elementos de significação.

Sendo equivalente ao Cinema naquela supervalorização dos elementos significantes, no entanto o Teatro dele se distingue pela **infixidez** que realiza. E parece-me que, salvo erro, desta verificação tem de arrancar a grande diferença assinalável entre a **crítica de Cinema** (que depara sempre com uma idêntica, porque repetida, imagem projectada de uma mesma película) e a **crítica de Teatro**, que tem de contar com a aludida infixidez dos elementos significantes. O Cinema é um documento que se move mantendo a imobilidade relativa das constelações, ao passo que o Teatro constitui um documentário em que os lugares relativos (logo, a potência significante dos seus elementos) varia em cada tempo de repetição.

Parece, portanto, que uma crítica que tem por objecto o Teatro pode, em função de tudo aquilo que acaba de ser dito, enveredar por um de dois caminhos.

Pode ela ater-se dominantemente, se não exclusivamente, aos significantes no seu aspecto mais directo. Falar deles superficialmente, dizer que estão bem ou mal, etc., etc.... Ou pode, muito ao contrário, preocupar-se antes com uma aturada teorização sobre a própria significância como fenómeno estético, isto é, complexivamente, com os temas culturais referenciados e transmitidos ao público pelas peças em si. No primeiro caso, é evidente, o crítico tende no seu discurso a pronunciar-se sobre a qualidade da actuação dos actores, a aptitude do vestuário, a potência comunicante dos gestos que em concreto presenciou no espectáculo (que em concreto viu). Mas resulta indiscutível que neste primeiro caso a análise do espectáculo a que o crítico assistiu tende a não ser a crítica exactamente aplicável aos espectáculos das noites seguintes. Opostamente porém, naquela outra segunda espécie de crítica, aquela que mais se preocupa com o significado cultural da peça como obra em si mesma considerada, as observações do crítico **respondem perenemente à totalidade viva que o Teatro é** enquanto nele se agita e polemiza a gama dos problemas da sociedade e das suas instituições.

Não estou, evidentemente, a condenar a crítica teatral como texto destinado à Imprensa periódica. Isto é: — não estou a reprovar a crítica imediatista como texto que tem por fim a informação experimentada do público espectador. Isso seria estúpido da minha parte.

Mas é preciso não esquecermos que neste momento aquilo a que procedo é evidentemente à crítica de um livro. Não à crítica das críticas teatrais destinadas, em momentos dados, a dizer determinadas coisas muito directas a um público espectador desses tais momentos. Quando o crítico de Teatro se resolve a reunir (em livro) um somatório das suas críticas de Imprensa periódica, deve portanto, pelo menos no meu ver, conservar à flor do seu critério selectivo aquela regra (parece sina minha o repetir neste artigo, mais uma vez, a presença do estruturalista francês) que Barthes enunciou no prefácio dos seus já aludidos ensaios. **Na verdade, «o escrever tem de seguir acompanhado de um calar», porque «escrever é, de certo modo, fazer-se 'calado como um morto'».**

Na sequência do primeiro tomo dos seus artigos jornalísticos (de crítica), volta hoje Carlos Porto à presença do leitor com o segundo volume de **Em Busca do Teatro Perdido**.

A sua intenção é evidente e até útil. Havemos de confessar que sim. Lendo **hoje** os seus textos críticos **de ontem**, sem dúvida verificamos estar diante de um «registo» daquilo que em determinado espaço de tempo constituiu a representação de Teatro em Portugal. Por seu intermédio constatamos os autores que foram representados. E por quais companhias ou grupos. E aquilatamos aquilo que mais facilmente se representa entre nós e (pela ausência) aquilo que não se representa nem se pode representar. O livro de Carlos Porto dá-nos, enfim, a ideia de um pairar como que dominante de certas estruturas, e também de como estas se opõem (ou não) a uma de todo livre produção de significações.

Por esse lado, é evidente, **Em Busca do Teatro Perdido** até me interessa como livro. Todavia, numa perspectiva de busca com validade que se projecte a uma distância vindoura, o que pergunto é para que servem, na própria e exacta dimensão dessa distância, tantos montes de efemérides (imbuscáveis) como por exemplo estas **que passo a respigar ao acaso, na seara imensa: — «A encenação de Ribeirinho não ajudou a proteger o texto que, assim despojado, perdeu a dignidade que porventura teria» (págs. 142); «... não poderemos deixar de fazer referências especiais ao trabalho do encenador Varela Silva e do cenógrafo Lucien Donnat, que conseguiram traduzir, em termos suficientemente sérios e, até certo ponto surpreendentemente exactos, a complexidade de um texto que joga com valores que fogem, como ficou claro, ao Teatro que normalmente se representa entre nós» (págs. 47); «Sublinhemos, por último, o trabalho (óptimo em muitos aspectos) de alguns colaboradores de Luzia Maria Martins: Ana Máscolo (para os bailados), Carlos Martinho (para os duelos), Baptista Rosa, Francisco Spencer e Sebastião Pinheiro (para o filme) e, sobretudo, Maria Helena Reis, cujos apontamentos de cena se integram funcionalmente na encenação» (págs. 102); «Por sua vez, Henrique Viana ficou àquem do que a sua personagem exigia, embora o seu trabalho estivesse por vezes certo, o que contribuiu para um certo desequilíbrio do conjunto» (págs. 212-213)... E por aí fora, enquanto então fica a boiar uma pergunta minha. Com efeito, numa busca do teatro perdido, que interessará isto aos meus netos?

Não estará Carlos Porto desprovido de razões enquanto escreve a págs 12 deste seu livro: «Não é suficiente uma base teórica para justificar um discurso crítico: é indispensável a prática de um espectadorismo activo, isto é, comum».

De certo modo, também assim eu penso. Não há como o espectadorismo activo. Isto mesmo apesar daquele perigo que o velho padre António Vieira atribuia ao aldeão, o qual julgava — como espectador da natureza — que a lua é um astro maior do que as estrelas que salpicam ou borrifam o firmamento. O que entretanto lamento é **que o espectadorismo activo de Carlos Porto esteja a cada passo prejudicado** por uma tendência irrefreável para o impressionismo, até por vezes entusiasta. Estou a lembrar-me daquele frenético convite que ele fez às gentes das nossas paragens teatrais para irmos em massa usufruir um espectáculo tão reaccionário como **As Criadas**, de Genet. E repare-se ainda, por exemplo, na abertura da sua crítica ao espectáculo de **As Bruxas de Salém**, de Arthur Miller, presente neste livro. Repare-se bem no impressionismo ultra-entusiasta do crítico: — «A peça de Arthur Miller — escreve Carlos Porto a págs. 17 — começa por me impressionar e acaba por me entusiasmar. Acabo, de facto, em deslumbramento. Todavia, eis-me aqui numa sala cheia de senhoras e de senhores conspíquos que aplaudem de luvas, eis-me aqui a berrar: bravo, bravo, bravo». Ou não será verdade que a emoção, o entusiasmo, a impressão, o deslumbramento, todas as coisas como estas obnubilam o juízo?... Quanto ao que me respeita, penso modestamente que sim senhor. Ou estarei enganado?

Se acaso Carlos Porto me perguntasse qual então o tipo de crítica que, segundo me parece, transcende a caducidade do «au jour le jour» do comentário só feito com os olhos postos no jornal diário (já é pecha minha, hoje, esta de citar e re-citar Roland Barthes) era capaz de responder-lhe com a existência de textos como «A Cegueira da **Mãe Coragem**», «A representação do antigo» e «**Sobre A Mãe**, de Brecht», três análises que foram justificadamente buscadas para a salvação do tempo perdido, e que por isso mesmo justificadamente figuram nas páginas dos **Essais Critiques**.

Um mérito, porém, tem este segundo volume de **Em Busca do Teatro Perdido**, relativamente ao primeiro. Ele não está pejado daqueles barbarismos filosofoides que enxameavam o anterior, tais como «a autocoisificação através da fetichização do objecto» (?!?), de págs. 115-116 daquele primeiro volume, e a referência a «uma obra em que significantes e significados se fundem definitivamente» (?!?), de págs. 219.

Mas que sei eu! Ou não é possível que o barbarismo resida antes ingenuamente no meu foro?... Até hoje estive convencido de que a **coisificação** (a reificação, como diriam outros) é um processo de destruição daquilo que de humano têm as relações entre os homens, e que a **fetichização** representa a divinização das coisas enquanto vistas pelo seu (mercantilizado) falso valor de troca. Confesso assim à puridade não entender o que julgo ter pretendido Carlos Porto naquela sua frase — designadamente se o que ele pretende é que as relações humanas se coisificam porque as coisas se divinizam. Enfim!...

Diz Carlos Porto, na portada deste seu segundo livro **Em Busca do Teatro Perdido**, que tal como Burity — seu antepassado nas lides críticas — nem que lhe espetem uma faca, há-de dizer a verdade, há-de dizer a verdade, há-de dizer a verdade. Quanto a mim respeito-lhe evidentemente a posição corajosa, quixotesca até, sem dúvida própria de toda uma teoria dos «sás de miranda» da crítica, uma teoria de todos os intrépidos de um só parecer e do antes quebrar que torcer. Atrevo-me, no entanto, a perguntar, como aliás já se fazia num texto conhecido e antigo: — mas o que é a verdade?... Não quereria Carlos Porto antes afirmar que, com facas ou sem facas, só há-de dizer sempre aquilo que pensa (bem ou mal)?

F. L. S.

ENGENHEIRO ELECTROTÉCNICO

Aceitam-se candidatos para assistente do Departamento de Engenharia Electrotécnica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Enviar «curriculum vitae» ao Director da Faculdade.

IFATE

INSTITUTO DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO E PROFISSIONAL, LDA.

SEMINÁRIO GRÁTIS SOBRE COMPUTADORES

Com início em 18/3/1974

Se pretende tirar um curso de programador e quer ter uma ideia válida sobre programação, informática, linguagem, etc. venha assistir a este seminário

Inscrições limitadas

Peça informações pelo tel. 77 76 61

Mário Vieira de Carvalho

"GEORG SOLTI E O FALSTAFF"

«FALSTAFF» de Giuseppe Verdi. Comédia lírica em 3 actos. Libretto de Arrigo Boito, segundo Shakesoeare. Distribuição: «SIR» John Flstaff, Geraint Evans; Ford, Robert Merril; Fenton, Alfred Kraus; Dr. Caius, John Lanigan; Bardolpho, Piero di Palma; Pistol, Giovanni Foiani; Alice Ford, Ilva Ligabue; Nanetta, Mirella Freni; Miss Quikly, Giulietta Simionato; Meg Page, Rosalind Elias. Orquestra e coro da RCA italiana. Direcção: Georg Solti. Telefunken-Decca, SMA 25059-D/1-3, Stereo (3 discos).

Chegou-me às mãos, já há um certo tempo, esta versão integral do «Falstaff» de Verdi, sob a direcção de Georg Solti. Premiada com dois grandes prémios do Disco, trata-se de mais uma obra-prima da interpretação musical saída das mãos do chefe da orquestra que assinou, entre outras gravações históricas, as integrais da «Tetralogia» de Wagner e das 9 sinfonias de Mahler. Não é a primeira vez que me refiro às gravações de Georg Solti: já a respeito do «Tristão e Isolda» de Wagner e da 6.ª e 9.ª sinfonias de Mahler, tive ocasião de anotar algumas das qualidades que o tornam um dos maiores músicos do nosso tempo. Mas agora, nas vesperas da sua visita ao nosso país — a primeira após a conquista da celebridade — é com particular satisfação que tomo contacto com este «Falstaff» e o dou a conhecer aos leitores.

Composto em 1892, seis anos depois do «Otello», quando Verdi estava prestes a completar os oitenta anos, «Falstaff» é um prodígio de frescura, de imaginação, de agudeza crítica na pesquisa de caracteres humanos e na sua transposição para o teatro e para a música. Não cessa de surpreender as sucessivas gerações que o têm conhecido e admirado ao longo dos oitenta anos mais que decorreram desde a sua estreia no Scala de Milão, a 9 de Fevereiro de 1893.

A singularidade desta obra começa desde logo no próprio contexto da produção verdiana, dado que é a primeira e única comédia assinada pelo autor da «Aida» e do «Rigoletto».

Depois, à medida que se penetra na sua estrutura, vai-se descobrindo que ela é verdadeiramente a cúpula da evolução dramática do compositor. O sentido teatral de Verdi revela-se, é certo, tanto no «quarteto» do **Rigoletto** como no «soneto» do **Falstaff**; a ária de Filipe II no «D. Carlos» não é dramaticamente menos eloquente do que a dissertação sobre o conceito de honra do velho «sir» John; a arte com que cantores, coros e orquestras jogam entre si na «Aida» também nada perde, confrontada com a conjugação atingida na derradeira ópera do grande criador; finalmente, a unidade, a tensão, e o ritmo músico-teatrais do **Otello** precedem, no drama, idênticos atributos que o **Falstaff** representa na comédia. Onde reside então o grande feito do **Falstaff**, a sua pasmosa originalidade?

Algumas respostas possíveis:

1.ª) Na fusão da palavra e da música numa linguagem teatral una, onde já nada resta das chamadas «convenções» tradicionais da ópera. Os monólogos, os diálogos e, de uma maneira geral, a acção cénica, tudo flui segundo a autenticidade (psicológica) das personagens e a veracidade (dramática) das situações. Arias, recitativos, números de conjunto, pulverizam-se ou transformam-se em ordem a realizar o fim supremo: fazer brotar o discurso musical da palavra (das suas inflexões, dos seus matizes expressivos) e do ritmo da acção cénica. Antes do «sprecgesang» schonberguiano, **Falstaff** é, sem dúvida, a primeira ópera **em que se fala** por música. No **Otello**, ainda é possível encontrar um ou outro «número», que introduz um elemento «estático» na estrutura dramática da obra. No **Falstaff** esboços de árias como **quand'ero paggio...** ou **sul fil d'un soffio etesio** (da Rainha das Fadas) inscrevem-se na própria dinâmica da acção como elementos a ela inerentes (que fazem parte da sua lógica interna).

2.ª) Na orquestra, cujo tratamento é aqui muito mais complexo do que em qualquer outra ópera de Verdi, e que não sobra, nem é de menos, casando-se rigorosamente com o princípio estrutural atrás enunciado. Absoluta ausência de retórica ou de «tiradas» gratuitas. Os instrumentos ganham uma grande autonomia expressiva: nunca, até então, Verdi fez do **timbre** um tão grande argumento dramático. Desde o pormenor de certas anotações (por exemplo, a presença do

triângulo, quando se fala de dinheiro ou a sugestão do timbre do órgão, na cena final, numa paródia às ladaínhas religiosas) até ao colorido dos grandes «tutti» (por exemplo, o que sublinha a exclamação de **Falstaff: Alice é mia!**, a encenação tímbrica é um factor expressivo extraordinariamente importante, de que Verdi não abdica em nenhum momento desta ópera.

3.ª) Na síntese, jamais alcançada por Verdi, os frutos de uma tradição operática que ele próprio anteriormente impulsionara, na linha da **opera seria** e não na da **opera-buffa** (é nesta que, afinal, o «Flastaff» se insere, tendo como seus antepassados mais influentes porventura «O Barbeiro de Sevilha» de Rossini e «O Matrimónio Secreto» de Cimarosa), com o regresso ao passado» de certas formas musicais clássicas (a fuga, a valorização da ciência contrapontística) e a herança wagneriana. «Otello» parecerá mais permeável a este último aspecto, e no entanto é-o à superfície. Se alguma das duas óperas utiliza com relevo estrutural o princípio do «movimentiv» essa é, sem dúvida, «Falstaff». Simplesmente, enquanto Wagner o **Leitmotiv** se reveste da metafísica e da lentidão majestática da intriga, no Verdi do «Falstaff» é puro... puro humor! Dois exemplos, apenas, entre muitos possíveis (mais do que parece à primeira vista): os correspondentes à **«Reverenza»** de Miss Quickly, ou o **«te lo cornifico»** de sir John. E a caricatura do **Leitmotiv** wagneriano, ou talvez a sua desmistificação!

Feito este já demasiado extenso «rappel», vamos à análise sumária da gravação.

Os cantores, todos de primeiríssima categoria, formam não direi o elenco ideal (porque não me esqueço do **Bardolph** e do **Pistol** da gravação dirigida por Toscanini) mas, pelo menos, um dos mais equilibrados. Geraint Evans é um comediante imbatível seja por que concorrente for. Enquanto Tito Gobbi (na gravação dirigida por Karajan) utiliza ainda certos «truques» da tradição italiana (v. g. o «falsete» e o «nasalar» da voz) — sem que em todo o caso isso o impeça de construir um Sir John Falstaff de grande porte, cheio de malícia, dentro de uma concepção bastante pessoal e inconfundível, Geraint Evans faz uma autêntica encenação vocal da personagem — segundo a tradição do melhor teatro inglês — e a subtileza das suas mais pequenas inflexões obedece a um rigor de planificação e, ao mesmo tempo, a uma eloquência dramática mais uniformemente mantidas. Dir-se-ia que com Evans é tudo mais natural. (Quanto ao célebre Valdengo, do elenco de Toscanini, a interpretação que deixou registada no acetato não pode competir com a de qualquer destes. E faltaria uma palavra sobre o Falstaff de Fisher-Dieskau, com direcção de Leonard Berstein, mas desconheço de todo essa gravação.

Os outros cantores acompanham-no (é sempre Falstaff quem domina «Falstaff»), ao nível requerido, sem que todavia seja justo omitir uma referência especial a Giulietta Simionato, pelas suas faculdades de actriz, e ao par Mirella Freni-Alfredo Kraus, pela beleza tímbrica e a esplêndida articulação das respectivas linhas vocais.

Sob a direcção de Mestre Georg Solti, os dificílimos conjuntos (em que cada uma das oito ou nove personagens canta ao mesmo tempo algo de diferente com diferente «marcação») não podiam resultar mais perfeitos. O Coro sabe agenciar todas as desejáveis aptidões de expressão ora lírica ora jocosa. E é precisamente esta versatilidade — esta capacidade de transitar, ou melhor, de sobrepor o lírico e o jocoso — que domina as intervenções da orquestra e, de uma maneira geral, a realização vocal-instrumental na sua totalidade.

A excelência técnica da gravação não produziu em Georg Solti — como sempre — qualquer espécie de tentação para explorar efeitos fáceis. O que comanda o seu trabalho é o movimento interior da música, a vida, o teatro que Verdi pôs lá dentro e que Georg Solti se encarrega de nos revelar em toda a sua plenitude. Neste sentido, não deixa de haver uma nítida ligação entre a sua concepção e a de Toscanini (segundo uma gravação antiga realizada em directo a partir de uma récita pública). Este último de resto, é responsável pelo salto decisivo da carreira de Solti, quando em 1937 o nomeou seu assistente no Festival de Salzburgo, para trabalhar entre outras óperas, o «Falstaff».

Em suma: Georg Solti faz reviver no disco o «Falstaff» mais teatral que me lembro de ter visto e ouvido.